FRANKLIN FERREIRA

PREFÁCIO DE RUSSELL SHEDD

AVIVAMENTO PARA A IGREJA

O papel do Espírito Santo e da oração na renovação da igreja



VIDA NOVA

AVIVAMENTO PARA A IGREJA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira, Franklin

Avivamento para a igreja: o papel do Espírito Santo e da oração na renovação da igreja / Franklin Ferreira. – São Paulo: Vida Nova, 2015.

ePub

Bibliografia

ISBN ????? (recurso eletrônico)

1. Espírito Santo 2. Doutrina bíblica 3. Avivamento 4. Santíssima Trindade I. Título

15-0839 CDD 231.3

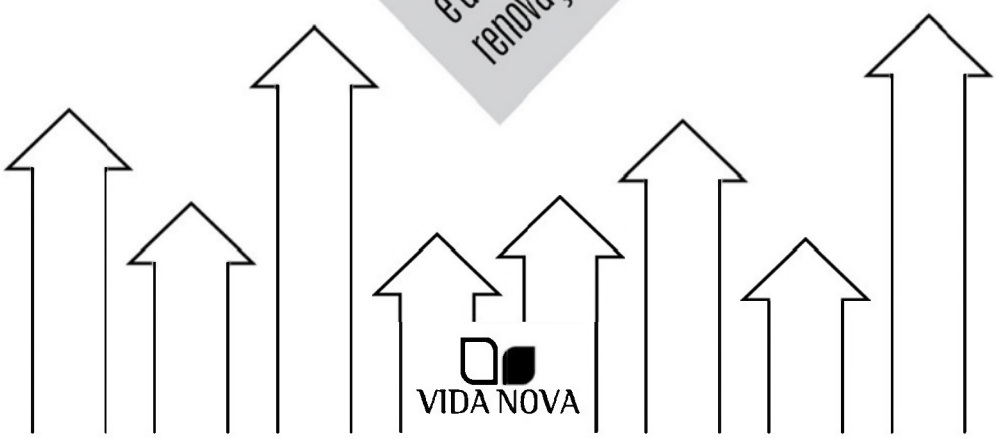
Índices para catálogo sistemático:

1. Renovação espiritual

FRANKLIN FERREIRA

AVIVAMENTO PARA A IGREJA

O papel do Espírito Santo e da oração na renovação da igreja



VIDA NOVA

©2015, de Edições Vida Nova

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970

www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2015

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Almeida Século 21* (A21), salvo indicação em contrário.

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Cristina Ignacio

REVISÃO DE PROVAS

Fernando Mauro Pires

Ubevaldo G. Sampaio

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Caio Medeiros

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO E E-BOOK

Sandra Reis Oliveira

DIAGRAMAÇÃO PARA E-BOOK

Felipe Marques

CAPA

Souto Crescimento de Marca

A Gláucia do Amaral Silva (*in memoriam*)
e a Joel Juvêncio da Silva:
"Mas em nada considero a vida preciosa para mim mesmo,
contanto que eu complete a minha carreira e o ministério
que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho
do evangelho da graça de Deus".
Atos 20.24

No avivamento, os meios comuns de graça produzem uma grande onda de novas pessoas interessadas, pecadores sinceramente arrependidos e crentes espiritualmente renovados. [...] Portanto, o avivamento não é uma curiosidade histórica; é um padrão sistemático de como o Espírito Santo trabalha numa comunidade para impedir ou contra-atacar a natureza do coração humano.

— Timothy Keller, *Igreja centrada*

SUMÁRIO

Prefácio

Introdução

CAPÍTULO 1

A Trindade e a pessoa do Espírito Santo

CAPÍTULO 2

O Espírito Santo, o avivamento e a oração

CAPÍTULO 3

O avivamento na história bíblica

CAPÍTULO 4

A igreja verdadeira, o Espírito Santo e os meios da graça

Palavras finais

PREFÁCIO

ESTE LIVRO COMEÇA por onde todo debate sobre o avivamento deve começar: pela doutrina do Espírito Santo. Trata-se de uma doutrina profunda, que Franklin Ferreira tem facilidade em explicar tanto do ponto de vista histórico quanto bíblico. O autor demonstra deter um conhecimento extraordinário sobre Aquele pelo qual se dão todas as manifestações de renovação.

Algumas afirmações certamente surpreenderão o leitor. O avivamento ocorre na igreja local e não estritamente no indivíduo. A igreja é profundamente transformada. Ele ocorre fora do controle humano, ao contrário do que Charles Finney afirmava. O esforço humano não tem a capacidade de produzir um avivamento. Acontecimentos miraculosos podem ocorrer durante os avivamentos e surpreendem os observadores, como "aquele que viu o corpo de Sarah (esposa de Jonathan Edwards) flutuando acima da cama".

Os avivamentos do Antigo Testamento ocorreram quando, ao enfrentar derrotas militares, opressão de inimigos e grandes necessidades, o povo clamou ao Senhor com quebrantamento, arrependimento e uma nova busca pelo Deus da Aliança. A tendência do coração humano é afastar-se de Deus e mergulhar no pecado. O autor chama de avivamento aqueles casos sucessivos em que o povo de Deus deixa a idolatria e se volta para Deus.

Segundo o autor de *Avivamento para a igreja*, cada vez que a graça é derramada nesses acontecimentos relatados nas Escrituras, ela se dá em maior grau do que nos avivamentos anteriores. A vinda do Espírito Santo no Dia de Pentecostes foi o mais espetacular de todos os avivamentos anteriores da história de Israel. O vento simbolizava a presença do Espírito e o fogo representava uma atividade tanto purificadora quanto julgadora.

O autor, sendo teólogo calvinista, reconhece a necessidade dos meios da graça para recebermos e mantermos a realidade da igreja autêntica. A Igreja Católica se autodenomina a única igreja verdadeira. A Reforma questionou e continua negando que Roma seja a igreja fundada por Jesus Cristo, dadas as aberrações em relação à pregação pura do evangelho e a correta administração dos sacramentos (ordenanças). Os meios da graça são utilizados pelo Espírito Santo para salvar os perdidos e manter a igreja verdadeira no caminho da

verdade, que é Jesus Cristo. Não se encontram referências a denominações nas confissões históricas, nem a templos de alvenaria. A verdadeira igreja abriga todos os que abraçam os meios da graça e assim mantém a convicção de que Cristo é o único caminho da salvação.

Uma seção do livro que me impressionou grandemente foi a abordagem sobre a verdadeira igreja de Jesus Cristo, sobre o batismo e sobre a ceia. Creio que o autor captou bem a verdade do que caracteriza a igreja genuína. Igreja é igreja de verdade quando prega a Palavra juntamente com a operação do Espírito Santo.

A verdadeira igreja não admite que o batismo se reduza a um mero rito pertencente à comunidade local, mas declara que ele é, de fato, um meio da graça que nos une a Cristo. Não admite o rebatismo, uma vez que é o novo nascimento operado pelo Espírito Santo que misticamente integra o crente em Cristo, precedendo e acompanhando todo batismo.

A ceia é mais do que um ritual memorial. Os participantes devem renunciar a todo pecado conhecido para não sofrer as consequências de tomar a ceia indignamente.

Este livro mostra que Franklin Ferreira não é apenas mestre no campo da história da igreja, mas um pensador, especialmente sobre os temas do Espírito Santo e da eclesiologia. Não é possível ler este livro com cuidado sem aprender muito com ele. A obra nos oferece surpresas e nos apresenta razões para pensar e questionar, e quem está disposto a seguir nos passos de Calvino e dos puritanos terá boa oportunidade de crescer no conhecimento de Deus e da teologia.

Dr. Russell Philip Shedd

Presidente Emérito de Vida Nova

INTRODUÇÃO

O ESTUDO DA HISTÓRIA da igreja evangélica brasileira mostra que ainda não aconteceu por aqui um avivamento como os já ocorridos nas igrejas alemã, suíça, holandesa, escocesa, galesa, americana, sul-coreana, sul-africana e de outros países. De fato, temos conhecimento de testemunhos animadores em nosso país a respeito da ação de Deus em igrejas locais; contudo, ainda que nos alegremos com diversas ações do Espírito Santo em nosso meio, somos lembrados de que algo está faltando à igreja evangélica em nossa geração. Em um momento importante da história do Brasil e da América Latina, somos chamados a suplicar que Deus renove sua aliança conosco e nos visite com o poder de seu santo Espírito.

Nesta obra, fiz uma seleção, para análise junto com o leitor, de alguns avivamentos encontrados nas páginas do texto sagrado, no transcurso da história da igreja e também em experiências individuais. Tenho a convicção de que, mesmo que o Deus soberano ainda não nos tenha concedido o privilégio de experimentar movimentos como esses, podemos e devemos ter a esperança de que isso venha a acontecer. Se Deus derramar de seu Espírito sobre nós hoje, provaremos de sua graça e misericórdia como nenhuma geração provou nos quase 160 anos da presença do povo evangélico no Brasil. Nossa confiança é que tal despertamento se dará "não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos" (Zc 4.6).

Os quatro capítulos que compõem esta obra foram ampliados e editados a partir da transcrição de palestras que ministrei recentemente. O leitor ainda encontrará notas de rodapé e também bibliografia, ao fim de cada capítulo, para aprofundar sua leitura. O primeiro capítulo, "A Trindade e a pessoa do Espírito Santo", nasceu de uma palestra proferida em outubro de 2014, na 30.ª Conferência Fiel para Pastores e Líderes da Editora Fiel, em Águas de Lindoia, São Paulo. O segundo, "O Espírito Santo, o avivamento e a oração", surgiu da palestra proferida em outubro de 2012, na Conferência Teológica de Edições Vida Nova ocorrida na Igreja Batista da Capunga, em Recife, Pernambuco. O terceiro, "O avivamento na história bíblica", vem de uma palestra proferida em maio de 2014, no Projeto Água da Vida, em Niterói, Rio de Janeiro. O quarto e último capítulo, "A igreja verdadeira, o Espírito Santo e os meios de graça",

tem por base a palestra proferida também em outubro de 2014, na mesma 30.ª Conferência Fiel para Pastores e Líderes, e depois ministrada em versão expandida no encontro da Restore Brasil, ocorrido naquele mesmo ano no Rio de Janeiro.

Para os que desejarem se aprofundar nos estudos sobre a Trindade e sobre a pessoa do Espírito, especialmente por meio de trabalhos históricos e exegéticos, recomendo que consultem a minha *Teologia sistemática*: *uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*, que escrevi em coautoria com Alan D. Myatt. A outra *Teologia sistemática* de minha autoria, integrante do Curso Vida Nova de Teologia Básica, também pode ser de grande valia ao leitor. Ambas as obras foram publicadas por Edições Vida Nova. Além delas, ao final de cada capítulo, o leitor encontrará várias indicações de leitura para aprofundamento.

Agradeço à equipe de Edições Vida Nova, especialmente ao editor Fabiano Silveira Medeiros, por seu ótimo trabalho realizado neste livro. Estendo minha gratidão também aos revisores Cristina Ignacio, Fernando Mauro Pires e Ubevaldo G. Sampaio, que fizeram as correções necessárias, assim como a Caio Barrios Medeiros, que transcreveu pacientemente as quatro palestras que serviram de base para esta obra. Eventuais erros e imprecisões são de minha inteira responsabilidade.

É meu anseio que este livro nos ajude a orar com o salmista: "Vejam isso os aflitos e se alegrem; quanto a vós outros que buscais a Deus, que o vosso coração reviva" (Sl 69.32, ARA). E que em tudo o Deus trino receba a glória! Que o hino de Thomas Ken, composto no século 17, *A Deus, supremo Benfeitor*, nos infunda tal paixão:

> A Deus, supremo Benfeitor,
> anjos e homens dai louvor;
> a Deus o Filho, a Deus o Pai
> e a Deus Espírito, glória dai. Amém.[1]

1 Thomas Ken (1692); Louis Bourgeois (1551), *Novo cântico: hinário presbiteriano*, tradução de Guaraci Silveira, hino 6, disponível em: http://novocantico.com.br/hino/006/006.xml, acesso em: 24 jul. 2015.

Capítulo 1

A TRINDADE E A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO

Tratar da Trindade e do Espírito Santo em particular, que é a proposta deste capítulo, não é algo fácil nem simples, uma vez que meditar sobre o assunto implica entrar em campo santo. Além disso, para transitar por esse território, é preciso temor e tremor.

Em Êxodo 20.3, encontramos um mandamento muito simples: "Não terás outros deuses além de mim". Com muita propriedade, o teólogo suíço Karl Barth recomenda que tratemos esse mandamento como um *axioma teológico*, ou seja, uma ordem teológica fundamental.[1] É curioso observar, porém, a facilidade com que essa ordem é violada, ainda que seja tão objetiva e direta. Toda vez que adoramos uma divindade menor ou diferente daquela que se revela nas Escrituras, cometemos o pecado da idolatria e, assim, quebramos o primeiro mandamento. Em outras palavras, se adoramos outro deus que não o Deus trino — Pai, Filho e Espírito Santo —, desobedecemos ao mandamento e desagradamos profundamente a Deus.

Temos de lidar então com um problema de ordem prática. Ao mesmo tempo que cremos na Trindade, vivemos uma tensão não resolvida quando consideramos o dogma trinitário. Alguns círculos eclesiásticos, por exemplo, ressaltam mais a pessoa do Pai e/ou a pessoa do Filho. Em comunidades que valorizam mais a santificação ou as leis de Deus, o foco é o Pai; em comunidades que privilegiam a pregação evangelística ou o discipulado, o foco é o Filho — algumas chegam a concentrar toda a pregação e devoção em Jesus Cristo. O que se percebe, assim, é uma espécie ou de binitarismo ou então cristocentrismo exclusivo que acaba por guiar a prática, o louvor e a oração dessas igrejas. Em ambos os tipos, quase nada é dito a respeito do Espírito Santo.

Existem ainda as comunidades em que a primazia é conferida ao Espírito Santo. É ele que é invocado e recebe as súplicas. Estabelece-se aí uma dependência em relação a ele para a concessão de dons,

talentos, curas, milagres, exorcismos, sinais e prodígios. Não raro, infelizmente, o Espírito, considerado à parte das demais Pessoas divinas, é reduzido a uma energia divina impessoal e assim tratado.

Em todos esses casos, o que se vê são distorções que têm entre si, como elo comum, o rompimento do dogma da santa Trindade conforme revelada nas Escrituras e expressa de modo resumido nos grandes documentos doutrinais comuns a todos os ramos do cristianismo: o Credo dos Apóstolos, o Credo de Niceia/Constantinopla, a Declaração de Fé de Calcedônia e o Credo de Atanásio. Nessas comunidades que mencionamos, o realce repousa, quando muito, em duas pessoas da Trindade ou, em alguns casos, em uma só, mas o Deus cristão — o nosso Deus — é Pai, Filho e Espírito Santo. Assim ele é e foi assim que se revelou nas Escrituras.

Como relembramos o leitor, porém, o mandamento de Êxodo 20.3 é claro: "Não terás outros deuses além de mim". Desse modo, sempre que uma das Pessoas da Trindade é considerada de forma isolada, o Deus que está sendo cultuado é outro. Por isso, não é difícil concluir que o pecado da idolatria também opera sutilmente em nosso meio. Mesmo próximos do altar ou no púlpito, mesmo como membros comungantes de uma igreja evangélica, podemos violar o primeiro mandamento. E parece que, tristemente, a maioria do povo de Deus tem feito exatamente isso há muito tempo.

Nessa tensão, é curioso notar que, em igrejas com foco no Pai e no Filho ou exclusivamente no Filho, a ênfase é mais cognitiva ou mais evangelística. Muito da abordagem da espiritualidade passa ou pela aquisição do saber e do conhecimento doutrinário, ou pela decisão de seguir a Jesus Cristo. Já em igrejas cujo foco se concentra no Espírito Santo, a ênfase é mais devocional ou experiencial, e não evangelística ou cognitiva. Se nesse campo deslizarmos para as heresias (não podemos esquecer de forma alguma que o primeiro mandamento é um "axioma teológico"), como no caso do macedonismo (do qual trataremos ainda neste capítulo), teremos consequências graves em nossa devoção e peregrinação cristã.

Meu desafio, por esse motivo, é tentar mostrar a seguir a relação do Espírito Santo com o Pai e com o Filho, bem como a obra do Espírito na economia da salvação. Para iniciarmos, vamos tratar do Espírito Santo com a divindade que lhe é inerente.

A DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO

Os chamados pais da igreja foram escritores fundamentais para a igreja cristã, do começo do segundo século a meados do sétimo. Receberam esse título por causa de seu testemunho abalizado de fé.

Segundo o teólogo Thomas Oden, esses homens estabeleceram, à luz da Sagrada Escritura e em comum acordo, quatro provas bíblicas da divindade de cada pessoa da Trindade.[2] Aplicadas ao Espírito Santo, essas provas conduzem à percepção de que o Espírito é divino, uma vez que são verificadas em toda a Escritura, como vemos a seguir.

OS NOMES DE DEUS

No Antigo Testamento, o Espírito é chamado "Espírito de Deus", isto é, o Espírito que procede de Deus (veja Gn 1.2; 41.38; Êx 31.3; 35.31; Nm 24.2 etc.). É também chamado "Espírito do Senhor" (veja Jz 3.10; 6.34; 11.29; 13.25; 14.6,19; 15.14 etc.).

O mesmo ocorre no Novo Testamento, em que o Espírito é chamado "Espírito de Deus" (veja Mt 3.16; 12.28; Rm 8.9,14; 1Co 2.10,14 etc.). Cumpre lembrar, porém, que no Novo Testamento o substantivo próprio *Deus* se refere em primeiro lugar ao Pai, mostrando assim que o Espírito procede do Pai. Também devemos ter em mente que o nome *Senhor*, que é empregado no Antigo Testamento em referência ao Eterno, é usado no Novo Testamento para se referir a Jesus Cristo (veja Fp 2.5-11; Is 45.23,24; 50.4-9; 52.13–53.12). Logo, o Espírito também é chamado "Espírito do Senhor" (veja At 5.9; 8.39; 2Co 3.17) e "Espírito de Cristo" (veja Rm 8.9; Fp 1.19; 1Pe 1.11), estabelecendo-se a noção de que o Espírito também procede do Filho.

Em Isaías, um termo atribuído ao Eterno é *o Santo* (Is 1.4; 5.19,24; 10.17; 12.6 etc.). A expressão aparece muitas vezes no texto desse importante profeta do Antigo Testamento. No Novo Testamento, o substantivo *Santo* é atribuído ao Espírito que vem da parte do Pai e do Filho. O primeiro ponto que podemos estabelecer, então, quando consideramos a divindade do Espírito Santo, é que ele recebe os nomes que o próprio Deus uno compartilha (At 1.8; Jo 15.26; Rm 8.14). O Espírito carrega os nomes da única divindade.

OS ATRIBUTOS DE DEUS

Entramos aqui em um terreno que pode causar certo desconforto. Geralmente pensamos nos atributos de Deus como atributos exclusivos do Pai ou de Deus considerado de forma abstrata.

Precisamos ser bem claros, no entanto, e afirmar que, na doutrina da Trindade, todas as Pessoas compartilham dos mesmos atributos. O Novo Testamento, por exemplo, afirma que o Espírito é o "Espírito da glória" (1Pe 4.14), o "Espírito eterno" (Hb 9.14), que existe desde a eternidade, o "Espírito da graça"(Hb 10.29) e o "Espírito da verdade" (Jo 14.17; 15.26; 16.13; 1Jo 4.6). Em outras palavras, o Espírito Santo partilha com o Pai e com o Filho dos nomes de Deus e dos atributos da divindade. O Pai, o Filho e o Espírito compartilham das mesmas características do ser uno e divino (veja Sl 139.7-10; Lc 1.35,37; 11.20; Jo 14.26; 16.13; Rm 8.2; 1Co 2.10-12; Hb 9.14).

Como o apóstolo Paulo escreveu, "o Espírito examina todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus" (1Co 2.10). Há uma comunicação de amor em Deus que envolve, sempre, as três Pessoas divinas. Assim, para lembrar Agostinho de Hipona, podemos afirmar que o Espírito Santo é o elo dessa comunhão de amor.[3]

AS OBRAS DE DEUS

Neste aspecto, somos novamente surpreendidos pelo ensino da Escritura. Estamos acostumados a distinguir as pessoas da Trindade pelas obras que cada uma faz: o Pai é o criador, o Filho é o salvador e o Espírito é o santificador.

Em um estudo mais aprofundado sobre as pessoas divinas, no entanto, o que descobrimos é que o Espírito participa das obras da Criação, da salvação e da santificação, junto com o Pai e com o Filho. Lembremos do antigo dito latino: "As obras externas da Trindade são indivisíveis" (*opera ad extra Trinitatis indivisa sunt*).

Em tudo o que o Deus trino faz, todas as pessoas divinas se relacionam e se envolvem umas com as outras. Portanto, o Espírito Santo opera as mesmas obras que o Pai e o Filho (Mt 12.28; Jo 3.5; At 28.25; 2Ts 2.13; 1Pe 1.2; 2Pe 1.21).

O LOUVOR DO QUAL DEUS É DIGNO

Prosseguindo no exame do ensino das Escrituras como sistematizado pelos pais da igreja acerca da plena divindade e coigualdade das Pessoas divinas, há mais um ponto importante a ser afirmado.

Ao tratar do Espírito Santo, o Credo Niceno-Constantinopolitano (estabelecido em Nicéia, em 325, e ampliado em Constantinopla, em 381) afirma que ele, "juntamente com o Pai e com o Filho, é adorado

e glorificado". Portanto, o Espírito Santo é digno do mesmo louvor e adoração que oferecemos ao Pai e ao Filho (Mt 28.19; 1Co 3.16; Jo 4.24). Como afirmou o teólogo escocês Sinclair Ferguson, "não adoramos a qualquer pessoa como se a sua pessoalidade pudesse ser de alguma forma abstraída ou separada da sua participação na singular essência de sua divindade".[4]

* * * * *

Acabamos de ver aqui quatro afirmações bíblicas e teológicas aplicadas ao Espírito Santo que atestam sua igual divindade junto com o Filho e com o Pai.

Podemos, porém, ir um pouco mais adiante, já que no Novo Testamento observamos os apóstolos, inspirados por Deus, estabelecendo a plena igualdade do Espírito Santo em relação ao Pai e ao Filho. Na fórmula batismal, por exemplo, somos ordenados a batizar e ser batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19). O Evangelista, inspirado por Deus, confirma a plena igualdade das três Pessoas da Deidade.

Em 1Coríntios 12.4-6, o apóstolo diz: "Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de realizações, mas é o mesmo Deus quem realiza tudo em todos". Alguns comentaristas são de opinião que as três palavras que aparecem nesse trecho — Espírito, Senhor e Deus — seriam uma ênfase à divindade do Espírito Santo. De minha parte, entendo que Paulo apenas usou as palavras comumente empregadas no Novo Testamento em referência à Trindade (Espírito, Senhor — atribuída a Jesus — e Deus — atribuída ao Pai), com a intenção de mostrar aos crentes de Corinto que, assim como há unidade e diversidade em Deus, uma igreja local também deve demonstrar unidade e diversidade (no caso, diversidade em relação aos dons espirituais).

É fato que Mateus utiliza a sequência Pai, Filho e Espírito, ao passo que Paulo inverte a ordem: primeiro cita o Espírito Santo, depois o Senhor Jesus e depois Deus Pai (e aqui é importante afirmar nossa crença na inspiração verbal). No entanto, independentemente da ordem empregada, o que está de fato em jogo é o uso de uma expressão comum no Novo Testamento para indicar a unidade na diversidade da Trindade. Em 2Coríntios 13.13, o apóstolo conclui a carta com a bênção que recebemos domingo após domingo, a

chamada "bênção apostólica". E as palavras da bênção hoje repetidas por ministros do evangelho ao final dos cultos são: "A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós". Note-se que nesse versículo há nova mudança na ordem dos nomes: Paulo menciona Jesus em primeiro lugar, depois Deus e depois o Espírito Santo.

Uma questão delicada diz respeito ao risco do chamado subordinacionismo, quando se atribui alguma espécie de subordinação ou inferioridade ao Filho e especialmente ao Espírito em relação ao Pai. É sempre necessário exercer cuidado na formulação de declarações a respeito da Trindade. Há, porém, pastores que tentam, por assim dizer, "consertar" o texto bíblico e impor a esse versículo um tipo de hierarquia que o próprio texto não ensina. Inadvertidamente, por vezes, abençoam a igreja em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, quando o versículo, divinamente inspirado, menciona o Filho, seguido do Pai e seguido do Espírito. Mais adiante, veremos por que isso acontece.

Paulo afirma que "somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne" (Fp 3.3, ARA). Observe a ordem: Deus, Espírito, Cristo. Importante é essa "dança" entre as Pessoas da Trindade (o que não deve escandalizar, pois a imagem teológica de uma dança entre as Pessoas divinas não é nova: C. S. Lewis usou-a no contexto de seu estudo das relações trinitárias, na obra *Cristianismo puro e simples*, assim como Tim Keller, que a repetiu em seu comentário ao evangelho de Marcos, *A cruz do rei*).

Observe o que o apóstolo Pedro, seguindo o mesmo padrão de variação, afirma: "Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, pela santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas" (1Pe 1.2). E, por último, Judas nos mostra como preservamos a nossa fé santíssima: "Mas vós, amados, edificando-vos sobre a vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo, conservai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna" (Jd 20,21).

O objetivo dessas declarações trinitárias dos autores canônicos do Novo Testamento é demonstrar a plena igualdade entre o Pai, o Filho e o Espírito. Por toda a eternidade, não há em Deus nenhum

elemento de subordinação ou inferioridade. E aqui começamos a ser desafiados, porque, na prática, e muitas vezes sem perceber, acabamos atribuindo algum tipo de relação hierárquica entre as pessoas divinas. Se o único Deus, Pai, Filho e Espírito, é o centro do nosso culto, não podemos errar nesse ponto.

Um destacado pai da igreja, Basílio de Cesareia, foi categórico ao afirmar:

> Mas não atenuaremos a verdade, nem por temor trairemos nossa aliança. [...] O Senhor nos transmitiu como doutrina obrigatória e salvífica que o Espírito Santo está na mesma ordem que o Pai. [...] Cientes da salvação operada pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, abandonaríamos o modelo de salvação que recebemos? [...] Por meio do Filho que é um, ele [o Espírito Santo que é um] se religa ao Pai, que também é um, e por si completa a Trindade bem-aventurada, digna de todo louvor.[5]

Precisamos estar alertas em relação a um problema comum quando se aborda esse tema. Muitos livros que tratam das Pessoas da Trindade, tantos os voltados para leigos quantos os para acadêmicos, tendem a ordenar as pessoas da Trindade. Não raro, vemos um autor declarar que Jesus Cristo é a segunda pessoa da Trindade ou referir-se ao Espírito como a terceira pessoa da Trindade. Esse tipo de linguagem é, contudo, imprópria à Deidade.

Creio que caiba aqui uma breve digressão: na transição entre o quarto e o quinto séculos, Basílio de Cesareia escreveu seu importante *Tratado sobre o Espírito Santo*, com o objetivo de refutar uma heresia chamada macedonismo. A heresia surgiu em Constantinopla, engendrada por um patriarca, chefe da igreja naquela cidade, chamado Macedônio, que propunha uma reinterpretação da Pessoa do Filho, Jesus Cristo, para poder assim firmar a exclusividade do Pai.

Macedônio entendia que o Filho era eternamente subordinado ao Pai. De um lado, ele não queria descartar o Espírito Santo, mas, de outro, não queria conferir-lhe a honra devida ao Filho e ao Pai. Assim, Macedônio agiu de duas maneiras: primeiro, afirmou que o Espírito Santo era um poder ou energia vinda do Pai e do Filho, e segundo, na tentativa de criar uma espécie de hierarquia divina, ordenou as pessoas da Deidade. Daí surgiu a heresia macedonista, também chamada pneumatoquianismo ou a "heresia dos adversários/inimigos do Espírito Santo".

Se Deus é indivisível e uno, não é possível dividir as Pessoas da Trindade, uma vez que essas Pessoas divinas não se somam, como em simples operação matemática. Recorremos mais uma vez às

declarações do patriarca de Cesareia: "Se, de fato, 'subenumerais' [subordinais] o Filho, renovais a mesma doutrina ímpia, a saber, [o fato de] existir desigualdade quanto à essência, [de] haver diminuição de dignidade, [de] ser posterior à origem; em resumo, verificar-se-á simultaneamente uma restauração de todas as blasfêmias contra o Unigênito por uma única palavra".[6] Para Basílio, se oficiais eclesiásticos cometessem heresia ao tratar do Espírito Santo e não lhe dessem a glória devida, fatalmente a igreja roubaria a glória do Filho, dando a entender que o Filho é eternamente subordinado — e, portanto, inferior — ao Pai.

Basílio prossegue: "Há um só Deus Pai, um só Filho Unigênito, um só Espírito Santo. Anunciamos cada uma das hipóstases singularmente. E se fosse conveniente 'conumerar', não nos deixaríamos levar por rude enumeração a uma ideia politeísta".[7] Desse modo, ainda que seja popular referir-se ao Filho como "segunda pessoa da Trindade" e ao Espírito como "terceira pessoa da Trindade" (eu mesmo já cometi o erro de me expressar assim), essa é uma forma imprópria de nos referirmos à Deidade, ao único Deus, o qual se revela como o eterno Pai, Filho e Espírito Santo.

Por isso, quando os autores canônicos inspirados destacam essa dança, por assim dizer, da ordem das pessoas na Divindade, o que querem afirmar e estabelecer como verdade dogmática, que devemos professar e na qual devemos crer, é que há plena igualdade na eternidade entre Pai, Filho e Espírito Santo. As três Pessoas divinas, como escreveu John Owen, "*conhecem* umas às outras, *amam* umas às outras, *deleitam-se* umas nas outras".[8] Não há nenhum tipo de subordinação ou hierarquia entre as Pessoas divinas. Antes, compartilham dos nomes de Deus, demonstram seus atributos, operam as mesmas obras divinas externamente e são as três dignas de todo o louvor, toda a honra e toda a glória. Ainda assim, como Sinclair Ferguson destaca, "cada Pessoa [da Trindade] expressa sua pessoalidade específica tanto internamente (em relação às outras Pessoas) quanto externamente (em relação ao cosmo e especialmente à humanidade)".[9]

O ESPÍRITO SANTO É UM SER PESSOAL

O Novo Testamento chama o Espírito Santo de "Paráclito" (Jo 14.26; 15.26; 16.7), algumas vezes traduzido por "Consolador" ou, como sugerem Andreas Köstenberger e Scott Swain, "Presença

auxiliadora”[10].

Tendo em mente que o Espírito Santo é um ser pessoal (Jo 16.14), podemos avançar um pouco mais e observar as qualidades pessoais que o caracterizam: ele tem inteligência (Jo 14.26; 15.26; Rm 8.16), vontade (At 16.7; 1Co 12.11) e sentimentos (Is 63.10; Ef 4.30); ele fala, santifica, ordena, revela, luta, cria, intercede, vivifica os mortos — e, eu acrescentaria, mata quem não tem temor dentro da igreja. O apóstolo Tiago afirma que o Espírito “tem muito ciúme” daqueles que são filhos de Deus (Tg 4.5).

Além disso, é preciso ressaltar que o Espírito Santo é distinto de seu poder (veja Lc 1.35; 4.14; At 10.38; Rm 15.13; 1Co 2.4). Lucas, por exemplo, diz a respeito de Jesus que “Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder” (At 10.38). Isso significa que o Espírito Santo não é uma energia; antes, a energia do Espírito pessoal é que é o seu poder.

Por ser pessoal, de acordo com o ensino bíblico o Espírito Santo se relaciona com o Pai e com o Filho. Também se relaciona com os seres humanos, como vemos no relato de Lucas, segundo o qual o Espírito Santo deu ordens à igreja de Antioquia, indicando quem a comunidade deveria separar para servir no campo missionário, em resposta às orações e jejuns que a comunidade estava fazendo (At 13.1-4).

Em síntese, sobretudo no Novo Testamento, mas também segundo o Antigo, o Espírito Santo é um Ser pessoal, tanto quanto o Pai e o Filho. Desse modo, junto com o Pai e com o Filho, o Espírito Santo é o único Deus, e os três compartilham igualmente a mesma essência divina.

A fim de prosseguir e aprofundar nosso estudo, recorro à linguagem teológica para esclarecer que até aqui estou tratando do que chamamos “Trindade imanente”, ou seja, a Trindade em si, o Deus da eternidade em si mesmo. Desse modo, o que temos é um relacionamento pessoal entre o Pai, o Filho e o Espírito, um relacionamento de amor desde a eternidade. Se houver necessidade de distinguir o Pai do Filho e do Espírito, isso não deve ser feito levando-se em conta suas obras, mas apenas seus nomes divinos. O Pai sempre foi o Pai. O Pai é incriado e gerou eternamente o Filho — e, nunca é demais lembrar, a maneira que nos referimos à geração eterna envolve-nos no paradoxo e no mistério. O Filho sempre foi o

Filho eterno, isto é, desde toda a eternidade; e o Pai e o Filho se amam tão intensamente, que esse amor se revela na pessoa do Espírito Santo, o vínculo de amor entre o Pai e o Filho. Assim é Deus na eternidade.

O próximo passo é observar Deus agindo na economia, na história da nossa redenção. Dentro daquilo que a teologia chama Trindade econômica, Trindade é considerada em sua autorrevelação na história da humanidade, em sua ação visando à nossa participação na comunhão trinitária. Seguindo a tradição cristã histórica, rejeitamos todo subordinacionismo e toda ideia de que haja uma hierarquia em Deus; logo, qualquer tipo de inferioridade, mesmo funcional, deve ser desprezada como perversão do ensino bíblico.

Quando, porém, nos voltamos para a economia e para a obra de Deus na história da redenção, precisamos afirmar que há uma espécie de subordinação apenas temporária e funcional entre essas três Pessoas. Para tornar essa ideia mais clara, consideremos que na Trindade imanente, isto é, a Trindade considerada em si mesma, em sua eternidade, há plena igualdade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo — plena comunhão, plena glória e pleno louvor entre as três Pessoas da Deidade eterna. Já na Trindade econômica, isto é, a Trindade considerada em sua revelação na história, há uma subordinação temporária e determinada pela ação divina.

O ESPÍRITO SANTO NA VIDA DE JESUS

Avançando para o terreno da Trindade econômica, um ponto importante para nós é que o Espírito Santo operou em Jesus em seu nascimento, em sua vida, em sua morte e em sua ressurreição.

Os Evangelhos afirmam, por exemplo, que Maria estava grávida pelo Espírito Santo (Lc 1.35) e asseguram que o que nela foi gerado é do Espírito Santo (Mt 1.18,20). Como afirmou Sinclair Ferguson, "assim como pairava sobre as trevas na primeira obra da criação, o Espírito também pairou sobre a escuridão do ventre da virgem Maria".[11] Os credos cristãos, seguidos por milhares de fiéis no decorrer dos séculos, proclamam que Jesus nasceu da virgem por obra do Espírito Santo. Aquele Espírito que operou com poder na Criação operou também na nova criação e na encarnação do nosso Salvador. Em sua natureza humana, "Jesus 'cresceu' *em santidade*", como escreve Ferguson, "de santidade para santidade". Em outras palavras, "o Espírito o capacitou a progredir passo a passo com sua maturação

natural" (cf. Lc 2.52).[12]

Por toda a vida de Jesus, o que se observa é o Espírito Santo em ação. Uma ilustração vívida do relato da Criação (Gn 1.1-31) pode ser encontrada nas narrativas do batismo de Jesus nos Evangelhos (Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32; cf. At 10.38), nas quais observamos as três Pessoas divinas em ação: o Pai no céu, o Filho, nas águas e o Espírito Santo sobre as águas, pairando com poder sobre o Filho. Nas quatro descrições do batismo de Jesus, há um eco do primeiro capítulo de Gênesis, marcando uma nova etapa na história da redenção: a renovação da Criação. Em todas, a voz divina ecoa: "Este é o meu Filho amado, de quem me agrado".

Logo após o batismo, os Evangelhos contam que o Espírito impeliu Jesus ao deserto para ser tentado e, depois da tentação, o tirou do deserto e o conduziu a seu ministério (Lc 4.1-14). Em Atos 10.36-43, Pedro afirma que os milagres, sinais e prodígios de Jesus foram operados por meio do poder do Espírito Santo. Foi o Espírito quem preparou Jesus para a crucificação e o conduziu como ovelha muda para o matadouro (Hb 9.14). Foi também o Espírito Santo, junto com o Pai, que tirou Jesus da tumba, ressuscitando-o dos mortos (Rm 1.4). O mesmo poder criador presente na Criação operou na recriação, na ressurreição de Jesus. Assim, toda a vida de Jesus foi uma vida cheia do Espírito Santo.

A primeira obra que Jesus realizou depois da sua exaltação à direita do Pai foi o envio do Espírito Santo. O apóstolo João fornece uma prévia dessa vinda do Espírito Santo (Jo 20.21-23), e Lucas registra que, depois da ascensão de Jesus aos céus, o Espírito Santo foi derramado com poder sobre toda a igreja, transformando toda a história do mundo antigo (At 2.1-4). Todos esses fatos mostram que, na economia da salvação, o Espírito Santo opera com poder em toda a vida do Filho eterno de Deus.

O ESPÍRITO SANTO PROCEDE DO PAI E DO FILHO

Uma vez que Cristo foi elevado aos céus, o Espírito Santo foi enviado à igreja pelo Pai e por meio do Filho. O Espírito é o Espírito de Cristo no mesmo sentido que é o Espírito de Deus que ressuscitou a Jesus Cristo dos mortos (Rm 8.9,11).

O apóstolo Paulo afirma que foi mediante o Espírito de santidade que Jesus foi "declarado Filho de Deus com poder" (Rm 1.4, NVI). A

expressão "Filho de Deus com poder" nos remete a Filipenses 2.5-11, em que somos informados que Jesus recebe um nome que nenhum outro tem. Logo nos primeiros versículos da Epístola aos Romanos, a mais completa apresentação da teologia de Paulo, o apóstolo afirma que o Espírito Santo concedeu um nome a Jesus por meio da ressurreição, e esse nome é "Filho de Deus poderoso" ou "Filho de Deus com poder" (1.4). Algumas versões bíblicas, como a Almeida, Revista e Atualizada (ARA), grafam a palavra "espírito" nesse versículo com inicial minúscula. O contexto da passagem e da epístola, porém, remete ao Espírito Santo, e por isso outras versões, entre as quais a Almeida Século 21 (A21) e a Nova Versão Internacional (NVI), registram a palavra com inicial maiúscula — "Espírito". Entendo ser essa a grafia mais apropriada, uma vez que a estrutura da Epístola aos Romanos é trinitária.

O Espírito Santo não é eternamente gerado, pois isso é um atributo do Filho, mas o Espírito Santo, na eternidade, procede do Pai e do Filho, e esses são fatores que distinguem as Pessoas da Trindade (Mt 3.11; Jo 15.26; 16.15; At 2.33). O Pai é incriado, como os credos antigos estabeleceram, o Filho é eternamente gerado e o Espírito procede do Pai e do Filho. O apóstolo João, por exemplo, afirma: "Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, esse dará testemunho acerca de mim" (Jo 15.26). Isso significa que, na aliança eterna, o Pai e o Filho sopram, por assim dizer, e derramam o Espírito sobre a comunidade dos fiéis.

Pelo fato de proceder do Pai e do Filho, o Espírito é descrito como um Ser pessoal, que mantém com o Pai e com o Filho a mais estreita relação (veja 1Co 2.10,11; 2Co 3.17). Não é demais repetir que as obras externas da Trindade são obras de toda a Trindade (*opera ad extra Trinitatis indivisa sunt*). Assim, o que o Espírito faz hoje em nosso meio também é obra do Pai e do Filho.

Portanto, o Espírito Santo é algo comum ao Pai e ao Filho. Para Agostinho, "o Pai é apenas o Pai do Filho, e o Filho apenas o Filho do Pai; o Espírito, entretanto, é o Espírito tanto do Pai como do Filho, unindo-os em um vínculo de amor".[13] Desse modo, o Espírito Santo é o "elo que une, por um lado, o Pai e o Filho e, por outro, Deus e os cristãos. O Espírito é um dom dado por Deus que une os cristãos a Deus e aos demais cristãos. O Espírito Santo forma os elos de união entre os cristãos, dos quais depende fundamentalmente a unidade da

igreja. A igreja é o 'templo do Espírito Santo', e em seu interior o Espírito Santo habita. O mesmo Espírito que une o Pai e o Filho, tornando-os um, também une os cristãos em uma só igreja".[14] Ouçamos com atenção as palavras do apóstolo João:

> Amados, amemos uns aos outros, porque o amor é de Deus, e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. O amor de Deus para conosco manifestou-se no fato de Deus ter enviado seu Filho unigênito ao mundo para que vivamos por meio dele. Nisto está o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus nos amou assim, nós também devemos amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e seu amor é em nós aperfeiçoado. Assim, sabemos que permanecemos nele, e ele em nós, por ele nos haver dado do seu Espírito. E nós temos visto e testemunhado que o Pai enviou seu Filho como Salvador do mundo. [...] Nós amamos porque ele nos amou primeiro (1Jo 4.7-14,19).

Percebemos que a referência de Agostinho ao Espírito como o vínculo de amor da Trindade, que citamos anteriormente, é um resumo dessa passagem bíblica. O que João afirma é que o Pai ama e envia o Filho. Sabemos também que o Filho e o Pai nos amam, uma vez que o Filho foi dado para a nossa propiciação; além disso, experimentamos o amor tanto do Pai quanto do Filho, porque o Espírito Santo foi derramado sobre nós. Trata-se de uma passagem de contornos trinitários, que Agostinho parece condensar no trecho de seus escritos que citamos aqui. O que se conclui dessa análise é que o Espírito Santo nos foi enviado para continuar, aplicar e consumar a obra de Cristo na terra. Assim como a encarnação se baseou na unidade do Pai com o Filho, a obra do Espírito baseia-se em sua unidade com o Pai e com o Filho (Jo 16.14,15).

Com o objetivo de ampliar ainda mais a visão acerca desse relacionamento, podemos dizer que cada Pessoa da Trindade busca a glória da outra. É nessa dança de glória, por assim dizer, que temos a unidade da Deidade. O Pai quer glorificar o Filho, e o Filho quer glorificar o Pai. A forma de o Pai glorificar o Filho é enviar o Espírito Santo, a fim de que lembremos de tudo o que o Filho ensinou e façamos, se possível, obras maiores do que as que o Filho fez. Quanto mais o Espírito opera entre nós, mais o Filho é glorificado e, consequentemente, mais o Pai é glorificado (Jo 14.26; 17.1-5).

Portanto, para quem entende ser egoísta a primeira resposta do *Breve catecismo de Westminster* — "O fim principal do homem é glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre" —, convém lembrar que, quando buscamos a glória de Deus, estamos imitando a Deidade, o Deus trino, da forma mais profunda possível. Glorificar a Deus é em

alguma medida viver como cada Pessoa da Trindade, que, na magnífica dança de amor, busca a glória da outra, de eternidade em eternidade.

Mais uma vez, vejamos o que Basílio de Cesareia tem a nos dizer:

> Atesto a todo aquele que confessa o Cristo, mas renega a Deus, que Cristo em nada o ajudará. Dou testemunho ao que invoca a Deus, mas rejeita o Filho que sua fé é vã, e ao que recusa aceitar o Espírito que a sua fé no Pai e no Filho é vã, e ao que recusa aceitar o Espírito que sua fé no Pai e no Filho cairá num vazio; nem mesmo poderá possuir a fé, se não tiver o Espírito. Com efeito, "ninguém pode dizer: Jesus é Senhor a não ser no Espírito Santo". "Ninguém jamais viu a Deus: o Filho Unigênito, que está no seio de Pai, este o deu a conhecer". Acha-se também excluído da verdadeira adoração aquele que renega o Espírito. De fato, é impossível adorar o Filho, a não ser no Espírito Santo, nem é possível invocar o Pai, a não ser no Espírito da adoção filial.[15]

Não deixa de ser curioso que um autor do quinto século tenha uma perspectiva muito mais madura acerca do Espírito do que a que se verifica hoje em dia em muitos escritos teológicos e mesmo no serviço eclesiástico. Os conflitos quanto à Pessoa e à obra do Espírito Santo durante grande parte do século 20 parecem ter soterrado essa doutrina em meio às controvérsias, e os ensinos mais básicos e essenciais acabaram se perdendo. Quando, porém, recuamos quinze ou dezesseis séculos, voltando aos antigos pais da igreja, a visão parece se ampliar, e podemos encontrar luzes ancestrais que hoje se renovam.

O ESPÍRITO SANTO, A CRIAÇÃO E A SALVAÇÃO

Antes de avançarmos para algumas observações práticas e pastorais, é preciso tratar de mais um tema: a ação do Espírito Santo na Criação e na salvação.

O Espírito é o Espírito criador e o Espírito da vida (veja Gn 1.2,3; Jó 26.13; Sl 104.30), mas é também aquele que concede aos homens dons e talentos — mesmo a incrédulos (veja Êx 28.3; 31.2,3,6; 35.35: 1Sm 11.6; 16.13,14).

Um dos pontos mais importantes da tradição reformada é a doutrina da graça comum. Se há beleza nas maiores obras realizadas pelos descrentes, isso não vem da inteligência ou da sabedoria deles, mas se deve, sim, ao Espírito criador.

Já o Espírito da vida refreia o pecado na vida de homens e mulheres e permite que beleza, bondade, integridade e verdade se sobressaiam em suas ações. É possível afirmar, assim, que o Espírito Santo opera na Criação e não apenas como o Espírito que cria e dá vida, mas também como aquele que contém a ação do mal e da iniquidade no

mundo, permitindo que todos usufruam do melhor de tudo o que foi criado e tenham nisso prazer e alegria.

Em seu belíssimo poema *A grandeza de Deus* [*God's grandeur*], Gerard Manley Hopkins escreveu sobre a obra do Espírito que revigora a criação, agora escravizada ao pecado:

> E em tudo isso nunca a natureza é sofrente;
> Vive em cada coisa, ainda, o doce frescor;
> E, mesmo que a noite recaia sobre o Ocidente,
> Ah, rompe aos poucos, no Oriente, o alvor —
> Pois o Espírito Santo sobre este mundo doente
> Nos guarda em seu regaço — ah! —, sob asas de amor.[16]

Além de seu caráter criador e vivificador, o Espírito Santo é também aquele que inspira as Escrituras (veja 2Tm 3.16,17; 2Pe 1.19-21), chama pecadores ao arrependimento, aplica os benefícios da salvação aos que creem, ao justificar, regenerar, santificar e edificar a igreja pelos meios da graça. Se chegamos à fé e ao arrependimento, é graças à obra do Espírito Santo.

Em suma, de acordo com a Escritura, toda a vida cristã é vida no Espírito Santo. Tudo o que fazemos diante do Pai e do Filho, nós o fazemos por causa do Espírito. Se oramos utilizando a linguagem apropriada da oração — "Aba, Pai" —, isso se dá graças ao Espírito Santo. Se conseguimos nos ajoelhar e orar, é por causa do Espírito Santo.

Quem se sente chocado ou escandalizado com isso, deve meditar no que Paulo escreveu em Romanos 8.5-28, passagem em que o apóstolo trata do nosso anseio por novos céus e nova terra. Esse anseio ocorre não só porque o Espírito criador prepara a renovação de todas as coisas para a chegada dos novos céus e da nova terra, mas porque ele nos dá uma santa expectativa, um amor que anela a vinda gloriosa do Filho.

Martinho Lutero, em seu *Catecismo menor*, resumiu de forma magistral o papel do Espírito Santo na salvação. Ao comentar o terceiro artigo do credo — "Creio no Espírito Santo" (lembrando que tudo o que vem em seguida — a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição do corpo — está conectado ao Espírito) —, ele diz:

> Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, e nem vir a ele, mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, iluminou com seus dons,

santificou e conservou na fé verdadeira. Assim como chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra, e em Jesus Cristo a conserva na fé verdadeira e única. Perdoa a mim e a todos os crentes diária e abundantemente todos os pecados, e no dia derradeiro me ressuscitará a mim e a todos os mortos, e em Cristo me dará a mim e a todos os crentes a vida eterna; isso é certissimamente verdade.[17]

Observe-se que Lutero não concede o menor espaço para a livre vontade ou para as obras humanas; antes, lembra que toda a vida cristã é vivida no Espírito e em dependência dele. É o caso de aspectos da comunidade cristã, como a pregação, o batismo e a ceia, que ocorrem sob a operação do Espírito. No capítulo 4, desenvolveremos a relação do Espírito Santo com esses meios da graça.

Aplicações práticas

Antes de concluir este capítulo e convidá-lo a refletir sobre algumas questões práticas, convém recapitular brevemente o que vimos até aqui: tratamos da divindade do Espírito Santo, do Espírito Santo como ser pessoal, da relação do Espírito Santo com Jesus Cristo, da procedência do Espírito Santo em relação ao Pai e ao Filho, e da obra do Espírito Santo na Criação e na salvação.

Vimos que o Espírito deve ser adorado, crido e confessado juntamente com o Pai e com o Filho, e que o Pai, o Filho e o Espírito são o único Deus vivo e verdadeiro.

Vimos ainda que, na economia e na história da salvação, o Filho entregou voluntariamente sua vontade ao Pai e buscava a glória dele; o Espírito estava sobre o Filho na sua encarnação e depois foi enviado à igreja pelo Pai e pelo Filho.

Além disso, ficou claramente demonstrado que, na eternidade, há plena igualdade de glória, de soberania, de graça e de santidade entre essas pessoas.

Mas quais são as implicações práticas de todas essas verdades para os cristãos da atualidade? Que bênçãos o Espírito Santo concede a cada um? Como a atuação do Espírito se reflete em homens e mulheres que compõem o corpo de Cristo, o edifício do Deus vivo, o templo do Espírito? É isso que queremos examinar a seguir.

A vida centrada em Deus

O Espírito Santo torna nossa vida centrada em Deus. Quando nos empenhamos em buscar o Espírito da Criação, o Espírito salvador, o que recebemos é uma vida que gravita em torno do Deus vivo, trino e

uno.

Para que nos aprimoremos e cresçamos nessa vida centrada em Deus, entretanto, precisamos praticar o autoexame. Os puritanos eram mestres nessa prática. O Novo Testamento, mais precisamente na exortação de Paulo à igreja de Corinto para que julgasse e examinasse a si mesma (veja 1Co 11; 2Co 13), sugere que confrontemos a nossa vida em todo o tempo com a Sagrada Escritura. Nesse confronto, precisamos implorar que o Espírito Santo nos ajude a discernir o que procede do nosso espírito humano e aquilo que vem do Espírito de Deus. Precisamos rogar para que nesse processo de autoexame, à luz da Sagrada Escritura, de fato Cristo seja formado em nós.

A pessoa que busca e invoca o Espírito Santo, que adora o Espírito juntamente com o Pai e com o Filho, recebe desse mesmo Espírito a vida centrada em Deus — no Deus uno e trino. Desse modo, a história de cada cristão tem de ser interpretada à luz da Sagrada Escritura — que o Espírito inspirou — e do próprio Jesus — sobre o qual o Espírito repousou.

A VIDA NO MUNDO E PARA O MUNDO

O Espírito Santo proporciona vida no mundo e para o mundo. Se o Espírito Santo é o Espírito da vida e o Espírito criador, se concede dádivas a crentes e não crentes (o Espírito da graça comum), todos somos chamados a interagir com a criação com alegria e responsabilidade.

Quando medito nessa influência do Espírito, sempre me lembro de uma experiência que tive quando era pastor de jovens e adolescentes numa igreja batista, em meados da década de 1990. Durante um retiro, eu e um pequeno grupo de jovens subimos a um monte para orar, e, quando fechamos os olhos, um dos rapazes começou a orar e agradecer a Deus pela criação.

Não vi nada de irreverente no momento em que alguém começou a rir um pouco sem jeito. Imediatamente interrompemos a oração, pois queríamos saber o motivo do riso, meio contido. O rapaz que riu respondeu: "Olha, se estamos agradecendo a Deus pela criação, por que estamos orando de olhos fechados?". Paramos tudo e começamos de novo, dessa vez orando de olhos bem abertos, contemplando a glória da criação, gratos pela perfeição de Deus, para a qual aponta tudo o que foi criado, e pela beleza que há nele.

Você já reparou, por exemplo, nos vários tons de verde que formam um *dégradé* único e encantador quando você observa uma floresta? Se isso é bonito, quão mais belo não será Deus? Homens e mulheres que buscam ser cheios do Espírito Santo e conhecê-lo ganham liberdade para a vida no mundo, e são capazes de apreciar o melhor da criação, interagindo com ela com alegria e responsabilidade e também cuidando de tudo o que Deus criou.

Mas, além disso, o cristão é chamado a uma vida de abertura para o mundo e no mundo. Em outras palavras, temos de ter sensibilidade para com o órfão, o fraco, o pobre, a viúva, o estrangeiro e o que sofre violência. É o Espírito Santo que nos dá essa sensibilidade para ajudar quem precisa ser ajudado.

O Espírito Santo nos leva a receber a Escritura como a espada do Espírito (Ef 6.17). Essa é uma expressão contundente de Paulo e muito importante nos dias de hoje. Não temos como separar o Espírito da Palavra, e o Espírito age por meio da Palavra, que é sua espada e ferramenta de ação entre nós (Hb 4.12). Assim, ao receber a Escritura como a espada do Espírito, ela deve ser nosso guia para tudo, desde a prática profissional, passando por decisões políticas, até as relações familiares e sociais. Em outras palavras, o Espírito Santo, por meio da Palavra, vai governar a nossa vida em todas as esferas de relacionamento. E mais: por meio da Palavra, ousadamente, vamos nos portar como embaixadores de Cristo em Deus, clamando para que o mundo se reconcilie com Deus por meio de Jesus Cristo.

A VIDA COTIDIANA

O Espírito Santo opera miraculosamente e com poder no nosso dia a dia. Quem trabalha em hospital ou tem amizade com médicos já deve ter escutado histórias surpreendentes de pessoas que estavam desenganadas e que foram curadas de maneira inexplicável. Fatos desse tipo são obra de Deus por meio do Espírito Santo.

Contudo, se esse Espírito que cria, liberta, reconcilia e renova também opera por meio da graça comum, temos de aprender a ver sua obra naquilo que é comum e habitual, independentemente do que seja. Se o Espírito Santo refreia o pecado e a iniquidade entre incrédulos, se preserva a beleza, a verdade e a integridade entre esses mesmos incrédulos e se, em razão disso, recebemos um remédio que nos restaura a saúde, damos glória a Deus, pois ele usou a inteligência do ser humano, mesmo caído, para nos trazer cura.

Se somos curados, aliviados ou apoiados por incrédulos, sejamos-lhes gratos, mas lembremos que foi o Espírito da vida, o Espírito criador, quem operou por meio daquela pessoa. Como Pessoa da Trindade que é, o Espírito é onipresente e também onipotente, e tem, portanto, poder para usar toda a criação para a glória dele, para a glória de Deus.

A VIDA DE RESIST NCIA E ESPERANÇA

O Espírito nos concede vida de resistência e esperança. Assim como o poder do Espírito Santo atua no cotidiano, ele também nos prepara para a restauração e renovação de toda a criação no último dia.

A vida que hoje vivemos é comparável a um campo de batalha; é o vale da sombra da morte por onde caminhamos muitas vezes entre lágrimas. Parafraseando C. S. Lewis, esta vida não é um hotel. Se hotel fosse, reclamaríamos do serviço — e não são poucos os cristãos que agem assim.

Como em um campo de batalha, a vida nos inflige marcas, dores e cicatrizes, e tudo o que desejamos é de libertação. Como diz Paulo, esperamos o dia em que a criação será redimida e alcançaremos a redenção do nosso corpo. Nesse quesito, a teologia cristã aponta para algo de extrema beleza: o Espírito Santo, que criou céus e terra junto com o Pai e o Filho, que preserva verdade, beleza e integridade na criação, mesmo estando ela escravizada pelo pecado, esse mesmo Espírito congrega a igreja, justifica, santifica e regenera os crentes, prepara-os para a ressurreição do corpo e para a glória eterna, dá-lhes o anseio pela volta de Cristo e ainda prepara essa vinda gloriosa. Sim, toda a vida é vida no Espírito.

Enquanto lutamos neste mundo como peregrinos, somos revestidos de força e poder e invadidos pela confiança de que a última palavra não é dada pelas circunstâncias, mas, sim, por Jesus Cristo. Quando ele voltar cavalgando em triunfo, terá gravada em sua coxa a expressão vitoriosa: "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Ap 19.11-19). Jesus virá pelo poder do Espírito Santo.

Que tenhamos a coragem de James Renwick, um presbi-teriano escocês martirizado por sua fé, em Edinburgo, na Escócia, em 17 de fevereiro de 1688. No dia de seu martírio, ele declarou: "Tem havido dias gloriosos e grandiosos do evangelho nesta terra, mas eles serão nada em comparação ao que haverá no futuro". Precisamos lembrar

que, mesmo que caiamos, nossa causa já triunfou, já é vitoriosa, e o Espírito Santo tanto prepara e promove essa vitória quanto fornece a esperança e a resistência para aguardá-la.

A VIDA EM COMUNIDADE

O Espírito Santo nos introduz em uma vida comunitária. Um fenômeno da atualidade é o crescimento dos chamados *desigrejados*. Cada vez mais, encontramos pessoas desconectadas da vida eclesiástica. Esse é um assunto sobre o qual voltaremos a falar nos capítulos seguintes, especialmente no capítulo 4, ao tratarmos das ordenanças e dos meios da graça em relação ao Espírito Santo. Aqui, contudo, é preciso ressaltar que o Espírito Santo age na comunidade de fé. Somos "edifício de Deus" (1Co 3.9), "templo do Espírito" (1Co 6.19), "corpo de Cristo" (1Co 12.27), e essas são imagens que comunicam a vida em comunidade e a vida de todos os que, juntos, professam a fé cristã.

Vale a pena refletir sobre o fato importante de que Jesus enviou o Espírito para chamar pecadores a viver em santa comunidade. No entanto, existem pessoas que não gostam da igreja e se acham boas demais para ela. Essa postura é lamentável, pois, mesmo com todas as dificuldades encontradas na igreja, é muito pior estar fora dela. Como dizia um manuscrito medieval, "a Igreja é como a arca de Noé; se não fosse a tempestade lá fora, não seria possível suportar o cheiro dentro dela".[18]

Todos somos pecadores, todos transgredimos a lei o tempo todo, mesmo cristãos. Todos temos nossos pontos fracos. Os que creem são, para lembrar a vívida imagem de Martinho Lutero, simultaneamente justos e pecadores (*simul iustus et peccator*) até o dia da ressurreição e entrada na vida eterna. Como perseveraremos na vida cristã sem o apoio de irmãos e irmãs? Pois, como diz um antigo ditado, "Um cristão sozinho não é um cristão" (*unus christianus, nullus christianus*). A verdade é que é o Espírito Santo que concede beleza à vida comunitária.

Quando idealizamos a igreja local, tudo o que conseguimos fazer é acabar com ela. Sempre que alguém reclama, dizendo "Falta Fulano aqui" ou "Pena que somos assim; podíamos ser de outro jeito", a vida em comunidade é duramente atingida. Essa atitude reflete ingratidão para com o que o Espírito Santo fez e faz ao congregar pessoas diferentes — homens, mulheres, jovens, velhos, negros, brancos,

pobres, ricos, letrados, iletrados — para compartilharem a fé e celebrarem, juntas, o Deus trino. O mundo não tem como reproduzir um ajuntamento dessa natureza. Isso é prova da veracidade da fé cristã e é obra do Espírito Santo, que temos de usufruir e receber com alegria.

Não existem *desigrejados*, segundo a teologia do Novo Testamento (e também a do Antigo!). Somos todos chamados a viver em comunidade, nessa congregação que o Espírito Santo reúne e na qual opera. Quando não conseguimos orar, quando passamos pela "noite escura da alma", quando perdemos um ente querido ou enfrentamos uma doença, quando não entendemos por que Deus nos trata algumas vezes de forma tão dura, encontramos na vida comunitária quem ore e leia a Escritura por nós, quem se disponha a andar conosco pela estrada sombria, assegurando-nos de que não estamos sós. É um privilégio usufruir dessa santa comunhão, e devemos receber com gratidão essa dádiva concedida pelo Consolador.

Na era visual em que vivemos, o Espírito Santo opera por meio da Palavra, do batismo, do pão e do cálice — e isso nos humilha. Costumamos subestimar e trivializar esses meios da graça, e, de maneira muito idólatra, corremos atrás do último modelo de crescimento (mecânico) da igreja ou nos engajamos na esfera pública, supondo ser o Estado ou a educação o meio de redenção ou de reforma social. Esquecemo-nos, no entanto, de que a Palavra, o batismo, o pão e o cálice não são apenas meios da graça, mas são também os meios pelos quais o Espírito Santo vem à igreja, a edifica e a faz crescer.

Ireneu de Lião escreveu há muito tempo:

> Onde está a igreja, aí está o Espírito de Deus, e onde está o Espírito de Deus, aí está a igreja e toda a graça, e o Espírito é verdade, por isso os que se afastam dele e não se alimentam para a vida aos seios da mãe, a igreja, não recebem nada da fonte puríssima que procede do corpo de Cristo.[19]

A igreja tem problemas? Sim. Mas a igreja é o lugar onde o Espírito opera primordialmente, e é onde somos chamados a estar. Confesso que tenho pouca paciência com livros de evangélicos que só fazem críticas à igreja, e passo longe desse tipo de literatura. É fácil criticar a igreja. Nos jornais, não faltam filósofos, sociólogos e ideólogos em geral críticos da igreja, seja católica, seja protestante, seja pentecostal. Entretanto, o que mais se vê nesses escritos são preconceitos disfarçados de críticas, e ainda assim revestidos de um

verniz supostamente intelectual.

Que amemos a igreja como o lugar em que o Espírito opera. Que tenhamos prazer no santo ajuntamento, que é o lugar onde o Espírito habita.

A VIDA DE CONFISSÃO DA FÉ

Nesta última aplicação, sugiro que voltemos ao começo: Moisés, em nome de Deus, afirmou que não devemos ter outros deuses diante de nós (veja Êx 20.3). Um credo antigo, o *Credo de Atanásio*, faz uma afirmação muito forte sobre o dogma da Trindade (observe o uso da expressão "católica", mas tenha em mente que "católica" significa "universal", "de todos e para todos", "que se espalha em todo canto da terra"):

> A fé católica consiste em venerar um só Deus na Trindade e a Trindade na unidade, sem confundir as pessoas e sem dividir a substância. Pois uma é a pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo; mas uma só é a divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, igual a glória, coeterna a majestade [...].
>
> E nesta Trindade nada é anterior ou posterior, nada maior ou menor; porém todas as três pessoas são coeternas e iguais entre si; de modo que, em tudo, conforme já ficou dito acima, deve ser venerada a Trindade na unidade e a unidade na Trindade. Portanto, quem quer salvar-se, deve pensar assim a respeito da Trindade.[20]

Pela leitura desse credo, podemos ter a dimensão da seriedade que esse assunto requer. Nosso Deus é um Deus trino, e somos chamados a confessar a fé que temos nele, aqui e agora, com toda a devoção e paixão.

Talvez você não consiga explicar esse dogma com refinamento, com profundidade. Quando me aproximo do tratado sobre *A Trindade*, escrito por Agostinho de Hipona, sinto-me humilhado. Ele levou cerca de catorze anos para escrever essa obra. O que ofereço aqui é minúsculo perto do que Agostinho fez em sua obra clássica, datada do início do quinto século.

Entretanto, não temos o direito de errar nesse ponto, muito menos de ignorar sua relevância. Adoramos a unidade na Trindade, e a Trindade na unidade. O Deus Eterno, *Yahweh*, tem um nome agora: Pai, Filho e Espírito Santo. Esse é o nome do nosso Deus. Somos abençoados e batizados nesse nome santo. Assim, para escândalo de muitos, devemos afirmar: "Quem quer salvar-se deve pensar assim a respeito da Trindade".

Há um hino antigo que faríamos bem em atualizar e cantar de novo nos dias de hoje. Nos debates da Antiguidade entre Basílio e os seguidores de Macedônio, esse hino era a pedra de toque. Seu título era *Glória ao Pai* (*Gloria Patri*). Quem não pudesse cantar esse hino, não era reputado como cristão. Cantemos, pois!

> Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
> assim como era no princípio,
> agora e sempre (e pelos séculos dos séculos), amém.

Que Deus nos ajude a depender do Espírito, que é um com o Pai e com o Filho. Amém!

Leituras de aprofundamento

AGOSTINHO DE HIPONA. *A Trindade* (São Paulo: Paulus, 1995).

BRUNNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo* (São Paulo: Cultura Cristã, 2012).

BASÍLIO DE CESAREIA. *Homilia sobre Lucas 12*; *Homilias sobre a origem do homem*; *Tratado sobre o Espírito Santo* (São Paulo: Paulus, 1999).

FERGUSON, Sinclair. *O Espírito Santo* (São Paulo: Os Puritanos, 2000).

_____. *A devoção trinitária de John Owen* (São José dos Campos: Fiel, 2015).

FERREIRA, Franklin. *Teologia sistemática*. Curso Vida Nova de Teologia Básica (São Paulo: Vida Nova, 2013). p. 157-91.

_____; MYATT, Alan D. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual* (São Paulo: Vida Nova, 2008). p. 657-702.

KÖSTENBERGER Andreas J.; SWAIN, Scott R. *Pai, Filho e Espírito: a Trindade e o evangelho de João* (São Paulo: Vida Nova, 2014).

REEVES, Michael. *Deleitando-se na Trindade: uma introdução à fé cristã* (Brasília: Monergismo, 2014).

[1]Karl Barth, "O primeiro mandamento como axioma teológico", in: Walter Altmann, org., *Karl Barth: dádiva & louvor; artigos selecionados* (São Leopoldo: IEPG/Sinodal, 1996), p. 127-39.

[2]"The living God", in: *Systematic theology* (San Francisco: Harper and Row, 1987), vol. 1, p. 195.

[3]Cf. *A Trindade* 7.6 (São Paulo: Paulus, 1994), p. 244, em que o Espírito Santo é referido como "suma caridade, laço que une um ao outro [o Pai ao Filho], e nos submete a eles".

[4]Sinclair Ferguson, *A devoção trinitária de John Owen* (São José dos Campos: Fiel, 2015), p. 110.

[5]*Tratado sobre o Espírito Santo*, 10.25-26; 18.46 (São Paulo: Paulus, 1998).

[6]*Tratado sobre o Espírito Santo*, 17.43.

[7]*Tratado sobre o Espírito Santo*, 18.44.

[8]*Works* 2:406, citado em Sinclair Ferguson, *A devoção trinitária de John Owen*, p. 44.

[9]*A devoção trinitária de John Owen*, p. 45.

[10]Andreas Köstenberger; Scott Swain, *Pai, Filho e Espírito Santo: a trindade e o Evangelho de João* (São Paulo: Vida Nova), p. 121ss.

[11]Ferguson, *A devoção trinitária de John Owen*, p. 94.

[12]Ibidem, p. 95.

[13]O resumo da compreensão de Agostinho neste parágrafo se encontra em Alister E. McGrath, *Teologia sistemática, histórica e filosófica* (São Paulo: Shedd, 2005), p. 367-8.

[14]Ibidem.

[15]*Tratado sobre o Espírito Santo*, 11.27.

[16]O original diz: "And for all this, nature is never spent;/ There lives the dearest freshness deep down things;/ And though the last lights off the black West went/ Oh, morning, at the brown brink eastward, springs —/ Because the Holy Ghost over the bent/ World broods with warm breast and with ah! bright wings" (*Poems and prose* [Penguin Classics, 1985]). Tradução de Fabiano Medeiros. O poema *A grandeza de Deus* pode ser lido na íntegra, em tradução de Aíla de Oliveira Gomes, em "Poemas de Gerard Manley Hopkins", *Modos de usar*, disponível em: http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2014/05/gerard-manley-hopkins-1844-1889.html.

[17]Martinho Lutero, "Catecismo menor", in: *Livro de concórdia* (Porto Alegre/São Leopoldo/Canoas: Concórdia/Sinodal/ULBRA, 2006), p. 371-2.

[18]Citado em Robert McAfee Brown, *The significance of the church* (Westminster John Knox Press, 1956), p. 17.

[19]*Contra as heresias* III.24,1, p. 360.

[20]"O símbolo de Atanásio" 3-6, 24-26, in: *Livro de concórdia* (Porto Alegre/São Leopoldo/Canoas: Concórdia/Sinodal/ULBRA, 2006), p. 20-1.

Capítulo 2

O ESPÍRITO SANTO, O AVIVAMENTO E A ORAÇÃO

Este capítulo começa com uma declaração básica: sendo cristãos, necessitamos da pessoa do Espírito Santo. Necessitamos que o Espírito Santo venha até nós com poder. Ao estudarmos o Novo Testamento, aprendemos que não há união mística entre o fiel e Jesus Cristo sem o Espírito Santo (veja Jo 14.1—16.33). Ele é o selo e o penhor que nos conecta e nos mantém unidos ao nosso Salvador (Ef 1.13,14). Assim como o Espírito Santo chama pessoas a Jesus Cristo, ele também as insere na comunidade da fé. Portanto, sem o Espírito Santo, não há igreja.

É o Espírito Santo que nos une como comunidade e congrega pessoas de origens e trajetórias muitas vezes completamente distintas, tornando-as um único povo. É o Espírito Santo que sustenta e dá forma à igreja, chegando até nós por meio da pregação, do batismo e da ceia. Por sinal, não há pregação verdadeira sem a obra do Espírito Santo, que também é indispensável ao batismo e à ceia, como veremos em mais detalhes no capítulo 4. É o Espírito que torna significativos esses eventos importantíssimos que caracterizam a autêntica comunhão dos fiéis. Assim, qualquer grupo que pretenda ser igreja de fato precisa orar ao Espírito Santo e buscá-lo para que ele venha e opere com poder em meio a seu povo.

Outro ponto importante é que não há a segunda vinda de Cristo sem o Espírito Santo. Aprendemos com o apóstolo Paulo que é o Espírito Santo quem prepara a segunda vinda de Cristo (veja Rm 8.18-25). É o Espírito Santo que opera na criação, levando-a a gemer como quem tem dores de parto, aguardando a revelação dos filhos de Deus no último dia, quando Cristo voltar em glória para triunfar sobre o pecado, sobre os demônios e sobre o mal.

A grande verdade bíblica que deve ser ressaltada, assimilada e repetida é que toda a vida cristã é vida no Espírito. Se somos chamados e justificados, é por causa do Espírito Santo. Se chegamos ao arrependimento e à fé, é por obra do Espírito Santo. Se somos

adotados e santificados, isso se dá em razão do Espírito Santo. Se perseveramos e, como aprendemos no *Credo dos Apóstolos*, temos a esperança da ressurreição do nosso corpo no dia do Senhor, quando Cristo voltar em glória, é por causa da ação do Espírito Santo. Se temos a esperança e o anseio de vermos a Deus com corações limpos no último dia (Mt 5.8), isso é possível por obra do Espírito Santo. Todo crente que deseja uma vida cristã autêntica e significativa necessita desse Espírito — que a Bíblia chama de Espírito Santo, Espírito de Deus e Espírito de Cristo.

UM VISLUMBRE DO QUE É O AVIVAMENTO

Quando paramos para refletir sobre a obra global do Espírito Santo, conforme ensinada na Escritura e confessada pela fé cristã, percebemos com espanto quanto o tema do avivamento tem sido negligenciado. Meu desânimo aumenta quando começo a consultar algumas teologias sistemáticas que têm exercido importante influência na formação da tradição evangélica.

Um teólogo sistemático de destaque nessa área, por exemplo, é o americano Charles Hodge, presbiteriano. Nascido na Filadélfia no final do século 18, Hodge foi um verdadeiro gigante, não só no campo da teologia sistemática, mas também nas áreas de Bíblia e exegese, além de se envolver com destaque nos debates filosóficos e sociais de sua época.

Charles Hodge era abolicionista, e a história registra que ele chorou quando lhe contaram que Abraham Lincoln fora assassinado por um fanático sulista. O importante aqui, porém, é que tanto Hodge quanto o Seminário Teológico de Princeton, em Nova Jérsei, onde ele era professor, experimentaram o avivamento em primeira mão. Um de seus alunos, Ashbel Green Simonton, foi enviado como missionário presbiteriano para o Brasil como fruto desse avivamento. É fato intrigante, porém, que a *Teologia sistemática* de Charles Hodge, ao tratar da obra do Espírito Santo, não aborda esse tema. E o mesmo acontece com outras teologias sistemáticas, especialmente as contemporâneas, escritas dos dois lados do Atlântico.

Ao refletirmos sobre nossa situação atual, uma lacuna como essa nos faz lembrar que o avivamento é ainda um tema do qual não tratamos com a devida seriedade e atenção. Em momentos de crise nacional, eclesiástica ou pessoal, não nos ocorre a ideia de buscarmos um avivamento. Em geral, a primeira opção que nos vem à mente

envolve recorrer a práticas ou métodos preestabelecidos: "Bom, a minha igreja passa por um período de apatia espiritual ou por essa situação de crise. Vou até a livraria ver o que há de novo que possa revitalizar a minha comunidade" ou "Qual é o novo lançamento que pode fazer a minha igreja crescer? Vou comprar esse material, tentar pô-lo em prática, e dessa forma vamos crescer e nos tornar relevantes e vibrantes. É isso que esse material assegura que vai acontecer".

Não é isso, no entanto, o que a instrução bíblica recomenda. A Escritura requer que ansiemos e clamemos pela vinda do Espírito. É ele quem leva a comunidade cristã a ser sal e luz no lugar onde ela se encontra, mesmo em meio a perseguições e lutas (veja Mt 5.3-15).

Mas agora nos voltamos, finalmente, a explorar o sentido de avivamento. Em uma definição simples, podemos afirmar que avivamento é Deus reanimando seu povo, renovando a aliança que estabeleceu com ele, tratando-o de forma familiar. Avivamento é a percepção e a experiência — mais do que a crença — de que Deus está presente em nosso meio e, por isso, algo diferente acontece entre nós.

Cremos na presença de Deus entre nós, e a Escritura nos instrui a provar e ver que "o Senhor é bom" (veja Sl 34.8). "Provar" pode estar relacionado a experimentar que Deus é bom de uma forma que ultrapassa a mera noção intelectual de sua bondade. Em outras palavras, a Palavra de Deus nos exorta a de fato experimentar a bondade do Senhor. Isso é avivamento! É Deus de fato presente na comunidade, e a comunidade experimentando essa presença santa em glória, graça e poder. Por isso é oportuno perguntar: "Será que provamos Deus em nosso meio? Nós, que cremos em Cristo Jesus, experimentamos 'rios de água viva' correndo de nosso interior?" (cf. Jo 7.38).

Quero citar dois exemplos que nos ajudarão a gravar o conceito de avivamento. O primeiro vem de um pregador presbiteriano chamado John Livingstone, que viveu na Escócia no século 17. Na época, sempre que surgissem momentos de crise nacional ou eclesiástica, pensava-se na necessidade de suplicar por uma visitação poderosa do Espírito Santo — um avivamento. O sínodo de Livingstone convocou membros da igreja para um período de jejum e clamor pela nação, que estava à beira de uma guerra civil contra os ingleses motivada pelo debate em torno da questão da liberdade religiosa e de expressão.

Depois de orar, Livingstone decidiu pregar sobre Ezequiel

36.25,26: "Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; eu vos purificarei de todas as vossas impurezas e de todos os vossos ídolos. Também vos darei um coração novo e porei um espírito novo dentro de vós; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne". Como consta em seu diário, ao final da pregação de mais ou menos uma hora, ele anunciou que estava concluindo o sermão. Naquele momento, houve um clamor para que ele não parasse de falar, e ele acabou pregando, no total, por duas horas. Em suas anotações, feitas mais de vinte anos após aquele dia, Livingstone conta que mais de quatrocentas pessoas se converteram naquele encontro e todos os que vieram a Cristo não o abandonaram.

Nunca mais aconteceu fato semelhante na vida de Livingstone; ele dizia sentir saudades do dia em que Deus o tratou familiarmente em Kirk o'Shotts, na Escócia, em 21 de junho de 1630. Naquela reunião memorável, Deus usou a pregação desse escocês e renovou sua presença naquela comunidade, revelando-se com poder naquele dia de oração e jejum. No avivamento, Deus trata seu povo de forma familiar.

O outro exemplo se encontra registrado em um livro que muito me impactou, intitulado *Avivamento na África do Sul*, escrito pelo luterano Erlo Stegen[1]. Após sua conversão, Erlo, um sul-africano branco, foi destacado por sua denominação para estudar teologia e assim se preparar para o ministério cristão. Depois de um tempo, foi enviado para trabalhar com os povos zulus, em Natal, na África do Sul, em meados da década de 1950. Assim que chegou lá, viu que a comunidade necessitava buscar a Deus. Curiosamente, Deus operou antes em Stegen, quebrantando-o, revelando seus pecados, humilhando-o. Sua pretensa superioridade veio à tona; ele precisou confessar os pecados e suplicar o perdão que vem de Cristo. Após ser tratado por Deus, Stegen decidiu expor o livro de Atos para os fiéis (isso ocorreu entre 1966 e 1967). A certa altura da mensagem, enquanto começava a analisar o texto de Atos 4, o Espírito Santo veio com poder sobre toda a congregação. Segue o relato, nas palavras do próprio missionário:

> Certo dia, quando nos reunimos para orar, de repente Deus fendeu os céus e desceu até nós. [...]. Mas, repentinamente, veio um som como de um vento poderoso. Não sei explicar bem. [...] Era como se aquele vento soprasse e soprasse através de nós. O Espírito de Deus desceu, e ninguém precisou dizer ao outro que Deus estava em nosso meio. Havia plena consciência da presença de Deus entre nós. Todos sabíamos que Deus estava em nosso meio, sem dizermos uma palavra. Só pude colocar minha mão direita sobre a cabeça, encurvar-me e adorar o Deus do céu![2]

A presença de Deus fez-se concreta no meio daquela comunidade. Em 1971, o lugar passou a se chamar Kwasizabantu, que no dialeto local significa "lugar onde pessoas são ajudadas".

Esses relatos ilustram bem o que é avivamento, a forma de Deus tratar seu povo de maneira familiar. Numa comunidade em que a fé tenha sido avivada, homens e mulheres que creem em Jesus Cristo não apenas têm certeza de que Deus está presente, mas experimentam a presença poderosa dele por meio do Espírito Santo.

Os exemplos históricos poderiam ser multiplicados, mas o mais importante é ressaltar que, durante um avivamento, Deus trata seu povo com familiaridade. Não se trata de uma certeza intelectual de que Deus está presente, uma vez que que ele é onipresente, mas da segurança comprovada, que vem do Espírito de Deus, de que ele está entre seu povo, visitando-o com graça e poder.

UMA DEFINIÇÃO DE AVIVAMENTO

É possível ampliar ainda mais esse nosso conceito de avivamento. Avivamento seria então um poderoso e soberano derramamento do Espírito Santo sobre a igreja local, em resposta às orações dos cristãos, no qual essa igreja é completamente transformada, passando por uma reforma doutrinária e de santificação que resulta em muitas conversões simultâneas e na transformação radical da cultura ao redor por meio das missões, da educação e das reformas sociais.

Para que possamos compreender melhor essa definição, vamos analisar separadamente cada uma de suas afirmações. A primeira parte da nossa definição deixa claro que avivamento é *um poderoso e soberano derramamento do Espírito Santo*. Precisamos ter em mente que não detemos o poder de iniciar nenhum avivamento. Esse foi o grande erro, no século 19, do evangelista congregacional americano Charles Finney, para quem o avivamento é algo que a comunidade pode produzir, desde que siga determinados passos.

Não é raro encontrarmos pregadores que, ao perceberem um momento de frieza ou apatia espiritual por que passa a igreja, organizam um retiro num fim de semana ou feriado prolongado. Em meio a pregações dramáticas e testemunhos pessoais, organizam um culto ao redor da fogueira. As pessoas são assim convidadas a registrar seus pecados em pedacinhos de papel para depois queimá-los e assim renovar sua aliança com o Senhor. Na sequência, marcam uma data

para que um evangelista carismático pregue na comunidade, distribuem folhetos, convidam pessoas para ouvir o pregador e, quando acontecem muitas "decisões" por Cristo, concluem que tiveram um avivamento.

Essa, no entanto, é uma noção infeliz de avivamento, que nada tem de bíblica. O Espírito Santo opera soberanamente, e é em liberdade que ele visita sua comunidade. Não é possível "programar" um avivamento. Podemos e devemos marcar tempo para jejum, assim como podemos e devemos orar para que Deus visite seu povo, mas a chegada do avivamento está nas mãos de Deus. Mais uma vez: o avivamento é um poderoso e soberano derramamento do Espírito Santo.

Se levarmos em conta que o avivamento depende da obra soberana de Deus, será também importante saber que, uma vez em andamento, é possível perceber o momento em que ele começa e termina. Infelizmente, ainda não temos em língua portuguesa as obras que Jonathan Edwards escreveu sobre o avivamento ocorrido na Nova Inglaterra no século 18 (como, por exemplo, *A faithful narrative of the surprising work of God* [Fiel narrativa da surpreendente obra de Deus], de 1737, ou *Some thoughts concerning the revival* [Algumas reflexões a respeito do avivamento], de 1743), mas será de grande valia estudar os avivamentos que ele experimentou em sua comunidade, pois é possível perceber que ele conseguia divisar exatamente quando o avivamento começava e quando terminava. O mais surpreendente é que ele provou vários ciclos de avivamento no tempo em que pastoreou sua comunidade, até ser demitido do ministério por uma controvérsia relacionada à ceia do Senhor. Portanto, deve-se ter a sensibilidade para saber quando a comunidade deve buscar mais a Deus. Mas isso sem perder de vista que o avivamento é um poderoso e soberano derramamento do Espírito Santo, o qual visita sua comunidade como e quando quer, recolhendo sua mão no tempo determinado.

A segunda parte da nossa definição ressalta que esse poderoso e soberano derramamento do Espírito Santo ocorre *sobre a igreja local*, o que inclui igrejas de determinadas localidades ou mesmo igrejas presentes em todo um estado ou país. Em sentido estrito, o avivamento não é uma ação do Espírito Santo no indivíduo. Nem mesmo a expressão "enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18) fala do indivíduo, mas é uma ordem para que toda a comunidade busque refrigério no Espírito. Portanto, avivamento é o Espírito Santo vindo

com poder sobre irmãos e irmãs, ou seja, sobre todo um grupo do povo de Deus reunido para cultuar, servir e louvar ao Deus trino.

A terceira parte da nossa definição mostra que o avivamento se dá *em resposta às orações dos cristãos*. Se não implorarmos para que Deus nos visite, ele não derramará seu Espírito sobre nós. Se estivermos demasiadamente satisfeitos com o que temos e se acharmos que não precisamos de mais nada, não receberemos novas dádivas do Espírito Santo. Deus determinou a oração como meio para que o Espírito Santo venha sobre seu povo. Na oração que Jesus ensinou aos discípulos (Mt 6.9-13), somos orientados a suplicar pela vinda do Reino. Quando clamamos para que o Reino venha, estamos clamando para que o Espírito Santo atue em nós e nos leve adiante na expansão do Reino. A relação entre oração e avivamento será o principal foco da parte final deste capítulo.

Avançando para a quarta parte da nossa definição, destacamos que o avivamento, esse derramamento do Espírito Santo em resposta às orações de uma comunidade local (ou grupo de comunidades), age sobre a igreja e nele essa igreja *é completamente transformada, passando por uma reforma doutrinária e de santificação*. Em geral, o pregador é a personagem principal do avivamento, mas o mais importante aqui não é nem a pregação, nem o ensino, mas a oração. Vários cristãos sentem, por assim dizer, pesar sobre si a responsabilidade pelo povo de Deus e começam a orar e a clamar. Deus atende a essa súplica derramando seu Espírito e levantando pregadores e mestres para instruir seu povo. Com isso, algo comum no avivamento é que as pessoas voltam a amar as Escrituras e começam a estudá-las com profundidade, porque entendem que é somente por meio delas que Deus fala a seu povo.

A *Segunda confissão helvética* afirma que, especialmente em um avivamento, "a pregação da Palavra de Deus é a palavra de Deus":

> Portanto, quando esta Palavra de Deus é agora anunciada na Igreja por pregadores legitimamente chamados, cremos que a própria Palavra de Deus é anunciada e recebida pelos fiéis; e que nenhuma outra Palavra de Deus pode ser inventada, ou esperada do céu: e que a própria Palavra anunciada é que deve ser levada em conta e não o ministro que a anuncia, pois, mesmo que este seja mau e pecador, a Palavra de Deus permanece boa e verdadeira.[3]

No avivamento, as pessoas começam a entender que, quando o pregador expõe fielmente o texto bíblico por meio da pregação, o próprio Deus está presente, falando pela voz daquele homem. Em períodos de derramamento do Espírito, cumpre-se o que um lorde escocês afirmou no século 16 a respeito da pregação de John Knox:

"Asseguro-vos de que a voz de um único homem, por uma hora, é capaz de colocar em nós mais vida do que quinhentas trombetas nos trovejando estrondosamente aos ouvidos".[4]

A pregação poderosa, usada pelo Espírito Santo, opera uma convicção tal entre os fiéis, que os leva a uma mudança teológica. Passam a ser vitais para a comunidade cristã doutrinas como a do Deus único que se revela como Pai, Filho e Espírito Santo; da autoridade da Escritura; da fé, do arrependimento, da conversão e da nova vida em Cristo; da morte e da ressurreição de nosso Salvador; da coroa que nos está prometida; do amor necessário pela comunidade cristã, além de outras. A heresia é repelida com determinação, porque todos entendem tratar-se de um poço rachado, uma cisterna furada, incapaz de reter água (veja Jr 2.13). O povo de Deus se volta para o manancial de águas frescas que é a Palavra de Deus.

É importante ressaltar que, nos grandes avivamentos, doutrinas como a da justificação pela graça recebida por meio da fé somente, a da regeneração, a da santificação e a da mortificação do pecado passam a encantar a igreja. E as pessoas não querem apenas escutar pregações sobre esses princípios, mas desejam vivenciar sua força. Os cristãos entendem também que essas doutrinas não são um fim em si mesmas; são, antes, instruções que os impulsionarão a uma vida que agrada e glorifica o Deus trino — Pai, Filho e Espírito Santo.

Se, de um lado, o avivamento implica reforma da mente e da confissão de fé da igreja, ou seja, uma reforma doutrinária, de outro, o avivamento implica também uma profunda mudança no procedimento e no comportamento de quem o experimenta. Estamos tratando do Espírito *Santo* ou, como Paulo destaca, do "Espírito de santidade" (Rm 1.4). Diante disso, como alguém pode supor que o Espírito Santo abençoará pessoas que toleram o pecado em seu meio? Isso é presunção arrogante e até mesmo loucura! Trata-se do Espírito *Santo*, o Espírito que não tolera o pecado, o Espírito do Senhor, que fulminou Ananias e Safira por terem mentido a ele (veja At 5.1-11).

Quando o Espírito Santo desce com poder sobre toda a comunidade, os porões que toda igreja tem são literalmente limpos e abertos; os esqueletos nos armários são lançados fora, e as pessoas começam a confessar seus pecados a Deus e umas às outras (Tg 5.13-20).

Uma história impressionante sobre avivamento vem de uma

experiência do dr. Russell Shedd. Ele já havia sido chamado por Deus para servir no campo missionário, para onde seguiu, servindo primeiro em Portugal e depois no Brasil, onde atua até hoje. Mas, quando ainda estudante, em meio a uma jornada de trabalho que durava das 15 às 23 horas para pagar seus estudos, teve um período de descanso. Nesse tempo vago, dirigiu-se à capela da Wheaton College, em Illinois, em 7 de fevereiro de 1950. Aquele era um período especial, quando a faculdade dedicava duas semanas por ano para reuniões de oração. Como ele diz, "foi naquela quarta—feira, naquela semana de primavera, que o avivamento irrompeu, com o testemunho de uma jovem. Outros jovens começaram a fazer fila para dar seus testemunhos, e a reunião continuou por mais ou menos quarenta horas, sem parar. Deus foi exaltado pelos testemunhos, pelas orações, confissões de pecado, conversões e pelas dedicações ao trabalho missionário. Daquela turma saíram mais de quinhentos missionários para o campo, muitos sem dúvida por causa do compromisso de servir a Deus onde ele mostrasse. Acredito que foi um acontecimento que somente a intervenção do Espírito de Deus explicaria". Alguns daqueles missionários foram martirizados por pregarem o evangelho, como aconteceu a Nathanael "Nate" Saint em 1956, no Equador.

Quando Deus derramou seu Espírito sobre os alunos daquela capela, eles não conseguiam parar de orar. Houve quebrantamento e confissão de pecados, e os alunos renovaram a aliança com o Senhor Deus, consagrando a vida a seu serviço. Isso é avivamento!

O derramar do Espírito sobre a comunidade, portanto, promove mudanças no pensamento e na confissão de fé da igreja, mas também, necessariamente, produz mudanças no procedimento dos fiéis: quem tem alguma dívida trata de pagar suas contas; quem caluniou e difamou tentará fazer tudo a seu alcance para limpar o nome daquele a quem defraudou, e assim por diante. As pessoas começam a renunciar aos pecados, e há reconciliação entre irmãos, porque todos compreendem que o Espírito é o Espírito de *santidade*, que não age numa comunidade que tolera o pecado, pois essa santidade se faz presente naquele lugar.

A quinta parte da nossa definição ressalta que o avivamento, essa obra soberana do Espírito que atinge toda a comunidade, *resulta em muitas conversões simultâneas*. Quando o Espírito Santo vem com poder sobre uma igreja — observe a ordem —, esse grupo de crentes retoma o prazer pela confissão de fé evangélica, passa a amar a

santidade e para de pecar deliberadamente, porque sabe que está diante de um Deus santo, não querendo ferir nem ofender a majestade e a glória divina. Mas outra coisa ainda acontece do lado de fora. Muitas pessoas começam a se converter ao mesmo tempo.

O teólogo batista John Hammett, a quem tanto devo e que foi meu professor de teologia sistemática e de história da Reforma, converteu-se quando criança. Foi, porém, durante um avivamento, ocorrido entre 1973 e 1977, na época em que era estudante universitário, que ele cresceu na fé. Nessa época, era membro da Primeira Igreja Batista de Durham, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Sua vida foi transformada por causa dos estudos bíblicos ministrados por seu pastor, R. C. Henderson, que fora missionário e havia concluído o doutorado em Novo Testamento na Escócia.

Henderson começou a ensinar a Epístola aos Romanos em sua residência, nas noites de sexta-feira. Sobre esses encontros, Hammett declarou: "Eu vi a beleza do evangelho e a glória de Cristo como nunca antes". Esses estudos bíblicos foram decisivos em seu chamado para o ministério cristão e o levaram a renunciar a seu desejo de se tornar advogado, razão pela qual havia entrado na faculdade. Foram mais de 130 os estudantes universitários que frequentaram aquelas reuniões, espalhados por todos os quartos da casa pastoral! Esta é uma das marcas de um avivamento: muitas pessoas, simultaneamente, convertendo-se ou consagrando-se a Cristo Jesus por meio da obra do Espírito Santo.

Desse modo, quando chega o avivamento, pessoas que antes ridicularizavam a fé cristã e viviam em luta com o cristianismo de repente começam a temer a Deus. Compreendem que são pecadoras, que estão em guerra com o Deus vivo, que são inimigas dele e precisam da reconciliação proporcionada pelo sacrifício de Jesus Cristo. Essas pessoas, então, começam a correr para as igrejas, porque têm alguma percepção, dada pelo Espírito Santo, de que lá encontrarão alívio para a crise existencial que enfrentam e para o peso do pecado que agora está depositado sobre sua consciência.

A conversão em massa é, portanto, uma marca do avivamento nas Escrituras e na história da igreja, com as pessoas vindo, já quebrantadas, para a igreja. O livro de Erlo Stegen que citamos anteriormente traz histórias de pessoas possuídas por demônios que até os crentes daquela comunidade já haviam tentado exorcizar sem

sucesso, mas que, de repente, naquele momento de avivamento, foram simplesmente libertas e correram para a igreja, sabendo que quem ali estava era mais poderoso do que quem havia se apossado delas. O que as movia era a certeza de que na igreja encontrariam não apenas libertação, mas também um novo significado para a vida, e assim ali abraçavam a Cristo, confiando na cruz, sendo, desse modo, salvas para a eternidade. Muitas conversões a Cristo ocorrendo simultaneamente — este é um dos resultados certeiros do avivamento.

Na sexta e última parte da nossa definição, vemos que avivamento resulta *na transformação radical da cultura ao redor.* Quando o Espírito é derramado sobre uma comunidade de cristãos, o que começa a acontecer dentro da igreja se espalha em forma de conversões no seu entorno, e de repente essas pessoas, quebrantadas e convertidas, começam a mudar a cultura ao redor.

Uma das grandes tragédias atuais é que, mesmo com todo o crescimento do cristianismo evangélico na América Latina — sobretudo no Brasil —, como poucas vezes aconteceu na história da igreja, os cristãos não conseguiram transformar a cultura. Antes, em muitos casos, imitam-lhe os piores pecados. Comunidades de fiéis convivem placidamente com a corrupção, o adultério, os "jeitinhos", a malandragem e a pregação superficial e medíocre que não aponta para o Jesus crucificado. Em vez de transformar seu entorno, a igreja parece estar sendo moldada pelos piores pecados presentes na cultura. Com profunda tristeza, precisamos confessar que ainda não provamos um avivamento que mude, de fato, o país.

Quando um avivamento acontece, a modificação da cultura se dá *por meio de missões*. Os melhores jovens da igreja se oferecerão como voluntários para servir no campo missionário. Os rapazes e as moças mais inteligentes e brilhantes da comunidade da fé optarão por sacrificar seus sonhos de progresso acadêmico ou segurança financeira para ingressar no campo missionário em países da África, da Ásia, da Europa e em locais em que o cristianismo está eclipsando, como Inglaterra, França, Portugal, Espanha, Itália ou Canadá e norte dos Estados Unidos. Esses jovens desejarão estar nesses lugares para pregar o evangelho, abrindo mão de títulos, diplomas e segurança, para assim poderem propagar a mensagem da cruz de Cristo.

No decorrer da história, sempre que há avivamento, ocorre também uma explosão de interesse missionário. No século 18, o inglês William

Carey, um cristão batista pobre, simples e praticamente autodidata, embarcou para o campo missionário na Índia após ter lido um livro de Jonathan Edwards que convidava o povo de Deus a se unir em oração fervorosa por avivamento e pela expansão do Reino.

Outra mudança cultural promovida pelo avivamento acontece *por meio da educação*. Há uma imagem conhecida de que, ao lado de toda igreja presbiteriana, existe uma escola, e isso diz respeito à história, refletindo a crença na verdade bíblica de que a fé vem pelo ouvir e o ouvir da Palavra de Deus. Como os que não sabem ler e escrever podem ter fé em Jesus, se para isso é necessário travar contato com as Escrituras Sagradas? A escola bíblica dominical, que já foi mais forte em nosso país e hoje poderia servir como uma espécie de seminário para a igreja local, nasceu da necessidade e do anseio de educar pessoas para que abraçassem a fé cristã.

Robert Raikes, criador da escola dominical no século 18, era jornalista em Gloucester, na Inglaterra, e pregava nos presídios de sua cidade. Ao dirigir-se aos presídios, o episcopal Raikes via nas praças por onde passava muitas crianças abandonadas, sujas, muitas vezes cometendo pequenos furtos e praticando atos de vandalismo. Essa dura realidade o levou à convicção de que, se não começasse a pregar para aqueles menores naquela fase da vida, teria de pregar para eles depois, no presídio. Raikes visitou algumas igrejas episcopais em Gloucester que abriram as portas do templo para que houvesse reuniões antes do culto dominical. Ele então contratou quatro moças para educar as crianças, que passaram a ter aulas de inglês, matemática, história e Bíblia. Em pouco tempo, milhares de crianças estavam sendo educadas na Inglaterra. Essa foi a origem da escola bíblica dominical.

Quem se debruçar sobre a história das universidades europeias logo descobrirá que pelo menos quinze delas foram fundadas durante a Idade Média, sendo, portanto, mais antigas que o nosso país. Além disso, no período da Reforma, outras quinze universidades foram restauradas ou fundadas pelos reformadores e por seus herdeiros, o que comprova que o avivamento traz transformação à cultura e que um dos meios dessa transformação é justamente a educação. A igreja é composta de pessoas que amam a Palavra e entendem que, para conhecê-la, é preciso saber ler, escrever e pensar com clareza, a fim de tornar possível sua exposição de forma adequada.

As *reformas sociais* também são meios de mudanças culturais decorrentes do avivamento da igreja. A libertação dos escravos, o voto feminino, a ampla difusão de Bíblias (daí surgiu a Sociedade Bíblica Unida, cujo alvo era vender Bíblias a preço acessível) — tudo isso nasceu de períodos de avivamento. Perceba, assim, que o entorno da sociedade na qual se encontra uma igreja que recebe o Espírito Santo com poder não permanece do mesmo jeito. O bairro, o município, o estado e o país sofrem transformações radicais e profundas, por meio de igrejas avivadas.

Seria possível enumerar uma série de exemplos históricos, mas um de meus preferidos diz respeito à independência dos Estados Unidos, que no século 18 consistiam em um grupo de colônias pertencentes à Inglaterra. A independência americana deu-se por influência do avivamento. Foi ele o amálgama que uniu as treze colônias, como então os Estados Unidos eram conhecidos. E quem esteve à frente da revolução? Presbiterianos e congregacionais. O rei George III costumava referir-se àqueles como "os malditos presbiterianos que tomaram minha colônia mais rica". Mas que motivo teria levado esses homens de fé a liderar a revolução que gerou uma das mais sólidas e duradouras repúblicas da história? Eles simplesmente entendiam pela Bíblia que o governo deveria ter sua autoridade disciplinada. Acreditavam, por exemplo, que o governo não poderia cobrar impostos abusivos da população. Em virtude da questão dos impostos, pastores presbiterianos e congregacionais começaram a pregar a respeito de um governo pecaminoso que impunha uma carga tributária que o povo não podia suportar, e isso foi o estopim da revolução americana.

A independência dos Estados Unidos foi declarada em 1776, mais ou menos quarenta anos depois dos grandes avivamentos, que tiveram como protagonistas Jonathan Edwards, George Whitefield e tantos outros homens que Deus usou para despertar seu povo. Esse fato histórico mostra que o avivamento implica uma mudança dramática na cultura. Uma nação inteira pode ser transformada, ainda que não convertida, em decorrência do avivamento.

Ainda a respeito da revolução americana, cabe uma importante observação: alguns livros devocionais dão a impressão, equivocada, de que durante os avivamentos havia milhares de conversões em todas as colônias. Na verdade, segundo os historiadores, mais ou menos vinte por cento dos moradores das treze colônias eram cristãos evangélicos

ao final dos grandes avivamentos do século 18. Esses vinte por cento, no entanto, transformaram a cultura americana, que até hoje vive sob o impacto causado pela minoria que Deus usou para mudar o país. De fato, o avivamento produz transformações radicais na cultura.

Concluída essa análise detalhada da nossa definição de avivamento, ainda é necessário abordar uma última questão: os sinais extraordinários e miraculosos que muitas vezes acompanham o avivamento.

Como é o Espírito Santo que opera com poder, não é possível prever de que maneira se dará essa operação. Assim, é possível que durante o avivamento ocorram alguns sinais não naturais ou não produzidos pelo ser humano. A título de ilustração, vale lembrar Jonathan Edwards, o grande pregador congregacional e talvez o mais importante teólogo e filósofo cristão que viveu nos Estados Unidos, o qual orava de forma curiosa: montado num cavalo. Seu tempo de oração acontecia enquanto cavalgava, e nesses momentos lhe vieram algumas de suas percepções a respeito de Deus, do pecado, da vida cristã etc. Edwards então parava, anotava cada uma delas e mais tarde escrevia sobre elas. Prendia as anotações no casaco, com um alfinete, e depois prosseguia em sua cavalgada, que durava mais ou menos uma hora.

Na época, havia nas casas dos puritanos um quarto reservado para momentos de oração. Geralmente se tratava de um cômodo bastante simples, com uma cadeira, uma mesa, a Bíblia e além disso, quando muito, um diário. Quem usava o quarto de oração na casa de Edwards era sua mulher, Sarah Pierpont. Ninguém menos que Martyn Lloyd-Jones, talvez o maior pregador do século 20, conta que, em uma das vezes em que regressava à casa, ao dirigir-se ao quarto de oração para deixar o casaco, Jonathan Edwards encontrou a mulher como que flutuando acima da cama, em decorrência da ação do amor de Cristo sobre ela. O fato foi registrado por ele em um de seus tratados sobre o avivamento e serve para mostrar que avivamentos podem ser caracterizados por sinais extraordinários.[5]

Algumas vezes, o Diabo, que não tem poder para criar mas apenas para fazer uma caricatura das ações espirituais, tenta descaracterizar a obra do Espírito Santo, a fim de que algumas pessoas céticas ou excessivamente zelosas rejeitem o avivamento. Na época de Edwards, havia outro pregador congregacional chamado James Davenport, um

homem com boa formação teológica, para quem, porém, o "espírito dos profetas" se apossava dele.

Certo domingo, ele mandou trancar as portas de igreja e começou a pregar, levando 24 horas nessa atividade e parando apenas quando a polícia chegou ao local e o conduziu à cadeia, para que ele se acalmasse. Em outro episódio em que foi longe demais em suas afirmações, Davenport disse depois que fora tomado por espíritos demoníacos. Esse tipo de conduta acabou chocando alguns líderes evangélicos nas colônias americanas, levando-os a se tornarem descrentes quanto ao avivamento. Na verdade, sinais extraordinários podem acontecer em um avivamento, mas o Diabo pode caricaturar as obras de Deus, tentando misturar joio com trigo, a fim de levar algumas pessoas a rejeitar o derramamento poderoso do Espírito.

Feita essa observação, podemos prosseguir, mas não sem antes reproduzir uma vez mais a definição que adotamos neste capítulo: *Avivamento é um poderoso e soberano derramamento do Espírito Santo sobre a igreja local, em resposta às orações dos cristãos, no qual essa igreja é completamente transformada, passando por uma reforma doutrinária e de santificação que resulta em muitas conversões simultâneas e na transformação radical da cultura ao redor por meio das missões, da educação e das reformas sociais.*

Essa definição, como não poderia deixar de ser, sustenta-se em alguns textos bíblicos. Por exemplo, na história dos reis de 2Crônicas. Recomendo a leitura da história do rei Asa, em 2Crônicas 14—16; do rei Josafá, em 2Crônicas 20; do rei Ezequias, em 2Crônicas 29—31; do rei Josias, um dos maiores reis de Judá, em 2Crônicas 34—35. Pode-se ler também a história de Esdras e Neemias em Neemias 8 e 9. No próximo capítulo, voltaremos a esses textos.

A ORAÇÃO E O AVIVAMENTO

Como vimos, a oração está intimamente relacionada aos avivamentos. A própria Escritura mostra a necessidade de orarmos para que o Espírito Santo seja derramado com poder sobre a igreja.

Usemos os salmos e o Pai-Nosso para ilustrar o que acabei de afirmar. O livro de Salmos deveria ser nosso livro de oração. E deveríamos aprender a orar lendo os salmos e o Pai-Nosso. De acordo com os materiais disponíveis que tratam do assunto, provavelmente até o século 17 não havia livros devocionais sobre oração, quer escritos

por católicos, quer por protestantes. Hoje, ao visitar uma livraria, é possível encontrar dezenas de livros sobre o tema. Alguém chegou a dizer, em tom de brincadeira, que, se uma pessoa se dedicar a ler todos os livros de oração escritos nos últimos anos, com certeza não terá tempo para orar (e talvez isso tenha seu fundo de verdade!). Mas até os anos 1600, e isso se aplica a comunidades católicas ou protestantes, um presbítero ou diácono que quisesse instruir a igreja a orar gastaria seu tempo pregando os Salmos e o Pai-Nosso.

Os salmos são, por assim dizer, o nosso ginásio de oração, e é neles que o nosso vocabulário devocional é amadurecido. Estou convicto de que os salmos devem guiar a linguagem da nossa oração, pois em suas páginas temos aberta diante de nós a ampla gama de lutas que travamos. Ali encontramos não só louvor e ação de graças, mas também lamento, confusão, confissão, reclamação sobre a falta de sentido da vida e muito mais — e tudo isso torna a leitura de Salmos tão especial e tão fundamental para todos nós. Se não conseguimos orar, se estamos deprimidos, se nos encontramos em pecado e distantes de Deus, se o Diabo nos ataca e se não temos palavras para proferir diante do Senhor, podemos nos colocar de joelhos e usar os salmos como a nossa oração.

Mas, afinal, o que a Bíblia ensina sobre a necessidade de orar por avivamento? Também no livro de Salmos aprendemos a orar por avivamento; portanto, vamos ouvir o que nos dizem alguns deles.

Lemos em Salmos 80.18,19: "Então não nos afastaremos de ti. Vivifica-nos, e invocaremos teu nome. SENHOR, Deus dos Exércitos, restaura-nos; faze resplandecer teu rosto, para que sejamos salvos". Salmos 85.6 registra: "Não tornarás a vivificar-nos, para que teu povo se alegre em ti?". E agora uma sequência do salmo 119: "Minha vida está perto de virar pó; vivifica-me segundo tua palavra" (v. 25); "Desvia meus olhos de contemplarem o que é inútil e vivifica-me no teu caminho" (v. 37); "Anseio por teus preceitos; vivifica-me por tua justiça" (v. 40); "Este é o consolo da minha angústia: tua promessa me vivifica" (v. 50); "Vivifica-me conforme teu amor, para que eu guarde os testemunhos da tua boca" (v. 88); "Estou muito angustiado; vivifica-me, SENHOR, conforme tua palavra" (v. 107); "SENHOR, ouve minha voz, conforme teu amor; vivifica-me, conforme tua justiça" (v. 149); "Defende minha causa e resgata-me; vivifica-me conforme tua palavra" (v. 154); "SENHOR, tuas misericórdias são muitas; vivifica-me

conforme teus juízos" (v. 156); e "Vê como amo teus preceitos; SENHOR, vivifica-me conforme teu amor" (v. 159).

Alguns detalhes importantes merecem nossa atenção. Em grande parte das versões bíblicas em língua portuguesa, a palavra "Senhor", especialmente no Antigo Testamento, é destacada com o recurso tipográfico denominado versal-versalete (a primeira letra maiúscula e as demais em maiúscula reduzida). Sempre que aparece grafada dessa maneira, a palavra é uma referência ao Deus da aliança, o Eu Sou, o Eterno, que apareceu a Moisés na sarça que "estava em chamas, mas não se consumia" (Êx 3.1-22). Nos versículos citados, o profeta não estava clamando a qualquer divindade, mas àquele Deus, o Eterno, que veio a seu povo em aliança pactual e graciosa. Ele suplica para que Deus lhe dê um tipo de vida espiritual que o povo já experimentou.

Era já anseio de Moisés que Deus de novo desse a seu povo o "primeiro amor" (Ap 2.4),[6] renovando o deleite que os hebreus um dia tinham tido no Eterno e agora precisava ser graciosamente reavivado (Sl 90.14). Da mesma forma, o salmista implora para que essa vivificação ocorra segundo a Palavra de Deus. Devemos destacar a menção direta da Palavra de Deus, em várias formas, nesses versículos: o salmista pede para ser vivificado "segundo a tua palavra", "no teu caminho", "nos teus preceitos", "segundo o teu testemunho", "no teu juízo", "conforme o teu amor". Em outras palavras, o avivamento ocorre em resposta à oração do povo de Deus, e por meio da Escritura Deus se dirige misericordiosamente à comunidade da aliança, avivando-a.

O Senhor da aliança é invocado para que dê vida ao que clama segundo a Escritura. Aí está uma demonstração clara de que não há avivamento que não passe pelo amor renovado pela Escritura, a qual, por sua vez, nos leva a conhecer o Deus do pacto da graça. Salmos 143.11 diz: "Vivifica-me, SENHOR, por amor do teu nome! Livra-me da tribulação, por amor da tua justiça!". Nessa passagem o salmista entende seu vazio e sua falta de direção sem a presença de Deus. Já experimentou Deus, o Deus da Palavra, e deseja experimentá-lo segundo a Escritura. Quer ser vivificado e anseia que a alegria e o prazer em Deus lhe sejam renovados.

Continuando a examinar a Escritura, vemos que Deus tem algo a dizer para quem, como o salmista, ora por avivamento. Habacuque 3.2 diz: "SENHOR, eu ouvi a tua fama e temi! Ó SENHOR, aviva a tua obra

no decorrer dos anos; faz que ela seja conhecida no decorrer dos anos; na tua ira, lembra-te da misericórdia". E Isaías 57.15 registra: "Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita na eternidade e cujo nome é santo: Habito num lugar alto e santo, e também com o contrito e humilde de espírito, para vivificar o espírito dos humildes e o coração dos contritos". Perceba o vocabulário do profeta: Deus é o criador soberano que vem em misericórdia. Não há nenhum excesso de familiaridade na referência a Deus. Ao contrário, ele é chamado de Santo, Eterno, Altíssimo e Sublime; esses são alguns adjetivos usados pelos autores da Bíblia quando querem se referir a Deus.

Encontramos ecos dessa linguagem em Lucas 2.8-20, quando os anjos falam de "Deus nas maiores alturas" aos pastores, ao anunciarem o nascimento do "Salvador, que é Cristo, o Senhor". Esse Deus, que habita "nas maiores alturas" e é completamente santo e eterno, alegra-se em ouvir as orações de seu povo. Deus tem prazer em escutar a oração do contrito e quebrantado, em se aproximar do abatido e vivificá-lo, infundindo-lhe novo ânimo, alegria e contentamento em sua presença.

NOSSA CONFISSÃO AO SENHOR DA ALIANÇA

Como numa via de duas mãos, a abundante misericórdia de Deus leva o povo a confessar sua fé e esperança diante de tão maravilhosa mensagem. Nossa confissão vem de Isaías 63.15,16: "Atenta lá dos céus e vê, lá da tua santa e gloriosa morada; onde estão o teu zelo e as tuas obras poderosas?". O profeta está chocado, perplexo, tendo experimentado uma aparente incompatibilidade entre as promessas do Deus da aliança e a situação que o povo de Deus vive naquele momento. O texto continua: "A ternura do teu coração e as tuas misericórdias para comigo foram recolhidas?". Para Isaías, Deus parece ter ocultado a face de diante de seu povo! Ousadamente, então, ele ora: "Mas tu és nosso Pai, embora Abraão não nos conheça, e Israel não nos reconheça. Ó SENHOR, tu és nosso Pai; o teu nome é o nosso Redentor desde a antiguidade".

Creio que, assim como, na época de Isaías, Abraão e Israel teriam dificuldade de reconhecer o povo de Judá como parte do povo de Deus, tendo em vista seus pecados e transgressões para com a aliança, os fundadores da igreja, os pais da igreja e os reformadores provavelmente teriam muita dificuldade hoje em nos reconhecer como parte da igreja visível. Se lessem nossos periódicos, veriam como a

heresia é tolerada em nosso meio; como a boa-nova de Deus em Cristo foi trocada, por alguns, pela confiança no Estado e nas ideologias. E certamente se escandalizariam com nossa tolerância em relação ao pecado.

Ao perceberem como nós, cristãos brasileiros, somos afeitos à malandragem e ao "jeitinho" e como nossos princípios éticos são elásticos, aqueles homens diriam: "Não, essa não é a igreja que fundamos ou reformamos! Não reconhecemos esse povo!". Trata-se de uma paráfrase do que o profeta afirma nessa passagem de Isaías, ao citar Abraão e Israel! Mas o profeta mostra também a confiança que podemos ter na fidelidade do Deus pactual: "Ó SENHOR, tu és nosso Pai; o teu nome é o nosso Redentor desde a antiguidade. Ó SENHOR, por que nos fazes andar longe dos teus caminhos? Por que endureces o nosso coração, para que não te temamos? Volta por amor dos teus servos, tribos da tua herança" (Is 63.16,17). E, em seguida, o profeta nos ensina a clamar (Is 64.1,2,4,8):

> Oh! Se fendesses os céus e descesses, e os montes tremessem à tua presença, como quando o fogo acende os gravetos e faz a água ferver, para que os teus adversários conhecessem o teu nome, e as nações tremessem diante de ti! [...] Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu outro Deus além de ti, que agisse em favor daquele que nele espera. [...] Mas agora tu és nosso Pai, ó SENHOR; nós somos o barro, e tu és o nosso oleiro; e todos nós somos obra das tuas mãos.

"Mas agora tu és nosso Pai"! Mesmo que nossos pais espirituais não nos reconhecessem hoje, temos a firme confiança de que a aliança que o Eterno estabeleceu com seu povo é inquebrável. E Deus tem o poder, por meio de seu Espírito, de hoje nos reformar e reavivar de novo! Portanto, nossa confissão deve ser guiada pelas palavras do profeta, as quais são a Palavra de Deus e, mais do que lembrar, nos instruem a suplicar por avivamento.

Alguém poderia perguntar: "Mas por que orar os salmos? O Antigo Testamento não seria só para o povo de Israel? O Saltério não seria apenas para a antiga dispensação?". Na realidade, oramos os salmos porque Jesus orou os salmos, e ele é o principal tema dessas composições. Oramos os salmos porque o Senhor Jesus nos ensinou que eles proclamam a sua morte, a sua ressurreição e a própria pregação do evangelho. Oramos os salmos porque Jesus é o alvo das orações neles contidas, e oramos em nome e por meio de Jesus Cristo. Quando oramos os salmos, unimo-nos a Jesus Cristo, que nos deixou esse exemplo e vive sempre para interceder por nós.

Deus ordena que oremos, já que não existe vida cristã sem oração.

Ao mesmo tempo, porém, é ele quem nos dá as palavras de nossa oração. Deus não nos deixa sem direção nessa questão tão essencial para o desenvolvimento de uma espiritualidade sadia. Quando oramos os salmos, ganhamos confiança renovada para permanecer orando.

Talvez você esteja se perguntando também: "Por que muitas vezes oramos e nossas orações não são respondidas?". O fato é que nem sempre o conteúdo de nossa oração é guiada pela Palavra de Deus, e isso explica a falta de respostas às nossas súplicas. Se orarmos a Deus usando sua Palavra, podemos orar com certeza de que seremos atendidos, pois é o nosso mediador pactual, Jesus Cristo, quem nos assegura: "Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes, e vos será concedido" (Jo 15.7). Quando incluímos a linguagem dos salmos em nossas orações, podemos confiar que tudo, em Cristo, será atendido. Se clamarmos por avivamento, portanto, teremos a firme confiança de que seremos atendidos.

A BUSCA PELA VINDA DO ESPÍRITO SANTO HOJE

Se fomos batizados em um único Espírito (1Co 12.13), faz algum sentido, nos dias atuais, esperar que o Espírito Santo venha e buscar essa vinda? Enquanto observamos algumas passagens do Novo Testamento, tenha em mente aquela definição que ofereci antes: *Avivamento é um poderoso e soberano derramamento do Espírito*, uma obra que transforma a comunidade cristã e a cultura ao redor.

Vamos começar examinando o que poderíamos chamar de ação dinâmica do Espírito Santo entre os cristãos. O texto de João 20.19-23 causa certo desconforto em alguns estudiosos, pois a impressão que se tem é que Jesus precisou ascender aos céus para que o Espírito Santo viesse. No entanto, acredito não ser esse o ensino do apóstolo João. Em seu evangelho, Jesus é glorificado na crucificação (cf. Jo 7.39; 12.16,23; 13.31,32; 14.13). Aliás, no batismo de Jesus, aquele que o batizou, João Batista, afirmou: "Vi o Espírito descer do céu como pomba e permanecer sobre ele" (Jo 1.32). Na verdade, alguma coisa extraordinária acontece antes da ascensão de Jesus, conforme narrada no evangelho de João. Após a ressurreição, acontece o encontro do Senhor com os discípulos, que o texto relata da seguinte maneira (Jo 20.19-22):

> Quando chegou a tarde daquele dia, o primeiro dia da semana, estando os discípulos reunidos com as portas trancadas por medo dos judeus, Jesus chegou, colocou-se no meio deles e disse-lhes: Paz seja convosco! Ao dizer isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os

> discípulos alegraram-se ao verem o Senhor. Então Jesus lhes disse pela segunda vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio. E havendo dito isso, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.

Essa menção à vinda do Espírito Santo antes da ascensão deve ser tratada com seriedade, pois na sequência do texto é dito que Jesus deu aos discípulos sobre os quais ele acabara de soprar o Espírito Santo a autoridade para declarar o juízo de Deus sobre os pecados, autoridade relacionada à pregação do evangelho: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio. [...] Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos". (Jo 20.21,23, ARA). Para não dar margem a nenhuma ambiguidade quando à salvação pela graça, é necessário frisar, como bem escreveu F. F. Bruce: "Os dois passivos — 'são-lhes perdoados' e 'são retidos' — subentendem a ação divina; a função do pregador é declarar, mas é Deus quem, na verdade, perdoa ou retém".[7]

Há uma associação entre o fato de os discípulos poderem anunciar o perdão dos pecados e o sopro do Espírito Santo, fazendo dessa ocasião uma prefiguração da plenitude do Espírito, que seria dado à igreja na Festa de Pentecostes, o "quinquagésimo dia" depois do sábado da semana da Páscoa (veja Lv 23.4-7,15,16).

Passemos então para o relato de Atos dos Apóstolos. Antes de continuar, porém, é preciso chamar sua atenção para um fato muito importante: em João 20.19-23, Jesus soprou o Espírito Santo sobre os discípulos, que por medo das autoridades judaicas estavam reunidos numa casa a portas trancadas. O bem conhecido texto de Atos (2.1-4) diz:

> Ao chegar o dia de Pentecostes, todos estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E apareceram umas línguas como de fogo, distribuídas entre eles, e sobre cada um pousou uma. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

O acontecimento aqui narrado por Lucas é considerado o momento inaugural da igreja, que define uma mudança importante na história da redenção. Na época do Antigo Testamento, o povo de Deus tinha sua prática devocional centrada no templo, em Jerusalém, nos sacerdotes e em sacrifícios, mas agora Deus ordena que seu povo saia de Jerusalém e leve a mensagem de salvação para toda a Judeia, Samaria e até os confins da terra.

O livro de Atos segue esse roteiro geográfico e mostra o poder do Espírito Santo conduzindo a igreja a essas localidades até o capítulo de

encerramento, o qual mostra Paulo, mesmo preso, pregando o evangelho em Roma, a capital do mundo antigo. Mas em Atos 2.1-4 quem recebe o Espírito Santo? A Escritura diz que estavam "reunidas cerca de cento e vinte pessoas" (At 1.15), mas entre elas, aparentemente, encontravam-se as mesmas pessoas que já haviam recebido o Espírito Santo em João 20.19-23 após a ressurreição de Cristo e antes de sua ascensão, quando nosso Salvador subiu aos céus para estar à mão direita de Deus, o Pai todo-poderoso. Tudo leva a crer que o mesmo grupo que estava reunido antes da ascensão agora recebe o Espírito Santo com poder, no Pentecostes.

O relato bíblico continua a surpreender à medida que avançamos e chegamos a Atos 4. O contexto da passagem é a perseguição movida contra a igreja pelos líderes judeus. Depois do derramamento do Espírito no Dia de Pentecostes, muitos "partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia próximas a Cirene, e romanos [...] residentes [na Judeia], tanto judeus como convertidos ao judaísmo, cretenses e árabes" (At 2.9-11) se converteram depois que Pedro expôs a seus ouvintes os ensinamentos de Salmos 16.8-11 e 110.1 e Joel 2.28-32. O intrépido apóstolo anunciou àquela multidão que "Jesus, a quem crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" por meio de sua ressurreição (At 2.36). O sermão foi interrompido por uma audiência pesarosa, e Pedro então proclamou: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa é para vós, para vossos filhos e para todos os que estão longe, a quantos o Senhor nosso Deus chamar" (At 2.38,39). Em resposta ao apelo do apóstolo, três mil pessoas *se converteram simultaneamente* (uma das marcas do avivamento que mencionei anteriormente) e foram batizadas.

Logo, porém, a igreja começou a ser perseguida. Pedro e João foram presos e interrogados, mas, ao serem soltos, depois de ameaçados e constrangidos a parar de pregar, "procuraram os irmãos" e contaram das ameaças recebidas. Vejamos a reação deles (At 4.24-28):

> Ao ouvirem isso, todos juntos elevaram a voz a Deus, dizendo: Senhor, tu que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há; que, pelo Espírito Santo, disseste pela boca de nosso pai Davi, teu servo: Por que os gentios se enfureceram, e os povos imaginaram coisas vãs? Os reis da terra levantaram-se, e as autoridades aliaram-se contra o Senhor e contra o seu Ungido. Pois, nesta cidade, eles de fato se aliaram contra o teu santo Servo Jesus, a quem ungiste; não só Herodes, mas também Pôncio Pilatos com os gentios e os

povos de Israel; para fazer tudo o que a tua mão e a tua vontade predeterminaram que se fizesse.

E prosseguiram com esta oração surpreendente: "Agora pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que falem a tua palavra com toda coragem" (v. 29). Observe que esses homens não oram ao Senhor por livramento, para que Deus interrompa a perseguição ou arrefeça o ódio daqueles que não gostam do evangelho, mas, sim, para que o Senhor olhe para as ameaças e conceda a seus servos que anunciem com toda a intrepidez a sua palavra, "enquanto estendes a mão para curar e para realizar sinais e feitos extraordinários pelo nome de teu santo Servo Jesus" (v. 30). A resposta de Deus foi imediata e poderosa: "E, quando terminaram de orar, o lugar em que estavam reunidos tremeu. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a anunciar com coragem a palavra de Deus".

Nessa passagem, será que o Espírito Santo visita um grupo diferente daquele de Atos 2.1-4 ou de João 20.19-23? Parece que não. Há boa probabilidade de se tratar do mesmo grupo, acompanhado de novos cristãos. Se, como tudo indica, for esse o caso, o mesmo grupo de cristãos recebeu o derramamento do Espírito três vezes, e, em cada uma delas, o Espírito Santo dá mais de si mesmo, levando seu povo para mais adiante! Perceba que em cada uma das operações do Espírito a igreja não está voltando atrás, mas, sim, avançando. Tem início um processo que não pode ser interrompido, e o evangelho finalmente chega a Roma e mais além (At 28.14-31).

Com a análise que fizemos até agora dessas passagens bíblicas a respeito dos acontecimentos da igreja em Atos, é nosso desejo mostrar com mais clareza ainda a fundamentação bíblica por trás da definição de avivamento proposta neste livro. Diante disso, não podemos fugir à necessidade urgente que temos de clamar, como fizeram aqueles homens, para que Deus nos dê intrepidez e sopre sobre nós seu Espírito Santo.

AVIVAMENTO E DISCERNIMENTO

Mesmo convencidos da inegável importância do derramamento abundante do Espírito para a vida da igreja, devemos temer e combater os excessos que podem surgir em qualquer avivamento, como vimos acontecer em Atos dos Apóstolos. Ali, encontramos registros de pessoas que querem comprar o Espírito Santo e de pessoas que querem realizar milagres sem ele. Isso significa que, quando se dá

o avivamento, alguns problemas podem surgir e, sem dúvida, devem ser identificados e combatidos. Esse risco, porém, não pode comprometer o anseio original pela busca de uma visitação poderosa do Espírito.

Na época de Jonathan Edwards, homens muito zelosos combateram o avivamento que os congregacionais, os reformados, os presbiterianos e os batistas estavam experimentando. No entanto, alguns pastores e teólogos, entre eles Charles Chauncy, começaram a atacar o movimento em razão de seus excessos, como no caso de James Davenport, que citei anteriormente. Esses irmãos zelosos eram pessoas estritamente ortodoxas, muito ciosas da tradição cristã, incluindo a reformada. Apesar disso, seguiram uma trajetória sombria. Primeiro, abandonaram suas convicções reformadas acerca das doutrinas da graça, adotando as posturas contrárias da teologia arminiana. Depois, abraçaram o arianismo, negando que Jesus Cristo é Deus verdadeiro, "Deus de Deus, luz de luz". Depois ainda, tornaram-se adeptos do unitarismo, negando assim as convicções bíblicas acerca da Trindade. Por fim, abraçaram o universalismo, anulando a obra da cruz como fator decisivo para a salvação. Ao rejeitarem o avivamento, tristemente terminaram por perverter a fé cristã, especialmente na região de Boston, antecipando um tipo de "protestantismo liberal" que se tornaria um fenômeno marcadamente europeu, sobretudo no século 19.

Diante de tudo isso, não é demais repetir: temos de temer e denunciar os excessos, mas precisamos buscar o avivamento, porque a Escritura assim nos compele. Ela ensina que todos devemos ser cheios do Espírito (Ef 5.18) e que não podemos apagar o Espírito Santo (1Ts 5.19). Por outro lado, também ensina que devemos provar os espíritos para saber se procedem de Deus ou do Anticristo (1Jo 4.1).

Esse cuidado, no entanto, não altera o fato de que precisamos clamar por avivamento. Estamos entorpecidos. Somos idólatras e precisamos confessá-lo. Submetidos que estamos diariamente às mesmas más notícias, cansamo-nos de ouvir sobre violência, corrupção e coisas do gênero. Só no ano de 2012, 36 mil pessoas morreram em consequência de disparos por arma de fogo no Brasil. São números de uma guerra civil. Mas estamos como que anestesiados.

Acreditamos que, ao descobrirmos o último método de crescimento da igreja, isso vai dar um jeito na situação. E pior:

achamos que, dentro de nossas igrejas, estamos protegidos do mundo e do Diabo, e acabamos assim nos restringindo somente à nossa igreja local, como se não houvesse um Reino! Entretanto, somos chamados para ser sal e luz no mundo, e seremos bem-aventurados se, por sermos sal e luz, formos perseguidos à medida que anunciarmos o Reino. Somente conseguiremos ser de fato sal e luz em nosso país por meio do avivamento, e, como vimos, ele só acontece quando o povo de Deus clama.

É chocante a constatação do caos em que se tornou a igreja evangélica — uma Torre de Babel, uma cacofonia de heresias e pecados —, e a primeira consequência disso é que não conseguimos pensar da perspectiva do avivamento, afastando-nos do que aprendemos em 2Crônicas 7.13,14:

> Se eu fechar o céu para que não chova, ou se ordenar aos gafanhotos que devorem a terra, ou se enviar a praga entre o meu povo; e se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e buscar a minha presença, e se desviar dos seus maus caminhos, então ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra.

O cristão é aquele que crê na soberania de Deus. Mas, se Deus é soberano e, portanto, comanda todo o universo, como justificar a predominância de políticos corruptos e medíocres em nosso país? Como interpretar a violência que assola nossas cidades? Como explicar a constatação de que o trabalhador brasileiro trabalha pelo menos cinco meses por ano apenas para sustentar uma estrutura opulenta e podre, e que recebe em troca um serviço medíocre por parte do Estado? Como entender, no âmbito da igreja, pastores diplomados que se orgulham das tradições em que estão inseridos, mas pregam e oferecem apenas palha ao rebanho que Deus lhes confiou? A resposta a todas essas questões passa pelo fato de que Deus envia pessoas e situações como instrumentos de juízo sobre nós, para que clamemos por avivamento.

Não precisamos do último método de crescimento de igreja ou de "cinco passos para fazermos uma oração de poder". Precisamos, sim, voltar a ouvir os antigos diretórios de culto e manuais litúrgicos, resgatando assim o momento de confissão de pecados em nossas reuniões de adoração. O profeta Amós mostrou que o culto de sua época (Am 4.1—5.27) tinha música bonita, pregação imponente, oferta, mas era desprezado pelo Deus eterno por não ser prestado da maneira que ele requer, também por não haver confissão de pecados e muito menos conversão.

Onde foram parar os momentos de quebrantamento e confissão de pecados dos nossos cultos e liturgias? Nesses mesmos cultos deveria haver um período em que um diácono ou presbítero implorasse o perdão por si e por toda a comunidade. Por ser aquela a expressão da oração de todos, em dependência do Espírito, haveríamos de nos converter e, a partir daquele momento, lutar para permanecer nos caminhos do Senhor.

Precisamos orar por avivamento. A situação do nosso país impõe-nos essa exigência. A Sagrada Escritura é categórica: precisamos clamar ao Senhor, precisamos ouvir Deus dirigir-se a nós, como eles mesmo disse a Salomão: "Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e buscar a minha presença, e se desviar dos seus maus caminhos, então ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra" (2Cr 7.14).

Se desejamos experimentar um avivamento profundo e verdadeiro, precisamos reconhecer nossos pecados e abandoná-los. Como dissemos, estamos tratando de algo que ocorre pelo Espírito *Santo*. A santidade desse Espírito não permite que ele venha ou opere em lugares em que o pecado é tolerado e ídolos são lustrados. Não!

Se queremos o avivamento de verdade, precisamos começar clamando para que Deus nos perdoe os pecados. Precisamos começar a lançar fora tudo o que ofende e aborrece ao Deus eterno, altíssimo e santo.

Aplicações práticas

Segundo a análise que fizemos até agora, o avivamento é um poderoso e soberano derramamento do Espírito Santo sobre a igreja local ou igrejas de determinada localidade em resposta às orações dos cristãos. Ele transforma essa comunidade, fazendo-a passar por uma reforma doutrinária e de santificação. Em épocas de avivamento, são muitas as conversões simultâneas e ocorre uma transformação radical da cultura, por meio das missões, da educação e da reforma social. Vimos como é importante que o povo de Deus se dedique a buscar o Espírito Santo para que haja mudanças significativas em todo o país. Também consideramos brevemente que algumas vezes um avivamento é acompanhado por sinais extraordinários e miraculosos.

Para concluir este capítulo, destacamos algumas aplicações verificáveis na comunidade, à luz de tudo o que estudamos até o

momento. No verdadeiro avivamento bíblico:

A ALIANÇA É RENOVADA COM DEUS E COM OS NOSSOS IRMÃOS

Nosso pecado ofende a Deus. Por isso, precisamos confessá-lo diante dele, confiando no perdão que vem de Cristo. Se temos pecado contra nossos irmãos, precisamos procurá-los e confessar—lhes esse pecado. Temos de refazer a aliança que Deus estabeleceu conosco e com os nossos irmãos. É inútil afirmarmos que amamos a Deus, ao qual não vemos, se não amarmos nosso irmão, que vemos (1Jo 4.20). Se não amamos aquele que vemos, nosso amor por Deus prova-se falso.

A ESCRITURA É VIVENCIADA

A Sagrada Escritura sempre nos surpreende, e não podemos deixar esfriar o nosso amor por ela. O Deus altíssimo, todo-poderoso e eterno, o Rei soberano, vem a nós, ínfima parte que somos de sua imensa criação, e nos fala por meio da Bíblia, a carta de amor de Deus Pai, Filho e Espírito Santo para a seu povo amado. Como Martinho Lutero escreveu no século 16:

> Ora, onde quer que você escute ou veja a Palavra pregada, crida, professada e vivida, não duvide de que a verdadeira *ecclesia sancta catholica* [santa igreja universal] esteja ali [...]. E, mesmo que não haja outro sinal além desse, ele por si só seria suficiente para provar que deve existir ali um povo santo e cristão, pois a Palavra de Deus não pode existir sem o povo de Deus, e, inversamente, o povo de Deus não pode existir sem a Palavra de Deus.[8]

Assim, com toda a seriedade, precisamos nos aproximar da Palavra de Deus com amor, recebendo-a como o pão diário que alimenta a alma, como a bússola que aponta para a vida eterna.

O CONHECIMENTO DE DEUS É AMPLIADO

Na seleção de salmos que citei neste capítulo, vimos que Deus é apresentado ao povo de diferentes maneiras. Ele é o Eu Sou o que Sou, o Eterno. É o SENHOR, o mesmo Deus que apareceu a Moisés na sarça ardente, "que queimava e não se consumia". É o Deus dos exércitos, que reina sobre todo o universo e tem toda a criação sob seu comando. Ele é justo, benigno, misericordioso, mas é também o Deus da ira, Deus sublime, eterno e santo. Há muito para conhecer de Deus!

À medida que deixamos os pecados para trás e nos voltamos para a Palavra de Deus, nossa mente começa a se expandir e passamos a contemplar o Senhor altíssimo, o único Deus vivo e verdadeiro, em sua soberania e glória, graça e santidade. Nosso coração começa a ser

moldado pelo Deus que se dá por nós no Calvário e se revela na Escritura.

Por essa razão, anseie por conhecer a Deus cada vez mais. Lute com ele. Não se satisfaça com migalhas. Devemos imitar Moisés, que suplicou "Rogo-te que me mostres tua glória", ao que Deus respondeu: "Não poderás ver a minha face, porque homem nenhum pode ver a minha face e viver. O SENHOR prosseguiu: Aqui está um lugar próximo de mim; ficarás aqui, sobre a rocha. Quando a minha glória passar, eu te colocarei numa fenda da rocha, e te cobrirei com a minha mão, até que eu tenha passado. Depois, quando eu tirar a mão, verás as minhas costas; mas não se verá a minha face" (Êx 33.18-23).

O vislumbre da glória do Eterno transformou o seu servo. Anseie por conhecer a Deus cada vez mais — o Deus que se dá a você por meio da cruz e que vem à comunidade da fé na Palavra.

A ORAÇÃO É PRIORIDADE

Anseie para que o Espírito Santo desça com poder sobre seu povo. Há vinte anos, seria impensável uma conferência com ênfase nas doutrinas bíblicas que reunisse crentes assembleianos, carismáticos, batistas, congregacionais, presbiterianos, independentes, episcopais, luteranos e metodistas. Haveria barreiras intransponíveis impedindo que membros de todas essas denominações pudessem se reunir.

No entanto, em um momento de crise nacional, em que parece que o tecido social está se desfazendo, Deus tem se revelado em conferências desse tipo. Creio que isso está acontecendo na atualidade, no Brasil e no exterior, para que não apenas provemos uma reforma das sãs doutrinas da Palavra de Deus, mas para que nos ajuntemos em oração e nos unamos em clamor para que Deus visite seu povo com poder.

Imagine se Deus começasse a tocar em pastores, diáconos, presbíteros e bispos presentes nesses eventos. Imagine se Deus começasse a levantar pessoas de igrejas diferentes para clamar por avivamento na igreja brasileira. O que Deus não pode fazer nos mais diferentes estados, no país inteiro? Precisamos clamar por avivamento! Não recebemos porque não temos suplicado essa visitação do Espírito Santo.

Deus tem tido misericórdia de igrejas locais no Brasil. Há histórias de derramamento do Espírito em várias cidades e épocas. E se de um

lado nunca provamos do avivamento em escala nacional, como na Coreia do Sul, na África do Sul, nos Estados Unidos, na Holanda, no País de Gales, na Escócia e na Inglaterra, de outro, parece que estamos passando por um momento em que Deus nos reúne para clamar por um evento dessa natureza.

Não creio que o Deus soberano nos reúna por acaso. Acredito, sim, que esses ajuntamentos solenes que têm ocorrido Brasil afora têm por objetivo nos levar a nos santificar e firmar uma aliança diante de Deus e entre nós para invocar o Senhor, implorando para ele nos visite com poder.

O Espírito Santo não deve nos assombrar, mas devemos, sim, ter horror de nosso pecado. Temos de invocar o Espírito Santo. Suplicar é preciso. Devemos clamar para que o Espírito Santo venha sobre nós hoje com poder.

Devocional

Encerro este capítulo trazendo à memória um tocante hino do século 9 atribuído a Rábano Mauro, chamado *Vinde, Espírito criador* [*Veni creator Spiritus*]:

Vinde, Espírito Criador,
a nossa alma visitai
e enchei os corações
com vossos dons celestiais.
Vós sois chamado o Intercessor de Deus,
excelso dom sem par,
a fonte viva, o fogo, o amor,
a unção divina e salutar.
Sois o doador dos sete dons
e sois poder na mão do Pai,
por ele prometido a nós;
por nós seus feitos proclamai.
A nossa mente iluminai,
os corações enchei de amor,
nossa fraqueza encorajai,
qual força eterna e protetor.
Nosso inimigo repeli,
e concedei-nos a vossa paz,
se pela graça nos guiais,
o mal deixamos para trás.

Ao Pai e ao Filho Salvador,
por vós possamos conhecer
que procedeis do seu amor,
fazei-nos sempre firmes crer.

Leituras de aprofundamento

BOND, Douglas. *A poderosa fraqueza de John Knox* (São José dos Campos: Fiel, 2014).

BONHOEFFER, Dietrich. *Orando com os Salmos* (Curitiba: Encontrão, 1995).

BRUCE, F. F. *João: introdução e comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1987).

EDWARDS, Jonathan. *A verdadeira obra do Espírito* (São Paulo: Vida Nova, 2010).

FERREIRA, Franklin. *Teologia sistemática*. Curso Vida Nova de Teologia Básica (São Paulo: Vida Nova, 2013). p. 157-91.

_____; MYATT, Alan D. *Teologia sistemática*: *uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual* (São Paulo: Vida Nova, 2008). p. 657-702.

LLOYD-JONES, D. M. *Os puritanos: suas origens e sucessores* (São Paulo, PES, 1993).

MCDERMOTT, Gerald R. *Doze sinais da verdadeira espiritualidade: o Deus visível* (São Paulo: Vida Nova, 2011).

MCGRATH, Alister. *Uma introdução à espiritualidade cristã* (São Paulo: Vida, 2008).

PACKER, J. I. *Na dinâmica do Espírito: uma avaliação das práticas e doutrinas* (São Paulo: Vida Nova, 1991).

STEGEN, Erlo. *Avivamento na África do Sul* (São Paulo: Os Puritanos, 1996).

[1]São Paulo: Os Puritanos, 1997.

[2]Erlo Stegen, *Avivamento na África do Sul,* p. 63

[3]I.4, in: Joel Beeke; Sinclair Ferguson, *Harmonia das confissões reformadas* (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), p. 12.

[4]Dickinson, "Introduction to Knox", *John Knox's history of the Reformation in Scotland*, 1:xlvii, citado em Douglas Bond, *A poderosa fraqueza de John Knox* (São José dos Campos: Fiel, 2014), p. 74.

[5]Sarah Pierpont também escreveu sobre essa experiência num manuscrito intitulado "Her uncommon discoveries of the Divine perfections and glory; and of the excellency of Christ", in: *The works of Jonathan Edwards* (Edinburgh: Banner of Truth, 1998), vol. 1, p. lxii-lxx. Cf. tb D.M. Lloyd-Jones, *Os puritanos: suas origens e sucessores* (São Paulo: PES, 1993), p. 369.

[6]Para alguns estudiosos, o que se tem em vista aqui é o amor fraterno. Como disse G. E. Ladd, "os convertidos de Éfeso haviam experimentado tal amor em seus primeiros anos; mas na sua luta com os falsos mestres e seu ódio pelo ensino herético ao que tudo indica haviam produzido insensibilidade e atitudes ásperas na relação uns com os outros, a tal ponto que isso resultara no abandono da virtude cristã suprema do amor" (*A commentary on the Revelation of John* [Grand Rapids: Eerdmans, 1972], p. 39). Para outros, o termo se refere principalmente ao amor a Deus. John Stott (*O que Cristo pensa da igreja* [Campinas: United Press, 1998, p. 21-7]) defende que a expressão é ambígua, mas assume a interpretação de que o "primeiro amor" na passagem está relacionado com Deus, o "amante divino", como ele o chama, o que situa o trecho como um apelo ao cuidado com uma ortodoxia morta.

[7]F. F. Bruce, *João: introdução e comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1987), p. 335.

[8]Martin Luther, *Luther Work's* (Mineapolis: Fortress, 1966), vol. 41: Church and Ministry III, p. 150.

Capítulo 3

O AVIVAMENTO NA HISTÓRIA BÍBLICA

Neste capítulo, quero convidá-lo a conhecer um pouco sobre os avivamentos ocorridos no decorrer da história do povo de Deus e registrados no Antigo Testamento, além daqueles ocorridos na era da igreja e relatados no Novo Testamento.

Vamos observar as passagens principais que tratam do avivamento na narrativa bíblica, relembrar a definição que proponho para o fenômeno e conhecer os desafios enfrentados na busca pelo derramamento do Espírito, algo realmente necessário à igreja cristã no Brasil.

A LINGUAGEM BÍBLICA DO AVIVAMENTO

A Escritura usa uma linguagem peculiar para tratar do que chamamos avivamento ou despertamento espiritual. Antes de qualquer coisa, é necessário chamar a atenção para o fato de que o termo "avivamento" não aparece no texto bíblico.

Para os que foram criados em uma tradição fundamentalista, uma objeção recorrente à busca pelo avivamento é que isso seria algo relacionado ao passado e, portanto, não se aplicaria aos dias atuais. Para esses mesmos críticos, essa é uma questão com a qual não devemos gastar tempo, uma vez que a palavra *avivamento* nem sequer se encontra na Escritura. Entretanto, ainda que o termo em si não apareça na Bíblia, os vocábulos "vivificar" e "avivar" são recorrentes, especialmente em situações de oração de súplica e de lamento.

Como vimos no capítulo anterior, os cristãos concordam que o livro de Salmos é a nossa escola de oração. Aprendemos a orar com os salmos e somos chamados pela tradição cristã a incorporá-los à nossa prática devocional. O Saltério ensina a orar por avivamento e renovação. Pode-se ver isso, por exemplo, em Salmos 80.18,19, 85.6, 119.25,37,40,50,88,107,149,154,156,159 e 143.11.

Outras passagens ainda representam súplicas para que Deus visite seu povo com poder e lhe renove a vida e a paixão pelo próprio Deus da aliança. Esse anseio profundo de Israel manifesta-se em expressões

de clamor e lamento. É o caso, por exemplo, de Habacuque 3.2, já mencionado no capítulo anterior.

Desse modo, mesmo que a Escritura não registre a palavra *avivamento*, os verbos *vivificar* e *avivar* estão presentes e são encontrados justamente nos lábios daquele que ora. O salmista serve de modelo para nós, uma vez que nos exorta a suplicar por avivamento e vivificação em nossas orações.

Termos correspondentes são também encontrados na literatura bíblica. Entre os exemplos, temos Jeremias 3.22 ("*Voltai*, ó filhos rebeldes, e curarei a vossa rebeldia. Eles responderam: Aqui estamos, voltamos a ti, porque tu és o SENHOR, nosso Deus"), que fala da necessidade de nos voltarmos para Deus para sermos curados (grifo nosso). Ou Lamentações 5.21 ("*Restaura*-nos a ti para que voltemos a ti, SENHOR; *renova* os nossos dias como antigamente"), que mostra nossa necessidade de nos convertermos, ao expressar a súplica do profeta para que Deus o restaure e renove (grifo nosso). Vale lembrar ainda da ideia presente no já abordado texto de 1Crônicas 7.13-15, segundo a qual, se de um lado Deus cerra os céus e deixa de derramar bênçãos sobre o povo da aliança, de outro, o povo da aliança é instado a se converter, a se arrepender e a abandonar seus maus caminhos, na santa expectativa de que Deus voltará e o sarará, renovando sua aliança.

Ao nos dirigirmos para o Novo Testamento, observamos que, logo depois de um derramamento do Espírito (sobre o qual voltaremos a falar adiante), o apóstolo Pedro fala de tempos de refrigério relacionados à vinda do Espírito Santo: "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que os vossos pecados sejam apagados, de modo que da presença do Senhor venham tempos de refrigério, e ele envie o Cristo, que já vos foi predeterminado, Jesus" (At 3.19,20).

Com base em uma pesquisa cuidadosa do texto bíblico, não é difícil concluir que as objeções e críticas à busca por avivamento são feitas muito mais por preconceito e percepção errônea quanto à Pessoa e à ação do Espírito Santo na comunidade do que pela suposta ausência de base bíblica para essa busca. À luz do que vimos no capítulo anterior, podemos concluir que a Escritura nos incentiva e ordena a buscar o avivamento, a renovação e a conversão, na esperança de que Deus vivifique a nossa vida espiritual e a nossa devoção.

O AVIVAMENTO NO ANTIGO TESTAMENTO

Existem pelo menos doze momentos na história do povo de Deus, registrada no Antigo Testamento, que podemos considerar avivamentos e sobre os quais vale a pena nos determos por um tempo. São momentos especiais em que Deus se voltou para o povo bem quando este experimentava períodos críticos, ora de confusão, ora de ameaça militar estrangeira, ora de frieza na devoção ao Eterno, o Senhor da aliança.

ODO

Comecemos pelo contexto da passagem de Êxodo 33.1-10. Deus havia concedido a Moisés as marcas visíveis do pacto, e, enquanto este estava no alto do monte, recebendo os mandamentos e sinais divinos, o povo mandou que Arão fizesse um bezerro de ouro. O mesmo povo que fora liberto da escravidão no Egito pelo braço forte e a mão estendida do Deus eterno agora se volta rapidamente para a idolatria. Deus então resolveu retirar sua bênção do povo e se mostrou decidido a recomeçar a história apenas com Moisés, o qual, por sua vez, passou a lutar com Deus em oração. O resultado desse clamor foi que Deus se comprometeu a permanecer com o povo, mesmo que tivesse de discipliná-lo.

A passagem que estamos estudando destaca a tenda da revelação. Por isso, vale a pena continuar a leitura e verificar o que está escrito em Êxodo 33.7-11:

> Moisés costumava pegar a tenda e armá-la fora, bem longe do acampamento, e chamou-a de tenda da revelação. Todo aquele que buscava o SENHOR ia à tenda da revelação, fora do acampamento. Quando Moisés ia à tenda, todo o povo se levantava; cada um ficava em pé na entrada da sua tenda e contemplava Moisés pelas costas, até que ele entrasse na tenda. Quando Moisés entrava na tenda, a coluna de nuvem descia e ficava à entrada da tenda; e o SENHOR falava com Moisés. E todo o povo via a coluna de nuvem que estava à entrada da tenda, e todo o povo, levantando-se, adorava, cada um na entrada da sua tenda. E o SENHOR falava com Moisés face a face, como quem fala com seu amigo. Em seguida, Moisés voltava para o acampamento; mas seu auxiliar, o jovem Josué, filho de Num, não se distanciava da tenda.

Estamos diante de um tipo de avivamento. Depois de um período de quebrantamento, confissão de pecados e humilhação pessoal, algo diferente acontece entre o povo: a glória de Deus desce entre eles.

Um detalhe que chama a atenção é que a glória não desce em meio ao povo em si, mas fora do arraial, especificamente na tenda da revelação. Vemos aí uma clara noção de reverência e santo temor. As pessoas ficavam de pé quando Moisés ia à tenda, e, quando para lá se dirigiam, a glória de Deus descia sobre ela, não havendo apenas temor e reverência, mas um senso de adoração. As pessoas celebravam o

poder e a fidelidade de Deus manifestos entre seu povo por meio de sua glória.

Outro ponto importante é que essa ação divina acontece ao pé do monte Sinai, no deserto. Ou seja, a geografia também exerce seu papel quando tratamos do avivamento na história bíblica, o que mais adiante vamos retomar com mais ênfase.

JUÍZES

Alguns estudiosos do avivamento têm apontado o livro de Juízes como um modelo de avivamento. Vejamos o que diz Juízes 2.7,10-15,18:

> O povo cultuou o SENHOR durante toda a vida de Josué e dos anciãos que sobreviveram a ele e que haviam visto os grandes feitos que o SENHOR havia realizado em favor de Israel. [...] Depois que toda aquela geração foi reunida a seus pais, surgiu outra geração que não conhecia o SENHOR, nem o que ele havia feito por Israel. Então os israelitas fizeram o que era mau aos olhos do SENHOR e cultuaram os baalins. Abandonaram o SENHOR, Deus de seus pais, que os havia tirado da terra do Egito, seguiram os deuses dos povos ao redor e os adoraram. Assim, provocaram a ira do SENHOR, abandonando-o e cultuando Baal e Astarote. Por isso a ira do SENHOR se acendeu contra Israel, e ele os entregou nas mãos de saqueadores, que os roubaram. Ele os entregou nas mãos dos inimigos ao redor, aos quais não puderam mais resistir. Por onde quer que saíssem, a mão do SENHOR era contra eles para derrotá-los, conforme o SENHOR havia advertido e jurado. Eles estavam em grande aflição. [...] Quando o SENHOR levantava um juiz, ficava ao lado dele e livrava os israelitas das mãos dos seus inimigos durante toda a vida daquele juiz. O SENHOR tinha compaixão deles em razão do seu gemido por causa dos que os oprimiam e afligiam.

O padrão desse livro é uma espécie de círculo vicioso: o povo abandona Deus; Deus disciplina o povo, geralmente por meio de uma invasão estrangeira; o povo clama, arrependido; Deus levanta um juiz; o juiz traz libertação; o povo celebra Deus e experimenta paz, mas depois volta a pecar e torna a abandonar a Deus. Eis um ciclo que se repete em toda a narrativa de Juízes, mas aqui vamos passar diretamente para os relatos do profeta Samuel, que, de certa forma, resumem as tensões presentes no livro.

SAMUEL

Sendo o último dos juízes, Samuel vivenciou o problema comum do povo em sua época, até que um avivamento, uma renovação irrompeu sobre os israelitas.

No texto de 1Samuel 7.5,6, lemos: "Samuel também disse: Reuni todo o Israel em Mispá, e intercederei por vós junto ao SENHOR. Eles se reuniram em Mispá, tiraram água e a derramaram diante do SENHOR; jejuaram aquele dia, e ali confessaram: Pecamos contra o SENHOR. E Samuel julgava os israelitas em Mispá". O que esse relato nos informa é que Samuel e o povo estão entrando em concerto diante

de Deus. E, ao mesmo tempo que ambas as partes — o profeta e o povo — entram em concerto ou aliança com Deus, essa aliança é marcada por jejum, quebrantamento e confissão de pecados, e, no final, purificação.

Considerando mais uma vez o aspecto geográfico, vale observar que, no avivamento de Êxodo, a visita de Deus acontece no Sinai — servindo de modelo do que Deus faria e fez durante a peregrinação do povo no deserto —, ao passo que em 1Samuel Deus abençoa o povo em Mispá, localidade que será marcada como palco de grande vitória das tribos de Israel sobre os filisteus. Para comemorar essa vitória dada por Deus, Samuel erige uma pedra nas proximidades (1Sm 7.12), chamando-a Ebenezer (lit., "pedra de ajuda").

SAMUEL

Avançando um pouco mais pelas páginas do Antigo Testamento, chegamos a 2Samuel. A narrativa estendida, digamos assim, desse episódio aparece em 1Crônicas 13.5-14 e depois em 1Crônicas 15.25—16.43, e conta como o rei Davi, estabelecido em Jerusalém, em um ato de obediência ao Senhor, resolveu trazer a arca de volta para a cidade que Deus amava e na qual colocou sua atenção.

Especificamente no relato de 2Samuel 6.14,15, porém, a descrição é bem simples: "E Davi dançava com todas as suas forças diante do SENHOR vestindo um colete de linho. Assim Davi e toda a casa de Israel subiam, trazendo a arca do SENHOR com júbilo e ao som de trombetas". A entrada da arca em Jerusalém significava o derramamento da bênção de Deus sobre a cidade.

A aliança que Deus estabeleceu primeiro com Abraão, depois com Moisés e também com Davi alcança o ápice nesse momento. E de que forma a arca chega a Jerusalém? Com muita alegria, com muita festa. Mical, a esposa de Davi, fica escandalizada com a atitude do marido. O grande rei se tornara um homem comum, porque o Deus eterno estava no centro. A aliança se renovava, e naquele momento se concretizavam as promessas de paz, terra e força que Deus fizera ao povo de Israel.

CR NICAS

Como dissemos, em 1Crônicas 13—16, todo esse drama aparece ampliado e com muito mais detalhes. Davi, emocionado e cheio de alegria pelo que está acontecendo, celebra a Deus com um salmo, que

é citado na passagem bíblica.

O fato, bem claro na passagem de 2Samuel, porém, é que no auge do ministério de Davi, Deus graciosamente visita seu povo de tal forma que a alegria do povo e a celebração com música, sons e instrumentos são usados agora para agradecer a Deus não só pelas vitórias, mas especialmente pela entrada da arca da aliança na cidade escolhida por Deus.

Chamo mais uma vez sua atenção para a curiosa geografia do avivamento: primeiro o deserto do Sinai, depois Mispá e agora Jerusalém. Todos os avivamentos posteriores terão Jerusalém como centro. Observe que há uma espécie de "afunilamento" geográfico: o deserto, com toda a sua amplitude, depois Mispá, um campo de batalha, e então Jerusalém, com todo o resto do drama girando em torno dessa cidade amada por Deus.

CR NICAS

Voltemo-nos agora para 2Crônicas, talvez o livro mais importante no que se refere a avivamentos no Antigo Testamento. Sua temática gira em torno da casa de Davi, do templo e dos sacerdotes, e é de grande valia examinarmos alguns dos avivamentos registrados nesse livro bíblico. Lembre-se de que todo o foco de 2Crônicas é Judá, o Reino do Sul, o qual reúne as duas tribos que se mantiveram fiéis à aliança de Deus — não sobrando espaço no livro, portanto, para as outras dez tribos, o chamado Reino do Norte ou Israel, que passou a ter esse nome quando a nação se dividiu, na época de Roboão, filho de Salomão.

Por essa mesmo motivo, convém destacar que todos os reis de Judá, cujos reinados são descritos em 2Crônicas, pertencem à descendência real de Davi. De certa forma, neles se cumprem as promessas do pacto que Deus fez com Davi. Nos livros de 1 e 2Reis, cada rei é apresentado de forma bem definida: reis maus, que praticaram ou permitiram a idolatria (Abias, Acabe, Manassés, Jeoacaz); reis bons, que combateram a idolatria, mas permitiram a continuidade do culto nos bosques e colinas (Asa, Josafá, Joás, Amasias, Azarias, Jotão); e reis excelentes, que combateram a idolatria e o culto nas colinas (Ezequias e Josias). Os reis dos dois últimos grupos, que são mencionados em 2Crônicas, são medidos por terem se comportado segundo "Davi, seu pai", o grande rei que experimentou o avivamento. Ele e o povo provaram a renovação da aliança com a entrada da arca

da aliança em Jerusalém, e vários de seus herdeiros também experimentaram esse tipo de bênção.

À medida que estudamos esses episódios de avivamento, quero convidá-lo a prestar atenção na intensidade com que eles se manifestam. Será que esses avivamentos foram todos iguais? Ou podemos dizer que Deus visita seu povo com cada vez mais poder e graça, dando-lhe mais de si mesmo?

O primeiro avivamento de 2Crônicas de que vamos tratar acontece num momento em que o povo de Judá resolve renovar a aliança com Deus e assim se voltar para ele. O povo quer buscar o Senhor: "Mas, em sua angústia, voltaram para o SENHOR, Deus de Israel; eles o buscaram e o encontraram" (15.4). Em 2Crônicas 15.9-15 lemos:

> Ele reuniu todos de Judá e Benjamim, e os de Efraim, Manassés e Simeão que moravam entre eles, pois muitos de Israel tinham vindo encontrá-lo quando viram que o SENHOR, seu Deus, estava com ele [Asa]. Ajuntaram-se em Jerusalém no terceiro mês, no décimo quinto ano do reinado de Asa. No mesmo dia, ofereceram setecentos bois e sete mil ovelhas, do despojo que trouxeram, em sacrifício ao SENHOR. Eles fizeram uma aliança de buscar o SENHOR, Deus de seus pais, de todo o coração e de toda a alma; e de que todo aquele que não buscasse o SENHOR, Deus de Israel, fosse morto [uma nota sinistra que revela a absoluta seriedade em renovar o pacto com o Deus eterno], tanto jovem como idoso, tanto homem como mulher. Eles prestaram juramento ao SENHOR bem alto, com júbilo, ao som de trombetas e cornetas. Todo o Judá se alegrou com esse juramento, porque de todo o coração juraram e de toda a vontade buscaram o SENHOR, e o encontraram. Então o SENHOR lhes deu descanso ao redor.

O espaço não é suficiente para abordar todos os aspectos da passagem, mas estamos diante de temas como expiação, sacrifício, renovação da aliança, absoluta seriedade em buscar ao Senhor, alegria, celebração, música e paz sobre a nação — todos elementos importantes quando o assunto é avivamento.

Observe que existe uma espécie de progressão, que começa por Moisés, passa por Samuel e Davi e chega a Asa: Deus dá cada vez mais de si mesmo ao povo. Nenhum avivamento é igual a outro, segundo o que pudemos observar até aqui no relato bíblico, e a sensação que temos é que a intensidade de cada episódio só aumenta, o que responde às perguntas que formulamos há pouco.

O avivamento seguinte ocorreu no reinado de Josafá, como podemos ler em 2Crônicas 17.5-10:

> Por isso, o SENHOR confirmou o reino em sua mão; e todo o Judá trouxe presentes a Josafá; e ele teve muita riqueza e glória. Seu coração se despertou para seguir os caminhos do SENHOR, e ele tirou de Judá os altares das colinas e os postes-ídolos. No terceiro ano do seu reinado, ele enviou os seus chefes Bene-Hail, Obadias, Zacarias, Netanel e Micaías para ensinarem nas cidades de Judá; e com eles os levitas Semaías, Netanias, Zebadias, Asael, Semiramote, Jônatas, Adonias, Tobias e Tobadonias e, com estes levitas, os

> sacerdotes Elisama e Jeorão. Eles ensinaram em Judá, levando consigo o livro da lei do SENHOR; foram por todas as cidades de Judá, ensinando entre o povo. Então o temor do SENHOR caiu sobre todos os reinos das terras que estavam ao redor de Judá, de modo que não guerrearam contra Josafá.

Na sequência, Josafá desagradou a Deus, ao entrar em aliança com o Reino do Norte. Diferentemente, porém, de como procedeu diante da batalha em Ramote-Gileade (2Cr 18.10—19.3), confiou em Deus diante de uma grave ameaça militar (2Cr 20.3-12) contra o Reino do Sul:

> Então Josafá teve medo e resolveu buscar o SENHOR, e convocou jejum em todo o Judá. Judá uniu-se para pedir socorro ao SENHOR; vieram pessoas de todas as cidades de Judá para buscarem o SENHOR. Josafá ficou em pé na comunidade de Judá e de Jerusalém, no templo do SENHOR, diante do pátio novo, e disse: Ó SENHOR, Deus de nossos pais, não és tu o Deus que está nos céus? Não és tu que governas sobre todos os reinos das nações? Na tua mão há poder e força, e não há quem te possa resistir. Ó nosso Deus, não tiraste os moradores desta terra de diante do teu povo Israel, e não a deste para sempre à descendência de Abraão, teu amigo? E habitaram nela, e construíram nela um santuário ao teu nome, dizendo: Se algum mal nos sobrevier, seja espada, juízo, praga ou fome, nós nos apresentaremos diante deste templo e diante de ti, pois teu nome está neste templo, e clamaremos a ti em nossa aflição, e tu nos ouvirás e livrarás. Agora, eis os homens de Amom, de Moabe e do monte Seir, em cujo território não permitiste que os israelitas passassem quando vinham da terra do Egito, fazendo com que se desviassem deles e não os destruíssem. Vê como eles nos retribuem, vindo expulsar-nos da tua herança, que nos fizeste herdar. Ó nosso Deus, tu não os julgarás? Porque nós não temos força para resistir a essa grande multidão que nos ataca, nem sabemos o que fazer; porém os nossos olhos estão voltados a ti.

O povo de Judá aparece cercado de inimigos, na iminência de ser derrotado por moabitas e amonitas, inimigos muito poderosos. Segundo o texto nos afirma, o rei Josafá teve medo, algo natural nessas circunstâncias: medo de ser literalmente varrido da existência e de ter seu povo apagado como nação. A atitude do rei Josafá não é outra senão conduzir o povo a buscar o Senhor. A comparação entre a linguagem do avivamento experimentado por Josafá e a que é usada para descrever o avivamento de Asa mostra que ambos os acontecimentos são bem parecidos e que se repete o padrão de Deus dar mais de si mesmo ao povo.

Nesse episódio, Deus age de forma impressionante: os exércitos inimigos são esmagados sem a participação dos exércitos de Judá. A única ação que Josafá e o povo fazem é louvar, e é em meio aos louvores que conseguem obter a vitória de Deus sobre os adversários. O que percebemos aqui é que gerações sucessivas em Judá experimentaram cada vez mais dessa vivificação, dessa visita que Deus operou entre o povo.

Moisés e Samuel eram profetas, Davi, Asa e Josafá eram reis, e, quando chegamos a 2Crônicas 23.16, vemos Deus usar um sacerdote

para levar avivamento ao povo de Judá. Em meio a uma cruel guerra civil, com muito sangue derramado, "Joiada firmou uma aliança com todo o povo e com o rei, pela qual seriam o povo do SENHOR", o povo do Eterno, o povo do Deus da aliança, que entrou em um pacto gracioso com uma comunidade.

Vemos então Joiada, um sacerdote, ser usado por Deus para celebrar uma renovação da aliança, para que o povo experimentasse o avivamento. A primeira atitude do povo após a renovação da aliança com o rei, com o sacerdote e com o próprio Deus é sair destruindo todos os altares de ídolos que ainda havia em Judá. Esses altares ficavam em montes ao redor de Jerusalém. Eram feitos de pedra com quatro pontas, nas quais se ofereciam sacrifícios — paródias dos sacrifícios realizados no templo em Jerusalém. O povo, agora despertado, sai destruindo tudo como um bando de vândalos, porque entende que só Yahweh deve ser cultuado entre o povo de Judá.

Além dos avivamentos que vimos até agora, outro avivamento ainda merece a nossa atenção, dessa vez ocorrido sob o reinado de Ezequias, de apenas 25 anos. O templo está sendo reparado, e o texto de 2Crônicas 29.4-11 registra as palavras do rei:

> Ele trouxe os sacerdotes e os levitas e, ajuntando-os na praça oriental, disse-lhes: Ó levitas, ouvi-me. Santificai-vos agora, e santificai o templo do SENHOR, Deus de vossos pais, e limpai a impureza do santo lugar. Porque nossos antepassados foram infiéis, e fizeram o que era mau diante do SENHOR, nosso Deus. Eles o abandonaram, desviando o rosto da habitação do SENHOR, e deram-lhe as costas. Também fecharam as portas do pórtico, apagaram as lâmpadas e não queimaram incenso nem ofereceram sacrifícios no santo lugar ao Deus de Israel. Por isso, a ira do SENHOR veio contra Judá e Jerusalém, e ele os entregou para serem objeto de horror, espanto e zombaria, como estais vendo com os vossos olhos. Porque nossos pais caíram à espada, e por isso nossos filhos, filhas e mulheres estão em cativeiro. Agora, tenho no coração o propósito de fazer uma aliança com o SENHOR, Deus de Israel, para que a sua fúria se desvie de nós. Filhos meus, não sejais negligentes, pois o SENHOR vos escolheu para o servirdes em sua presença, e para serdes seus ministros e queimardes incenso.

Logo em seguida, há um esforço dos levitas por limpar o templo, por literalmente purificar a casa de Deus de qualquer resquício de divindades pagãs, restaurando assim o culto ao Senhor. A Páscoa é então renovada, e o povo se alegra, ao mesmo tempo que abandona os pecados diante do Senhor. Diferentemente do que ocorre nas outras narrativas, aqui é possível perceber a certeza absoluta comunicada por Ezequias a seus servidores, os levitas, de que, se a nação não é próspera, isso se deve ao fato de que o povo de Deus não está buscando sua face.

É inevitável aqui a comparação com o nosso país. Segundo dados

do Ministério da Saúde, em 2013, 56 mil brasileiros morreram por "morte matada", como se diz. Mais gente morre dessa maneira no Brasil em um ano do que na guerra civil na Síria, ou no Afeganistão, ou no Iraque.

O que dizer da corrupção em nosso meio? E do fato de que nosso salário parecer ter ido embora pela metade ao chegarmos em casa, sem nem sabermos para onde foi? Será que tudo isso é natural? Por que acontecem essas coisas? Em uma nação em que 42 milhões de pessoas se identificam como evangélicos, onde estão as bênçãos de Deus? Onde está a visitação do Senhor sobre nós? Por que tanta violência e toda essa corrupção? Por que essa falta de significado em nossa vocação e trabalho, e mesmo em nossa vida?

Tente relacionar todo esse questionamento ao que estamos lendo nessa passagem. O texto afirma: "Ele os entregou para serem objeto de horror, espanto e zombaria". Tente fazer essas conexões e se pergunte "Por quê?", "Por que Deus não se volta para nós?", "Por que não somos uma grande nação em que de fato há paz e justiça social?".

Deixemos agora o rei Ezequias (mas não as inquietantes questões que o exemplo nos suscita) e observemos o que ocorre então sob o reinado de Josias. Antes, porém, não posso deixar de recomendar que você releia com calma o que está escrito em 2Crônicas 29—32, para observar que o que Deus faz na renovação da Páscoa com o rei Ezequias é algo maior do que tudo o que havia feito com o sacerdote Joaiada, com os reis Josafá, Asa, Davi e até mesmo com o profeta Moisés. Mais uma vez, verifica-se uma progressão nessas visitações. Cada vez que Deus se volta para seu povo, vai derramando mais de sua graça, mais de seu amor, mais de sua fidelidade, e mais o povo experimenta a grandeza de Deus. Então, chegamos ao rei Josias, um dos meus reis prediletos no Antigo Testamento. Na passagem de 2Crônicas 34.31-33, lemos:

> O rei ficou em pé em seu lugar, e fez uma aliança diante do SENHOR, de andar após o SENHOR, e de obedecer aos seus mandamentos, aos seus testemunhos, aos seus estatutos, de todo o coração e de toda a alma, a fim de cumprir as palavras da aliança que estavam escritas naquele livro. Também fez com que todos os que estavam em Jerusalém e em Benjamim o firmassem; e os habitantes de Jerusalém fizeram conforme a aliança de Deus, do Deus de seus pais. Josias tirou todas as abominações de todas as terras que pertenciam aos israelitas; e ainda fez com que todos os que estavam em Israel cultuassem o SENHOR, seu Deus. Enquanto ele viveu, não deixaram de seguir o SENHOR, Deus de seus pais.

O texto faz referência à aliança de Moisés (Dt 28—30), que serve de introdução aos livros históricos e que chamamos de aliança deuteronômica. O livro da lei, provavelmente Deuteronômio, havia

sido encontrado no templo pelo sacerdote Hilquias, portanto, Safã começou a lê-lo (2Cr 34.14-18). As pessoas, a começar pelo rei Josias e os sacerdotes que se achavam próximos, começaram a se quebrantar. Josias, então, passou a liderar o movimento que levaria à renovação da aliança.

Por causa da exortação da profetisa Hulda (2Cr 34.22-28), o rei Josias tirou todas as abominações de todas as terras pertencentes aos filhos de Israel. As abominações eram postes-ídolos e altares de sacrifício, e Josias começou a fazer uma limpeza purificadora, zelando pelo culto ao Deus vivo, "e ainda fez com que todos os que estavam em Israel [do outro lado da fronteira, o que sobrou das dez tribos] cultuassem o SENHOR, seu Deus. Enquanto viveu, eles não deixaram de seguir o SENHOR, Deus de seus pais" (2Cr 34.33). Por conseguinte, a Páscoa foi celebrada e houve sacrifícios e holocaustos. Observe a bela descrição bíblica a respeito desse avivamento em 2Crônicas 35.18:

> Nunca se havia celebrado em Israel uma Páscoa semelhante a essa, desde os dias do profeta Samuel; e nenhum dos reis de Israel havia celebrado tal Páscoa como a que Josias celebrou com os sacerdotes e levitas, e todo o Judá e Israel que ali estavam, e os habitantes de Jerusalém.

Fica evidente pela leitura desses textos que, desde o Sinai até a iminência da destruição de Jerusalém, Deus não deixou seu povo sem visitação. Deus, por assim dizer, derramou de si mesmo a seu povo. Se, de um lado, isso começa na amplitude do deserto e acaba se concentrando na santa cidade de Jerusalém, de outro, ainda que haja um estreitamento geográfico, cada avivamento e renovação da aliança são maiores que os que se deram anteriormente, até que chegamos ao rei Josias.

Josias morre melancolicamente lutando contra o faraó Neco, do Egito (2Cr 35.20-27); os filhos e netos que assumem o trono de Judá são fracos e tolos demais, e Jerusalém acaba destruída. A cidade é arrasada por Nabucodonosor, e o povo é levado, cativo, para o Exílio. Em cumprimento às promessas, apenas setenta anos depois o povo retorna para Judá e Jerusalém.

É nesse retorno à cidade santa que encontramos o próximo episódio de avivamento. Ao ler a passagem bíblica, é muito importante observar um padrão que vai se repetir depois também no Novo Testamento: o povo que volta do Exílio experimenta o avivamento três vezes em uma geração. Na primeira vez, com aqueles que voltaram com Zorobabel, de acordo com Esdras 6.18-22; na

segunda, no tempo de Esdras, bem depois de Zorobabel, conforme Esdras 8.21-23 e 9.5-15; e, na terceira, com Neemias, de acordo com Neemias 8.1-18.

O modelo é essencialmente o mesmo: o livro da lei é lido; os mais velhos começam a chorar por se lembrarem de que tudo mudou por causa de sua infidelidade para com o pacto e a aliança; os mais novos se alegram com o fato de que, mesmo com o pacto rompido e quebrado pelo povo, o Deus fiel os trouxe pela segunda vez do cativeiro para Jerusalém com mão forte (com o templo e a cidade agora sendo reconstruídos) e aqueles que estão lendo e pregando o livro da lei confortam os quebrantados e desconsolados. Eles comem e celebram. Por três vezes, o Espírito foi derramado de forma abundante em um curto espaço de tempo. Provavelmente, alguns ali experimentaram os três avivamentos, um na sequência do outro.

JOEL

Por último e para concluirmos nosso breve exame dos avivamentos do Antigo Testamento, veremos mais duas passagens. A primeira está em Joel 1.13, que diz: "Ó sacerdotes, vesti-vos de pano de saco e lamentai; chorai, ministros do altar; entrai e passai a noite vestidos de pano de saco, ministros do meu Deus; porque a oferta de cereais e a oferta de libação foram eliminadas do templo do vosso Deus". O profeta conclama os líderes espirituais da nação para que se quebrantem, se arrependam, demonstrem esse quebrantamento e arrependimento de forma visível e se voltem ao Senhor por causa da falta de provisão.

A segunda passagem encontra-se em Joel 2.12-17 e diz:

> Mas agora, diz o SENHOR: Convertei-vos a mim de todo o coração, com jejuns, com choro e com pranto. Rasgai o coração e não as vestes; convertei-vos ao SENHOR, vosso Deus, pois ele é misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e grande em amor; arrepende-se da desgraça que enviaria. Talvez ele volte atrás e se arrependa e deixe uma bênção! Uma oferta de cereais e uma oferta de libação para o SENHOR, vosso Deus! Tocai a trombeta em Sião, decretai um jejum, convocai uma assembleia solene. Reuni o povo, santificai a comunidade, ajuntai os anciãos, reuni os meninos e as crianças de peito; saia o noivo do seu quarto, e a noiva, do seu aposento. Chorem os sacerdotes, ministros do SENHOR, entre o pórtico e o altar, e digam: Ó SENHOR, poupa teu povo e não entregues a tua herança ao vexame, para que as nações zombem dele. Por que diriam entre os povos: Onde está o seu Deus?

Em Joel, o que se destaca é o caráter atemporal de sua profecia.[1] E os temas presentes são: a renovação da aliança; a vinda de uma aliança superior, não escrita em pedra, mas no coração, não externa, mas interna; a vinda de um sacrifício pactual que não precisa ser repetido ou renovado por ter valor eterno; a promessa do Reino de Deus —

todos eles temas que fundamentam a teologia bíblica do Antigo Testamento.

O que quero destacar está na primeira das passagens de Joel, em que verificamos todos os temas presentes nos avivamentos que Deus dá aos reis de Judá, começando com Asa e termi-nando com Josias: quebrantamento, arrependimento e conversão ao Senhor. Se considerarmos que Joel é o primeiro profeta, fica evidente que esse homem apregoou o avivamento como necessidade permanente do povo da aliança.

Concluídos esses doze episódios em que o Espírito foi derramado abundantemente sobre o povo, relembremos que o avivamento no Antigo Testamento trata especialmente da renovação da aliança. O povo de Deus desejou responder adequadamente à Palavra divina, e a resposta que convinha foi a obediência, a celebração e a alegria, além do quebrantamento, do arrependimento e da limpeza purificadora. O acontecimento é precedido e algumas vezes até mesmo acompanhado de quebrantamento, jejum e confissão de pecados.

Quando Deus aviva seu povo desde o deserto, passando por Mispá e chegando finalmente a Jerusalém, as pessoas respondem com alegria, júbilo intenso, música e celebração, porque Deus lhes perdoou e garantiu que sobre elas derramaria suas bênçãos. Entretanto — e aqui há algo importante, que não podemos perder de vista —, cada visitação foi superior à outra, cada geração do povo de Deus na antiga aliança recebeu cada vez mais graça da parte do Deus eterno, o Senhor soberano da aliança.

O AVIVAMENTO NO NOVO TESTAMENTO

Conforme passamos ao Novo Testamento, é importante não perder de vista a imagem da renovação do pacto de Deus com o povo depois do Exílio. Quem estava voltando do longo período de cativeiro eram as pessoas mais pobres e simples de Judá, que não se aculturaram nem adotaram aspectos da cultura da Babilônia. Essas pessoas simples voltaram quebrantadas, amedrontadas, confiando em decretos reais, e Deus em três ocasiões dá de si mesmo para o povo. Como afirmei na seção anterior, é possível que alguns tenham provado de três avivamentos consecutivos em sua geração — padrão que se repete no Novo Testamento.

Agora examinemos algumas passagens bíblicas importantes.

JOÃO

A primeira, de que tratamos apenas brevemente no capítulo 2, é João 20.19-23, que tem sido chamada por alguns de "pequeno Pentecostes" e diz o seguinte:

> Quando chegou a tarde daquele dia, o primeiro dia da semana, estando os discípulos reunidos com as portas trancadas por medo dos judeus, Jesus chegou, colocou-se no meio deles e disse-lhes: Paz seja convosco! Ao dizer isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se ao verem o Senhor. Então Jesus lhes disse pela segunda vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio. E havendo dito isso, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Se perdoardes os pecados de alguém, serão perdoados; se os retiverdes, serão retidos.

O verbo "soprar" é uma metáfora comum na Escritura em associação ao Espírito Santo (veja Gn 2.7; Ez 37.9,10). A declaração bíblica é muito solene e não deixa dúvida de que o que é dado aos discípulos é de fato o Espírito Santo — perceba também a relação com a pregação do evangelho e com o perdão dos pecados. Em consequência desse "sopro", os discípulos, medrosos, foram transformados em novos homens. O Espírito foi dado por Jesus aos discípulos não apenas como dádiva da vida, mas para capacitá-los ao ministério.

ATOS

Voltaremos a atenção agora para a narrativa do Pentecostes. Cristo ressuscitou, apareceu aos discípulos em Jerusalém e, pouco antes de ascender aos céus, prometeu aos discípulos que o Espírito Santo seria derramado sobre a igreja, conforme registra a passagem de Atos 1.4-8:

> Enquanto participava de uma refeição com eles, ordenou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias. E os que se haviam reunido perguntaram-lhe: Senhor, é este o tempo em que restaurarás o reino para Israel? Ele lhes respondeu: Não vos compete saber os tempos ou as épocas que o Pai reservou por sua autoridade. Mas recebereis poder quando o Espírito Santo descer sobre vós; e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra.

Assim, no Dia do Pentecostes, o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos, reunidos em Jerusalém. E um detalhe importante que precisa ser destacado é que ali estavam as mesmas pessoas sobre as quais Cristo soprara o Espírito no relato do apóstolo João, acrescidas algumas outras, conforme lemos em Atos 2.1-4:

> Ao chegar o dia de Pentecostes, todos estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E apareceram umas línguas como de fogo, distribuídas entre eles, e sobre cada um pousou uma. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

O Espírito Santo desceu com poder sobre "cerca de cento e vinte pessoas" (At 1.15), conduzindo esses apóstolos e discípulos a proclamar a mensagem de Cristo como servo sofredor, o Messias, morto e ressurreto em cumprimento das profecias do Antigo Testamento — e isso se deu por meio da exposição de Salmos e de um trecho do livro do profeta Joel. Cumpre ressaltar que, além da pregação poderosa, dois sinais da presença de Deus foram testemunhados: o vento, que é "um símbolo da presença do Espírito Santo (Ez 37.9,10; Jo 3.8)", e o fogo, "que é um símbolo de seu poder purificador e julgador (Mt 3.11,12)".[2]

Pedro mal conseguiu concluir o sermão, e foi imediatamente interrompido por milhares de pessoas que queriam saber como poderiam receber a Cristo como salvador. Assim, o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes marca o nascimento da comunidade em que o Espírito habita, ou seja, a igreja, a qual reúne judeus e gentios sem barreiras étnicas ou geográficas.

Examinaremos agora uma passagem bíblica que costuma passar despercebida, mas é importante para este nosso estudo. Pedro e João foram presos por causa da pregação do evangelho. Depois de torturados, machucados e ameaçados, foram soltos. Assim que saíram da prisão, procuraram um grupo que a Escritura chama de "seus companheiros" (veja At 4.23). Curiosamente, após ouvirem o relato dos apóstolos, em vez de orarem para que Deus aliviasse a perseguição, aqueles irmãos pediram outra coisa. E foi o que receberam, conforme Atos 4.24-30:

> Ao ouvirem isso, todos juntos elevaram a voz a Deus, dizendo: Senhor, tu que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há; que, pelo Espírito Santo, disseste pela boca de nosso pai Davi, teu servo: Por que os gentios se enfureceram, e os povos imaginaram coisas vãs? Os reis da terra levantaram-se, e as autoridades aliaram-se contra o Senhor e contra o seu Ungido. Pois, nesta cidade, eles de fato se aliaram contra o teu santo Servo Jesus, a quem ungiste; não só Herodes, mas também Pôncio Pilatos com os gentios e os povos de Israel; para fazer tudo o que a tua mão e a tua vontade predeterminaram que se fizesse. Agora pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que falem a tua palavra com toda coragem enquanto estendes a mão para curar e para realizar sinais e feitos extraordinários pelo nome de teu santo Servo Jesus.

Esse é o tipo de oração que talvez não fizéssemos nos dias de hoje. Observe que, ao contrário do que se poderia imaginar, eles não pedem por alívio da perseguição, mas, sim, que Deus lhes dê coragem e força renovadas para continuarem a pregar o evangelho de Cristo. O texto prossegue: "E, quando terminaram de orar, o lugar em que estavam reunidos tremeu. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a anunciar com coragem a palavra de Deus" (v. 31).

Antes de prosseguirmos, não seria demais lembrar que esse é, ao que tudo indica, o mesmo grupo que havia recebido o Espírito Santo, conforme registra João 20.19-23 e Atos 2.1-4, e a redação de Atos 4.24-31 é basicamente a mesma de Atos 2.1-4. O que vimos acontecer entre Zorobabel, Esdras e Neemias (Ed 8.21-23; 9.5-15; Ne 8.1-18) repete-se agora no Novo Testamento, em outro ajuntamento do povo de Deus, em um momento-chave da história bíblica.

Nos dois casos — no início da Igreja, conforme registro no Novo Testamento, e no retorno de Israel do Exílio, segundo o relato do Antigo Testamento —, o povo de Deus recebe o Espírito Santo, por assim dizer, pelo menos três vezes. Três vezes o Espírito Santo é derramado com poder sobre o mesmo grupo de exilados. Três vezes, não só os apóstolos, mas também as pessoas que estavam andando com eles, recebem a bênção da vinda poderosa do Espírito, capacitando-os, no caso do evangelho de João, para o perdão dos pecados e, em Atos, para a pregação e para terem coragem em meio à cruel perseguição.

Quanto ao aspecto geográfico, no Antigo Testamento o avivamento chega ao povo no deserto, depois em Mispá e por fim em Jerusalém — esta, a cidade central para a ação de Deus entre o seu povo na antiga aliança. No Novo Testamento, o caminho é inverso. Deus visita seus servos, os apóstolos e discípulos, em Jerusalém por três vezes, só que agora esse avivamento se espalha para outras localidades.

É o caso, por exemplo, da evangelização dos samaritanos por Felipe (At 8.1-8). Os samaritanos eram os remanescentes das dez tribos do norte, ao fim do tempo do reino dividido. Não só haviam sido aculturados pelo povo assírio, mas se misturaram a ele. No tempo do Novo Testamento, os samaritanos eram desprezados pelos judeus, com quem tinham uma rivalidade acirrada.

Quando a igreja começou a ser perseguida, Filipe foi direcionado pelo Espírito Santo para ir a Samaria. Ali, depois de ouvi-lo, as pessoas creram no evangelho, e por isso "deixaram-se batizar tanto homens quanto mulheres" (At 8.12). Pedro e João foram enviados para ver o que estava acontecendo e, quando chegaram, viram que Deus estava operando naquele local. Oraram, e o Espírito Santo foi derramado sobre os crentes de Samaria (At 8.14-17). Desse modo, homens e mulheres de outras etnias foram incorporados ao povo da

aliança, na qual se encontravam sem a necessidade de ir a Jerusalém.

Desse modo, se no Antigo Testamento há uma espécie de "afunilamento" geográfico da ação e do avivamento que vêm de Deus, agora, no Novo Testamento, observamos a "ampliação" dessa mesma ação. Primeiro em Jerusalém, depois em Samaria e em seguida em Cesareia, onde encontramos um centurião romano, um comandante de uma unidade militar de ocupação, que é descrito como homem piedoso e temente a Deus, o qual orava regularmente com a família (At 10.1,2). Dessa vez, o apóstolo Pedro foi a pessoa enviada pelo próprio Espírito para levar a palavra da salvação àquele homem.

A história é bem conhecida e relata a visão que Pedro teve de uma espécie de lençol com "todo tipo de quadrúpedes, animais que rastejam pela terra e aves do céu" (At 10.12), os quais o apóstolo, por causa de sua origem judaica, consideravam repulsivos e impuros. Uma voz, porém, ordena por três vezes que ele se alimente daqueles animais. Enquanto Pedro refletia sobre o significado da visão, mensageiros de Cornélio chegaram e o convidaram a ir até Cesareia, a capital imperial da província da Judeia. O centurião fazia parte de uma força de ocupação e, portanto, era alguém que compactuava com o domínio romano na Judeia e tinha poder de vida e de morte sobre cada judeu da província.

Esse homem buscava o Senhor, e Deus respondeu a essa busca enviando Pedro a seu encontro. Lá chegando, o intrépido apóstolo pregou. A passagem, registrada em Atos 10.44-48, informa que, enquanto Pedro estava pregando, "o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a palavra. Os crentes que eram da circuncisão, todos os que tinham vindo com Pedro, admiraram-se de que o dom do Espírito Santo também fosse derramado sobre os gentios" (v. 44,45). O que aconteceu foi tão relevante, que Pedro, quando voltou a Jerusalém para dar o relatório sobre o que acontecera em Cesareia, repetiu quase as mesmas palavras que tinham sido proferidas no relato do que havia ocorrido na casa de Cornélio (veja At 11.1-18).

O elemento surpreendente dessa história é que um gentio, estranho à aliança e às promessas, não circuncidado, sem nunca ter feito parte da aliança de Deus com seu povo peculiar, sem aparentemente jamais ter participado das celebrações no templo em Jerusalém, tendo entrado em contato com o Antigo Testamento apenas depois de adulto, foi mesmo assim incluído nesse povo pactual, nessa nação da aliança. A

vinda do Espírito Santo com poder sobre ele e os que com ele estavam atesta isso.

Por último, chegamos a Atos 19.1-7, em que Paulo prega aos efésios. O texto é vago e apenas menciona que ele teve contato com "alguns discípulos" (v. 1), "uns doze homens" (v. 7) e, quando lhes perguntou a respeito da trajetória de sua fé, disseram que haviam recebido o batismo de arrependimento de João Batista. Depois de terem sido batizados "em nome do Senhor Jesus", Paulo orou e "o Espírito Santo veio sobre eles". Devemos atentar para a riqueza da linguagem que narra essa experiência: o que aqui se traduz por "ficar cheio" (At 2.4) é também traduzido por "batismo" (At 1.5; 11.16), "derramamento" (At 2.17-18; 10.45) e "recebimento" (At 10.47).

Agora, com o panorama completo, destacamos uma vez mais a importância da geografia do avivamento na história bíblica. No Antigo Testamento: deserto, Mispá e Jerusalém; no Novo Testamento: Jerusalém, Judeia, Samaria, até os confins da terra. O que procuramos destacar até aqui é o sinal visível da visitação de Deus a seu povo, a vinda com poder do Espírito Santo. E não há descontinuidade ou incompatibilidade entre a ação do Espírito no Antigo Testamento e no Novo. A vinda do Espírito (At 2.1-4; 4.24-31; 8.14-17; 10.44-48; 19.1-7) foi o cumprimento da promessa de Jesus de que os discípulos seriam "revestidos de poder" (Lc 24.49; At 1.5,8), o que não quer dizer que o Espírito não estivesse presente e atuante entre o povo de Deus no Antigo Testamento (veja Jz 3.10; 1Sm 10.6; Sl 51.11; 63.10,11). Assim como ocorreu no Novo Testamento, foi o Espírito de Deus o agente que conduziu o povo escolhido ao quebrantamento, ao arrependimento, à confissão de pecados, à renovação da aliança e à limpeza purificadora dos lugares altos. O Espírito Santo agiu com poder entre seu povo nas duas dispensações.

* * * * *

Depois de observar esse quadro amplo, fica evidente a revelação da Escritura de que Deus tem prazer em visitar seu povo e lhe dar cada vez mais de si mesmo, não só por meio do perdão e da renovação, mas também por meio de alegria e da celebração, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Uma passagem importante do profeta Joel (2.28-32), que já mencionei aqui, foi citada por Pedro em seu sermão, logo após o derramamento do Espírito no Pentecostes (At 2.16-21).

Também o profeta Jeremias fala da santa expectativa de uma proximidade do Espírito que o povo de Deus talvez não tivesse ainda provado ou da qual o povo de Deus ainda não tinha consciência (Jr 31—33).

Observe que, ao ler essas passagens do Antigo e do Novo Testamento em ordem cronológica (por mais que haja divergência quanto à ordem exata dos livros bíblicos, sobretudo os históricos e proféticos), podemos perceber não apenas uma ampliação geográfica na obra de Deus, mas uma amplitude de poder vinda dele mesmo. Em outras palavras, cada geração do povo de Deus recebeu mais do Espírito Santo, do próprio Deus, e as gerações seguintes receberam muito mais do que as gerações anteriores. Essa obra divina não se encerrou em Josias, mas avançou com Zorobabel, Esdras e Neemias, chegando ao ápice com os discípulos e apóstolos, e daí para todo o mundo e todo o povo de Deus espalhado na terra através dos séculos.

A NECESSIDADE DO AVIVAMENTO

Todos os acontecimentos bíblicos que estudamos até aqui neste capítulo mostram que o avivamento é uma necessidade do povo de Deus. Diante da crise social e política que assola o nosso país, diante dos problemas da igreja brasileira, é espantoso que os cristãos em geral não pensem em buscar o avivamento. Isso não exclui teólogos e estudiosos. Como já mencionei, os livros de teologia sistemática dificilmente trazem alguma sessão que defina, debata e analise o avivamento. Somos educados para pensar por sistemas teológicos, e algumas vezes um desses sistemas pode não comportar a ideia de avivamento.

Quando tratei da vinda do Espírito Santo nas passagens de João 20.19-23, Atos 2.1-4 e Atos 4.24-31, talvez você tenha se perguntado: "Espere um instante! Se Jesus prometeu a vinda do Espírito 'dentro de poucos dias', como o Espírito poderia ter sido concedido no 'primeiro dia da semana, estando os discípulos reunidos', quando Jesus 'colocou-se no meio deles', antes de sua ascensão?". Parece-me que uma compreensão do Espírito Santo baseada na teologia bíblica impõe alguns desafios a uma teologia sistemática que se empenhe ao máximo na organização do material bíblico sobre o tema.

Como pastores, geralmente não pensamos tanto por sistemas, mas, sim, por métodos. Corremos atrás do próximo lançamento que possa levar a igreja a crescer, a ser relevante e ativa. Compramos os últimos

títulos lançados. No entanto, em momentos de crise, como pudemos observar, reis, profetas, sacerdotes, discípulos e apóstolos não pensaram em métodos, mas invocaram e pediram a visitação do Espírito de Deus. Infelizmente, não chegamos a esse ponto. Ainda acreditamos que um partido político seja capaz de melhorar o país e que o último método de crescimento de igreja ou algum programa que suavize os ensinos cristãos consiga trazer transformação à congregação ou torná-la relevante, ao passo que, na realidade, como nos mostra a Escritura, a confiança do povo de Deus tem de estar focada no próprio Deus. Quando buscamos renovar a aliança com o Senhor eterno, ele misericordiosamente se volta para nós de uma forma que não experimentamos ainda. O avivamento é uma necessidade, e precisamos voltar a pensar nele como uma resposta bíblica para os momentos de crise, tanto no país como na igreja.

OUTRA DEFINIÇÃO DE AVIVAMENTO

Creio que caiba nesta altura uma definição alternativa para a manifestação especial do Espírito Santo entre os cristãos. Como temos visto, avivamento significa Deus — o Senhor, o Eterno, o Criador dos céus e da terra, aquele que amou seu povo mesmo sem ser amado — resgatando e reanimando seu povo, levando-o a experimentar nova alegria nele e renovando a aliança com os seus. Renovação da aliança significa que Deus se aproxima de nós e nos trata como filhas e filhos. Nossa resposta a essa ação de Deus é confissão de pecados, arrependimento, penitência. É tentar mudar nosso procedimento.

Se voltarmos à definição do fenômeno proposta no capítulo anterior, veremos que avivamento é um poderoso e soberano derramamento do Espírito Santo. A tradição evangélica fundamentalista, ao mesmo tempo que repudiava e rotulava o avivamento como uma espécie de ênfase circunscrita ao movimento pentecostal, tentava fabricar campanhas de "avivalismo", também chamadas de conferências evangelísticas. No entanto, como já frisamos anteriormente, o avivamento não pode ser fabricado, nem temos como programá-lo. O testemunho global do Novo Testamento é que o Espírito Santo tem prazer em livremente visitar seu povo, e o faz com grande poder. Em outras palavras, de acordo com as Escrituras, o avivamento é um dom graciosamente concedido por Deus.

Dessa maneira, um aspecto importante e uma definição dura de avivamento é que ele é um dom e um mover soberano do Espírito Santo. Além disso, é importante ressaltar que esse avivamento, essa ação do Espírito ocorre na igreja local ou em várias igrejas de determinada localidade. Como você pôde ver nos vários textos que lemos aqui, não há avivamento individual. Não há um único membro da igreja sendo avivado, por assim dizer. Avivamento é algo que alcança toda a comunidade do povo de Deus, e todos são impactados por essa ação soberana, santificadora e benéfica do Espírito Santo. Avivamento, então, caracteriza-se pela obra do Espírito em ação em uma igreja ou em um grupo de igrejas.

Deus tem prazer em visitar seu povo e em fazer da comunidade, de fato, o lugar onde ele habita. Cada membro torna-se edifício do Deus vivo e templo do Espírito Santo. O avivamento, que é uma ação soberana e poderosa do Espírito e que alcança toda a comunidade, se dá em resposta às orações. Se, de um lado, todos são alcançados pelo derramar do Espírito de outro, esse movimento começa, quando homens e mulheres, às vezes dois ou três, começam a se sentir responsáveis pela situação da igreja e do país, passando a pedir essa santa visitação e suplicando para que Deus tenha misericórdia e se volte para seu povo.

Em 1857, num período de crise financeira nos Estados Unidos, quando milhares ficaram desempregados, houve um avivamento em Nova York que alcançou várias igrejas presbiterianas, batistas, congregacionais e episcopais, e tudo começou porque uma igreja reformada holandesa localizada em Manhattan, por sugestão de um empresário chamado Jeremiah Lanphier, mantinha as portas abertas na hora do almoço para quem quisesse entrar e orar. Em poucos dias, havia quarenta pessoas orando naquele templo. Um ano depois, eram realizadas três reuniões de oração simultâneas em salas diferentes do templo. E Deus atendeu ao clamor por avivamento, derramando do Espírito Santo sobre aquela cidade. Toda a região da Nova Inglaterra e as cidade de Washington, D.C., e Chicago foram alcançadas por esse avivamento, resultando em dezenas de milhares de conversões quase simultâneas. Estima-se que, entre 1858 e 1859, cerca de um milhão de pessoas se converteram, entre uma população de cerca de trinta milhões.

No mesmo período, quatro jovens irlandeses começaram encontros de oração semanais na vila de Connor, nas proximidades de

Ballymena, na Irlanda do Norte. Com isso, teve início um avivamento, que dali se espalhou pela Inglaterra.

Há uma transformação radical do povo de Deus quando as pessoas são avivadas, quando o Espírito Santo é derramado sobre a comunidade. O povo de Deus muda em duas áreas principais. A primeira é no âmbito intelectual, isto é, da mente. Passa a existir anseio e amor pela Palavra de Deus e paixão pelas doutrinas que são absolutamente centrais para a fé cristã. Os fiéis começam a querer celebrar a Deus como o soberano, gracioso, glorioso e misericordioso Pai, Filho e Espírito Santo. As pessoas não se satisfazem mais com clichês e palavras fáceis. Há ênfase renovada na suficiência e na autoridade das Escrituras; afirma-se a total corrupção da natureza humana; testemunha-se passionalmente que a morte de Cristo na cruz é o único meio de expiação para o pecado do homem; há alegria pela doutrina da justificação pela graça por meio da fé; a necessidade de conversão do coração, como nova criação operada pelo Espírito Santo, e o elo inseparável entre verdadeira fé e santidade pessoal ganham destaque entre os cristãos.

Na segunda área de mudança, quando o avivamento vem, a vida é transformada, tornando-se bela. Um importante argumento para expressar a veracidade da fé cristã é demonstrar o que Deus fez e faz em nossa vida: casamentos sólidos, firmados no amor; filhos que desde pequenos temem e amam ao Senhor; tratamento compassivo do cristão ao órfão, à viúva, ao estrangeiro, ao pobre, ao necessitado e ao que sofre violência. Todos esses são sinais dessa obra poderosa do Espírito e constituem-se testemunhos de mais valor do que mil palavras. Isso porque, quando o avivamento vem, há em nós transformação tal, que as pessoas começam a ver que algo realmente mudou.

John Wesley, o grande pregador metodista do século 18, contou a história de um homem que havia condicionado as vacas que usava na aragem do campo que lhe pertencia a trabalharem puxando o arado ao som de palavrões. Quando ele se converteu, sua linguagem naturalmente se transformou, e as vacas tiveram de reaprender a arar o campo — sem os palavrões. Quando Deus começou a avivar a igreja no País de Gales, em 1904, o índice de criminalidade caiu quase a zero. Mesmo os que não se convertiam abandonavam a vida do crime, porque havia uma percepção de que o Espírito Santo estava presente. Mesmo quem não era crente temia ofender a majestade, a glória e a

absoluta santidade de Deus. Criminosos se entregavam nas delegacias do país, pois sabiam que tinham de cumprir uma pena pelos delitos cometidos.

Todo avivamento produz consequências, e seria impossível enumerar todas elas; ainda assim, vale a pena mencionar alguns frutos do derramamento do Espírito que são bem conhecidos na história da igreja. William Carey, Adoniram Judson, Hudson Taylor e Henry Martyn, todos foram para o campo missionário graças a um avivamento. Por meio de John Wesley, John Newton e outros, Deus levantou homens e mulheres completamente dedicados a Cristo, a fim de erradicar a pobreza e a injustiça na Inglaterra do fim do século 18. Enquanto na Revolução Francesa, durante o que ficou conhecido como "o Período do Terror", cerca de 40 mil pessoas foram mortas em um ano, a Inglaterra experimentou outro tipo de revolução: uma reforma, uma transformação espiritual que mudou completamente o país.

Por último, como vimos ao estudar as narrativas de avivamento do Antigo e do Novo Testamento, é preciso ressaltar que algumas vezes sinais extraordinários acompanham esse fenômeno, uma vez que Deus está operando com poder incomum naquele momento da história de seu povo. Por essa razão, podem acontecer curas extraordinárias, livramentos miraculosos, percepções inéditas da beleza e da glória de Deus.

Coisas incomuns acompanham o que Deus realiza, e a Bíblia embasa isso em Romanos 15.17-20: "Portanto, tenho motivo para me gloriar em Cristo Jesus, nas coisas pertinentes a Deus; porque não ousarei falar de coisa alguma senão daquilo que Cristo tem feito por meu intermédio, para obediência dos gentios, em palavra e ação, pelo poder de sinais e prodígios, no poder do Espírito Santo; de modo que (perceba a amplitude geográfica de novo) desde Jerusalém e arredores, até o Ilírico, tenho proclamado plenamente o evangelho de Cristo. Desse modo, esforcei-me por anunciar o evangelho não onde Cristo já havia sido proclamado, para não edificar sobre fundamento alheio". O apóstolo pregou Cristo pela força "de sinais e prodígios", pelo "poder do Espírito Santo". A Palavra de Deus, revelada na Sagrada Escritura, é acompanhada de poder autenticador, de sinais e prodígios operados pelo poder do Espírito Santo — e isso fica muito evidente em tempos de avivamento.

Aplicações práticas

Depois de verificar como a Escritura retrata vários episódios de avivamento no Antigo e no Novo Testamento, vimos como o derramamento do Espírito Santo é essencial em momentos de crise, seja na igreja, seja em toda uma nação.

Destaco a seguir fatos que se tornam concretos no dia a dia da comunidade que se propõe buscar o avivamento com afinco.

O quebrantamento diante de Deus

Se, de um lado, sabemos que o avivamento vem por obra do Espírito, de outro, podemos nos preparar para ele abandonando os pecados, as transgressões e as iniquidades, quebrantando-nos e confessando-nos ao Senhor da glória.

Diante de todos os textos bíblicos que estudamos, somos estimulados a reconhecer nossas faltas e assim abandoná-las. A falta de amor pela Escritura e pelo povo de Deus, a pouca disciplina na oração, os ídolos e pecados ocultos afastam o Espírito Santo da comunidade. Se queremos uma vida mais profunda com Deus, se desejamos marcar esse país, se ansiamos por um avivamento, precisamos tomar como exemplo a experiência solene do povo de Deus, deixando os pecados, pois são ofensivos ao Senhor todo-poderoso.

O retorno à Palavra de Deus

É na Bíblia que aprendemos sobre avivamento. Nela está registrada a promessa de que o que recebemos até aqui é pouco diante de tudo o que Deus quer nos conceder. Não devemos nos contentar com pouco. Tomemos como exemplo Moisés, no Sinai, que disse: "Rogo-te que me mostres tua glória" (Êx 33.18).

Em todas as histórias bíblicas de avivamento que vimos aqui, a Palavra é absolutamente central. Quando se trata de renovação da aliança, é preciso voltar a obedecer à palavra pactual de Deus, revelada na Sagrada Escritura, e abraçá-la. Os avivamentos do Novo Testamento acontecem pela palavra de Jesus. É ele quem diz: "Recebei o Espírito Santo". No Pentecostes e em outras experiências de avivamento registradas no livro de Atos, os discípulos falam e o Espírito vem por meio da Palavra, produzindo ainda mais pregação da Palavra. Temos de ter fome e anseio pela Palavra de Deus como

Palavra de Deus.

A ALEGRIA E O PRA ER EM DEUS

Deus é maior do que toda a criação; mesmo assim, tem prazer em vir até nós, em se dar a nós e em se derramar sobre nós. Deus se deleita em nos chamar de filhos e nos tratar pelo nome. Devemos nos agarrar a ele e procurar conhecê-lo cada vez mais. Dessa forma, o Espírito nos levará a nos alegrar somente nele, desfrutando de alegria e prazer em nosso Criador e Redentor.

Como Agostinho de Hipona escreveu no século 5:

> "Grande és tu, Senhor, e sumamente louvável: grande a tua força, e a tua sabedoria não tem limite". E quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação; o homem carregado com sua condição mortal, carregado com o testemunho de seu pecado e com o testemunho de que resistes aos soberbos; e, mesmo assim, quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação. Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti.[3]

Ao buscarmos a glória de Deus, descobriremos que o louvor não será algo acrescentado à alegria, mas será a própria alegria completa. E, quanto mais glorificarmos a Deus, mais teremos alegria e prazer — não nas criaturas, o que seria idolatria, mas no Deus trino, amoroso, bondoso, poderoso, glorioso, santo e digno de todo o nosso louvor.

A ORAÇÃO COMUNITÁRIA A DEUS

Talvez você comece orando sozinho em busca de avivamento, mas posso garantir que em sua comunidade certamente existem pessoas que também sentem responsabilidade pela situação da igreja, do país ou da própria família. Conecte-se com outras pessoas que anseiam pelo derramar do Espírito Santo. Poucas orações da Escritura são longas. Uma invocação ou súplica já é suficiente para expressar seus anseios. Você pode dizer "Deus, perdoa os nossos pecados e visita-nos", e então se levantar e continuar o que estava fazendo. Conecte-se com outras pessoas nessa atividade. Mas persevere em oração.

Se você é pastor, sugiro que reserve um tempo no culto para orar por avivamento. Inclua, nas celebrações, um período em que os cristãos, reunidos, possam se dedicar à súplica por perdão e por renovação para toda a comunidade. Garanto que, se isso fizer parte dos cultos públicos, algumas surpresas acontecerão. Deus vai começar a tratar dos pecados da congregação; mas, ao mesmo tempo que as pessoas serão quebrantadas e humilhadas por seus pecados, toda a comunidade provará do perdão e da renovação que procedem do

Espírito. Um novo amor e uma nova humildade pelo que Deus está fazendo invadirão a igreja. A Palavra de Deus manda que oremos e supliquemos para que Deus visite seu povo.

A igreja que deseja experimentar o avivamento deve orar pelo derramamento do Espírito Santo, porque as Escrituras ensinam que, se não pedimos, não podemos contar que receberemos (veja Mt 7.7,8). Em 1.º de janeiro de 1739, um grupo de cristãos estava orando durante a noite, na Inglaterra. John Wesley relatou o que aconteceu: "Às três horas da manhã, como estávamos continuando em oração, o poder de Deus nos sobreveio de maneira que clamamos por causa da alegria imensa e muitos caíram no chão. Quando nos recuperamos um pouco daquele temor e admiração que vieram da presença da sua majestade, começamos a falar em uma só voz: 'Te louvamos, ó Deus, reconhecemos que tu és o Senhor' ".[4]

Nossa grande tarefa nos dias atuais não é supor que o Estado, por meio da educação, seja capaz de transformar a sociedade, nem achar que métodos de crescimento da igreja consigam reformá-la de fato. Nossa grande tarefa hoje é nos colocar em oração, humilhando-nos debaixo "da potente mão de Deus" (1Pe 5.6) e suplicando para que seu Espírito venha com poder sobre nós.

Devocional

A. W. Tozer pastoreou por 33 anos igrejas da Aliança Cristã e Missionária nos Estados Unidos e no Canadá. Ele tem sido considerado um dos gigantes espirituais do século 20. Esta oração se relaciona com tudo o que tratamos até aqui:

> Pai, desejo conhecer-te, mas meu coração covarde teme desistir de seus brinquedos. Não posso desfazer-me deles sem sangrar por dentro, e não procuro esconder de ti o terror da separação. Venho tremendo, mas venho. Por favor, extirpa do meu coração todas aquelas coisas que estou amando há tanto tempo e que se têm tornado parte integrante deste "viver para mim mesmo", a fim de que tu possas entrar e habitar ali sem qualquer rival. Então tornarás glorioso o estrado dos teus pés. Meu coração não terá mais necessidade da luz do sol, porquanto tu mesmo serás o sol iluminador, e ali não haverá noite. Em nome de Jesus. Amém.[5]

Leituras de aprofundamento

FERREIRA, Franklin. *Teologia sistemática*. Curso Vida Nova de Teologia Básica (São Paulo: Vida Nova, 2013). p. 157-91.

_____; MYATT, Alan D. *Teologia sistemática: uma análise histórica,*

bíblica e apologética para o contexto atual (São Paulo: Vida Nova, 2008). p. 657-702.

FISHER, Harold A. *Avivamentos que avivam* (Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1961).

HULSE, Erroll. *O batismo do Espírito Santo* (São José dos Campos: Fiel, 1995).

LLOYD-JONES, D. M. *Avivamento* (São Paulo: PES, 1992).

LOVELACE, Richard. *Teologia da vida cristã: a dinâmica da renovação espiritual* (São Paulo: Shedd, 2004).

SPURGEON, C. H. *Sermões do ano de avivamento: 1859* (São Paulo: PES, 1994).

VAN GRONINGEN, Gerard. "Avivamento sob o prisma do Velho Testamento". *O Presbiteriano Conservador*. Julho/agosto, 1993.

[1]Alguns estudiosos do Antigo Testamento, como Gerard van Groningen (*Criação e consumação* [São Paulo: Cultura Cristã, 2004], vol. 2, p. 21-3), propõem que Joel teria sido o primeiro dos profetas chamados "posteriores" na Bíblia hebraica (os profetas "anteriores" seriam os autores dos livros históricos). Segundo esses estudiosos, Joel teria escrito seu livro antes de Isaías e de Jeremias. Aliás, Van Groningen sugere que Joel, por ser o primeiro desses profetas autores, como também são chamados, ofereceu todos os temas nos quais os outros profetas se aprofundaram.

[2]Comentário de Atos 2.2, *Bíblia de estudo de Genebra* (São Paulo/Barueri: Cultura Cristã/SBB, 1999), p. 1272.

[3]*Confissões* 1.1,1.

[4]John Telford, *The life of John Wesley* (London: Epworth, 1947), p. 394.

[5]A. W. Tozer, *À procura de Deus* (Venda Nova: Betânia, 1985), p. 27.

Capítulo 4

A IGREJA VERDADEIRA, O ESPÍRITO SANTO E OS MEIOS DA GRAÇA

Em sua obra de salvação e santificação do homem, Deus usa o que chamamos de meios da graça, cuja operação é eminentemente efetuada pelo Espírito. Neste capítulo, trataremos justamente da obra do Espírito Santo na salvação.

Três questões principais norteiam este capítulo, sendo importante ressaltá-las aqui.

Quero primeiramente ressaltar as marcas que caracterizam a igreja verdadeira. À medida que nos dedicarmos a essa tarefa, examinaremos alguns dos documentos da Reforma protestante para assim tentar redescobrir o que eles têm a nos ensinar não apenas sobre as marcas em si, mas também sobre o segundo ponto importante de que trataremos: os meios da graça. Deus usa esses meios para nos alcançar por sua bondade e misericórdia. O terceiro ponto é a reafirmação do conceito bíblico da ação do Espírito na igreja, no ajuntamento do povo de Deus, na comunhão dos santos e pelos meios da graça.

AS MARCAS DA VERDADEIRA IGREJA

Quero, de saída, propor uma pergunta incômoda que julgo, porém, legítima. Em 1950, só no Rio de Janeiro, havia mais ou menos 35 denominações protestantes. No ano de 2000, segundo uma pesquisa, já havia mais ou menos seis mil denominações protestantes apenas no estado do Rio de Janeiro. Esse é um fenômeno que se repete em todo o país. Diante desses dados, a pergunta que devemos nos fazer é: "Como distinguimos a verdadeira igreja de Cristo?".

As marcas que caracterizam o verdadeiro povo de Deus eram uma questão fundamental durante a Reforma. A Igreja Católica argumentaria dizendo que o papado, a tradição, a quantidade de membros e sua extensão territorial seriam marcas de sua veracidade. Argumentaria também afirmando que os milagres, sinais e prodígios, que segundo a tradição ocorreram por meio dos santos, assim como sua antiguidade, seriam marcas de sua veracidade.

De acordo com a Escritura e conforme sistematizado na Reforma, no entanto, quais são as características de uma igreja verdadeira? O que você procura em uma igreja que faz dela um local onde você será edificado, abençoado e nutrido por uma boa pregação da Palavra? Citarei alguns documentos da Reforma que nos ajudam a distinguir uma igreja verdadeira.

Somos ensinados na Escritura que a salvação se dá por meio da graça e que há uma comunidade que pode ser verdadeiramente chamada de igreja. Desse modo, os reformadores elaboraram o conceito dos meios da graça como marcas da igreja verdadeira. Quais seriam, então, as marcas da igreja verdadeira para os reformadores? Nesse quesito, há completo acordo entre eles. Por exemplo, a confissão mais antiga da Reforma, a *Confissão de Augsburgo*, de 1530, escrita por Felipe Melâncton e apresentada ao imperador Carlos V na Dieta de Augsburgo (daí o nome da confissão), registra, no artigo 7:

> Sempre haverá e permanecerá uma única santa igreja cristã, que é a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho.[1]

Essa é a primeira confissão de fé importante da história do protestantismo. Até João Calvino, em 1540, subscreveu uma edição revisada dessa confissão, chamada *Variata* ("modificada"). Um ensino importante enfatizado nesse documento é que, em oposição ao catolicismo romano, destacam-se apenas dois sacramentos ou ordenanças: o batismo e a ceia. Dessa forma, a pregação da pura Palavra, ou, expressando de outra maneira, a Palavra pregada de forma pura, junto com a correta administração dos sacramentos do batismo e da ceia são as marcas características da verdadeira igreja.

Um pequeno esclarecimento faz-se necessário quanto ao uso da palavra "sacramento", que para muitos pode soar um resquício do catolicismo. Em seu uso original, que remonta ao Império Romano, o vocábulo não trazia nenhuma noção mágica. O sacramento nada mais era que o juramento que um legionário novato prestava diante de sua legião. Com a mão estendida, ele jurava lealdade ao imperador e à sua unidade militar, que era uma legião com título, história e tradição.

Tertuliano, um dos pais da igreja, usou o termo sacramento, adaptando-o para caracterizar o batismo e a ceia. Para Tertuliano, então, sacramento é o compromisso que firmamos em resposta à Palavra oferecida a nós na pregação. Podemos, portanto, entender que sacramento e ordenança têm o mesmo significado nesse contexto, e é

nesse sentido que a confissão luterana fala de sacramento. Para essa tradição, a igreja verdadeira é um congraçamento de cristãos, homens e mulheres que professam a fé em Jesus, e esse ajuntamento é caracterizado pela pregação do evangelho, ou seja, da Palavra, e pela correta administração do batismo e da ceia.

Na sequência, temos a *Confissão de fé escocesa*, de 1560, escrita por John Knox e mais cinco outros "Johns" (John Winram, John Spottiswoode, John Willock, John Douglas e John Row), razão porque também passou a ser conhecida como a "Confissão dos seis Johns"). O artigo 18 desse documento afirma, solenemente:

> Nós cremos, confessamos e declaramos que as marcas da verdadeira Igreja são [...] a verdadeira pregação da Palavra de Deus, na qual Deus mesmo se revelou a nós; [...] a correta administração dos sacramentos de Jesus Cristo, os quais devem ser associados à Palavra e à promessa de Deus para selá-las e confirmá-las em nossos corações.[2]

A *Confissão de fé escocesa* repete assim a *Confissão de Augsburgo* ao afirmar que a igreja verdadeira é caracterizada pela pregação das Escrituras e pela correta administração do batismo e da ceia. Introduz, porém, um novo dado, que é a direta associação da pregação com a ministração dos sacramentos. A pregação ilumina o batismo e a ceia. Em outras palavras, o batismo e a ceia ganham significado quando unidos à explanação da Sagrada Escritura. É nesse sentido que, quando o batismo e a ceia são ministrados junto com a pregação, por assim dizer selam e confirmam a salvação oferecida na Escritura.

A *Confissão belga* foi escrita na sequência, em 1561, por Guido de Brès, martirizado em 1567 pela inquisição espanhola. Nessa confissão, lemos:

> Os sinais pelos quais a verdadeira igreja é reconhecida são estes: se a pura doutrina do evangelho é pregada; se ela mantém a pura administração dos sacramentos como Cristo instituiu [...] Em resumo, se em todas as coisas ela se orienta pela pura Palavra de Deus, [...] reconhecendo Jesus Cristo como o único cabeça da igreja.[3]

Mais uma vez, uma confissão que se tornou central na tradição reformada holandesa vem destacar que a igreja verdadeira é caracterizada pela pregação da pura doutrina cristã, baseada na Escritura, e pela correta administração do batismo e da ceia.

A *Confissão belga* também levanta outro ponto, um pouco diferente das confissões de Augsburgo e escocesa. Segundo a *Confissão belga*, quando a Palavra de Deus é pregada verdadeiramente e quando o batismo e a ceia são administrados de modo correto, Cristo, por assim dizer, é colocado diante da comunidade. Sabemos que o centro da

Sagrada Escritura é o próprio Jesus Cristo. Na verdade, ele mesmo é o Verbo eterno e a Palavra eterna de Deus. Somos batizados em nome de Cristo, e na ceia somos alimentados por Cristo. Assim, uma igreja é verdadeira na medida em que prioriza a pregação e destaca e administra o batismo e a ceia corretamente. Quando essas três marcas são, digamos assim, honradas no ajuntamento do povo de Deus, Cristo ali está presente.

Observe que em nenhum momento essas confissões históricas, que ainda hoje guiam a comunidade, fazem referência a templo, denominação ou influência da igreja na sociedade. A preocupação delas é caracterizar o que é a igreja ou o ajuntamento solene do povo de Deus. O *Catecismo de Heidelberg*, de 1563, outro documento central na tradição reformada holandesa, ao lado da *Confissão belga*, propõe a seguinte pergunta: "Visto que somente a fé nos torna participantes de Cristo e de todos os seus benefícios, de onde vem esta fé?".

Eis uma questão importante para os dias de hoje. Os pregadores da prosperidade falam de fé e poder em seus programas de TV. "Pouca fé, pouco poder; muita fé, muito poder", afirmam eles, e esse pensamento um tanto quanto superficial tornou-se popular no meio cristão. De onde vem a fé salvadora, afinal? O catecismo desvenda o mistério, ao responder à pergunta proposta: "Vem do Espírito Santo, que produz fé no nosso coração por meio da pregação do Evangelho, e a confirma pelo uso dos sacramentos".[4]

O *Catecismo de Heidelberg* destaca outro ponto, também de modo um pouco diferente dos demais documentos confessionais. Nele, o único meio pelo qual a pessoa chega a ter fé salvadora, fé que de fato a conecta com Deus por meio de Cristo, é a pregação da Palavra. A Palavra é unida ao Espírito Santo e, por meio dessa união, a fé é operada no coração dos pecadores e confirmada por meio do Espírito de Deus, que opera no batismo e na ceia.

Essa compreensão pode causar certa estranheza, uma vez que estamos acostumados a tratar da ceia e do batismo como meros memoriais. Mas será que as ordenanças se resumem à celebração de algo que não presenciamos? Será que a ceia e o batismo são apenas um memorial, ou há algo a mais operando neles? Vamos tratar disso mais adiante, mas por ora é importante destacar que o *Catecismo de Heidelberg* une os meios da graça à obra e à pessoa bendita do Espírito Santo.

O *Breve catecismo de Westminster*, de 1647, afirma: "Os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da redenção são as suas ordenanças, especialmente a Palavra, os sacramentos e a oração; as quais todas se tornam eficazes aos eleitos para a salvação".[5] Esse catecismo reflete as ênfases da tradição reformada inglesa, escocesa e americana, e talvez seja o documento de catequese mais elaborado que os reformados possuem. Ele condensa a ação de Cristo por meio da pregação, do batismo, da ceia e também da oração, aqui acrescentada, uma vez que não consta dos demais documentos.

Pela referência aos "meios exteriores e ordinários", esse catecismo pretende destacar que as pessoas são salvas somente por intermédio da pregação e da proclamação da Palavra, sendo o meio normal para que sejam confirmadas na fé a ação do Espírito Santo no batismo e na ceia. Além disso, destaca-se o fato de que essas ordenanças (a pregação, os sacramentos e a oração) comunicam Cristo a nós e são eficazes para a salvação e a santificação dos eleitos.

Neste ponto, é importante mencionar, mesmo que de passagem, o chamado *Catecismo batista com provas*, de 1855, que Charles Spurgeon usou em sua igreja, o Tabernáculo Metropolitano, em Londres, na Inglaterra. Basicamente uma adaptação do *Breve catecismo de Westminster*, o documento suprime apenas a palavra "sacramento", preservando a noção de meios da graça. Com essa observação, quero sublinhar que pelo menos em um núcleo importante da tradição batista, dos chamados "batistas particulares", preservou-se a crença de que a igreja verdadeira é caracterizada pela pregação da Palavra e pela correta administração do batismo e da ceia — e todas essas ordenanças magnificam a Cristo encarnado, crucificado e ressurreto.[6]

Desde seus primórdios, a tradição reformada ressaltou que o que caracteriza a verdadeira igreja não é o número de membros, o lugar onde ela se reúne nem a denominação à qual ela está ligada, mas, sim, a pregação da Palavra e a correta administração do batismo e da ceia.

Eis um aspecto importantíssimo dessa tradição com origem na Reforma protestante do século 16. É por isso que, quando se estuda a história das igrejas reformadas na França, Holanda, Suíça, Hungria, Polônia e norte da Itália, constata-se que a igreja continuava a ser igreja até mesmo quando cultuava a Deus debaixo de uma árvore ou junto aos portões das muralhas que cercavam as cidades no período da

Renascença.

Os huguenotes, por exemplo, eram chamados dessa forma por se reunirem no portão do palácio do rei Hugo, em Paris. Mesmo sob o céu nublado e chuvoso, estavam todos sempre ali diante do portão, iluminados por tochas, ouvindo a pregação da Palavra, compartilhando o cálice de vinho e partindo o pão. Ali havia uma igreja, independentemente do local, pelo fato de ser ela uma comunidade da Palavra e dos sacramentos (ou ordenanças, se preferir).

Essas marcas da igreja verdadeira também ficaram conhecidas como meios da graça. A noção de meios da graça é que Deus usa esses elementos para levar salvação aos pecadores e lhes confirmar essa salvação. A ideia de meios da graça não soa estranha a quem esteja ciente das convicções teocêntricas ou teorreferentes da Reforma, para a qual a graça é concedida diretamente ao coração do homem por obra de Deus e por meio, exclusivamente, da pregação, do batismo e da ceia, mas é preciso lembrar que os hipercalvinistas, e não os calvinistas ou reformados, vão negar que Deus se utilize de meios para salvar pecadores.

Aqui será útil fazer uma distinção entre o hipercalvinismo e o calvinismo. O hipercalvinismo representa uma distorção da fé reformada, uma aberração segundo a qual Deus pode salvar os eleitos sem o uso de quaisquer meios. Uma boa ilustração é um episódio vivido por William Carey (a quem já me referi anteriormente), sapateiro semianalfabeto que, ao ler um livro de aventuras autobiográfico chamado *As aventuras do capitão Cook*, ficou impactado pelo tamanho do mundo.

Carey veio a aprender sobre os povos de países como a Índia e a antiga Birmânia (atual Mianmar), dos quais nunca tinha ouvido falar, e sentiu assim o chamado para pregar especialmente aos povos da Índia. Numa reunião da associação de pastores batistas de seu condado, anunciou que gostaria de ser missionário na Índia. No mesmo momento, um ancião, John Ryland, levantou-se e lhe disse: "Meu filho, sente-se. Se Deus quiser salvar os pagãos, ele fará isso sem a minha ajuda e sem a sua ajuda". A objeção desse ancião exemplifica a posição hipercalvinista, que entende que Deus é soberano, mas age ou pode agir sem meios ordinários, o que, como dissemos, é uma grave distorção da fé reformada.

Para os reformados, Deus usa meios para a realização de sua obra

— tanto de salvação como de santificação. Cantamos e oramos o Pai-Nosso e sabemos que o Reino virá. Deus determinou a vinda e a consumação do Reino, e isso é ponto pacífico entre os cristãos. Mas no Pai-Nosso somos ensinados que o Reino virá mediante nossas orações. Em outras palavras, o Deus soberano determinou os meios para que pudesse concretizar a vitória final sobre o mal, o pecado e os demônios, e o mesmo acontece com a salvação e a santificação da igreja: Deus, o Senhor soberano, Rei da igreja e do Reino, determinou que a igreja fosse edificada e que pecadores fossem salvos por instrumentos chamados "meios da graça", sobre os quais nos debruçaremos a seguir.

OS MEIOS DA GRAÇA

Sendo Autor da salvação, Deus comunica essa misericordiosa dádiva e concede sua graça maravilhosa por intermédio do que chamamos meios da graça. São eles: a pregação, meio exclusivo de salvação, e o batismo e a ceia, meios de confirmação na fé. Esses são os meios comuns que Deus usa, sob o poder do Espírito Santo, para salvar aqueles que intenta salvar.

Os meios da graça determinam o crescimento da igreja e sua edificação. A igreja verdadeira é a comunidade da pregação e dos sacramentos. Os meios da graça são também os meios comuns pelos quais o Espírito Santo age na igreja, e durante todo o restante deste capítulo nos dedicaremos a esse tema. Se, de um lado, os meios da graça caracterizam a igreja verdadeira e são os meios pelos quais Deus se revela à comunidade, de outro, eles também são os canais pelos quais o Espírito Santo se manifesta com poder sobre a comunidade da fé, a igreja.

Sinclair Ferguson destaca que "o Espírito de Deus age como o vínculo interior de todos os relacionamentos pactuais de Deus com seu povo".[7] Algumas obras de teologia sistemática não mencionam a relação entre a Pessoa do Espírito e a obra do Espírito na comunidade. A Bíblia é um livro pactual, e o pacto é estabelecido por meio de uma Pessoa da Trindade com toda a comunidade. Encontramos pactos tanto no Antigo quanto no Novo Testamento: com Adão, Noé, Abraão, Moisés, Davi e depois com Jesus Cristo. O que Ferguson deseja ressaltar é que, se Cristo Jesus é o vínculo exterior, o Espírito Santo é o vínculo interior em todos esses pactos estabelecidos com Deus. Mesmo no Antigo Testamento, o Espírito Santo opera e

sela os pactos externos de forma interna no coração de Adão, Abraão, Noé, Davi e assim por diante.

Ferguson continua: "Cada pacto em que ele entrou com eles [i.e., Deus com seu povo] foi confirmado por um sinal específico, selando a promessa entesourada na palavra pactual".[8] O sinal específico aqui é o mediador pactual. Em todos os pactos da Sagrada Escritura, é necessária a morte de um inocente, o que aponta tipologicamente para Jesus Cristo como cumprimento e antítipo desses tipos. O texto prossegue: "Estes simbolizam a promessa pactual e funcionam como sinais físicos que confirmam para a fé".[9]

O nosso Senhor Jesus Cristo, agora na nova aliança, é o sinal externo do pacto que Deus estabeleceu conosco. Por meio da pregação, Cristo é apresentado, semana após semana, diante da congregação. É também regularmente apresentado por meio do batismo e da ceia. Quando o Espírito Santo opera por esses meios da graça, uma confirmação espiritual alcança os corações, e homens e mulheres são salvos em nossa comunidade. Em outras palavras, quando ouvimos a pregação da Escritura com fé, quando somos batizados e marcados pela água, quando somos alimentados com o corpo e com o sangue de Cristo, esses sinais confirmam exteriormente aquilo que Deus operou internamente em nosso coração.

O ESPÍRITO SANTO E A PREGAÇÃO

Para tratar da pregação da Palavra como meio da graça, peço a você que me acompanhe na leitura de algumas passagens bíblicas que mostram claramente a relação existente no Novo Testamento entre a pregação do evangelho e a obra do Espírito Santo.

A primeira delas encontra-se em Mateus 10.19,20, texto em que Jesus dá orientações a fiéis que estejam sofrendo perseguição e que estejam sendo convocados para dar um testemunho dramático a respeito dele. É interessante o que o Senhor diz no meio desse discurso, a respeito desse momento de tensão e decisão: "Porque não sois vós que falais, mas o Espírito de vosso Pai é que fala por meio de vós". Jesus está instruindo a comunidade da fé, ensinando que ela é chamada para anunciar o evangelho, e confere segurança a essas testemunhas — muitas das quais, verdadeiros mártires — de que, no momento em que forem chamadas a falar sobre Jesus, o Espírito Santo falará por elas.

Em um texto paralelo, Lucas 12.11,12, o Evangelista é ainda mais contundente: "Porque o Espírito Santo vos ensinará na mesma hora o que deveis dizer". Essas duas passagens nos lembram que, quando tivermos de falar na presença de autoridades ou governantes, não seremos nós que falaremos, mas o Espírito Santo falará por meio de nós. De igual modo, é preciso destacar que o Espírito é absolutamente essencial a toda forma de pregação.

Vivemos na era da imagem, que por si só já é uma interpretação da realidade e não exige muita interação por parte das pessoas, enfraquecendo consideravelmente a capacidade dos ouvintes de interagirem imaginativamente com o discurso oral. As imagens são recebidas passivamente. Mas os pregadores que quiserem ser fiéis à Sagrada Escritura, domingo após domingo, terão de pregar o texto bíblico. A cada sermão, o pregador se coloca diante de homens e mulheres para expor a Palavra sagrada, mas não há como negar que ele compete com uma sociedade saturada de imagens e viciada nelas.

Somente no poder do Espírito Santo poderemos oferecer a Palavra para nossas comunidades. Somente por meio do Espírito a imaginação dos ouvintes será cativada pela Palavra. Convém lembrar, portanto, que a luta contra as imagens era um dos combates da ala reformada da Reforma protestante — a destruição dos ídolos. Não porque os reformados desprezassem a arte; Rembrandt, por exemplo, era reformado e foi batizado na igreja reformada holandesa (assim como seu filho). Os protestantes, especialmente os da tradição reformada, atacavam a arte não pela arte, mas porque a imagem artística estava tomando o lugar da Palavra sagrada.

O pregador que deseja ressaltar a centralidade da Palavra deve invocar a ação do Espírito Santo enquanto prega e dele depender. Não podemos abrir mão dessa dependência em relação ao Espírito na pregação. Em Atos 1.8, Jesus diz aos apóstolos e discípulos reunidos que receberão poder quando o Espírito Santo for derramado sobre eles, e acrescenta: "Sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra". Podemos dizer que esse trecho é um resumo do livro de Atos, o qual vem a ser um desenvolvimento desse versículo. Como já examinamos no capítulo anterior, o Espírito foi derramado em Jerusalém, depois em Samaria e depois em Cesareia; em Éfeso, desceu sobre pessoas que mal tinham ouvido falar do evangelho (ouviram de João Batista, mas só conheciam os rudimentos do arrependimento), e, por meio do

Espírito, esse testemunho chega até os confins da terra.

Em relação ao dom de línguas de que fala o livro de Atos, é interessante observar que, quando uma pessoa fala em outras línguas, em geral essa manifestação do Espírito está associada ao anúncio e ao testemunho de Cristo. Ainda que se possa debater o significado das línguas nesse livro da Escritura, deve-se prestar atenção ao vínculo existente entre o recebimento do Espírito e aquele que o recebeu e que testemunha, anunciando o que Jesus fez e o que aconteceu com o Salvador — sua morte e ressurreição — em cumprimento do Antigo Testamento.

Em nossa análise da ação do Espírito Santo na pregação como meio da graça, chegamos a Atos 2.1-4, em que o Espírito é derramado sobre os apóstolos reunidos, os quais saem de onde estavam e começam a pregar o evangelho, e, com isso, algumas situações interessantes acontecem. Há uma resposta impressionante à mensagem pregada por Pedro (At 2.14-36); o sermão é interrompido por pessoas ansiosas por saber o que precisam fazer para ser salvas. "O que é que nós devemos fazer agora?", elas perguntam aos apóstolos. Observe a relação: Pedro prega um sermão no qual destaca que a comunicação da verdade de Cristo feita pelos discípulos e apóstolos nada mais é que o cumprimento da profecia de Joel 2.28-32. A promessa feita pelo profeta assegura que nos últimos dias — inaugurados naquele momento — o Espírito seria derramado com poder para que o povo de Deus pudesse anunciar o "dia do SENHOR" (Jl 2.31).

Pedro diz que o Pai derramará seu "Espírito sobre todas as pessoas" e que Cristo, "tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou o que agora vedes e ouvis" (At 2.17,33). Observe que uma pregação poderosa, decisiva e que magnifica Cristo exige uma resposta de fé por meio da obra do Espírito Santo. A pregação, Cristo e o Espírito estão unidos de modo inseparável.

Em outra passagem, 1Coríntios 2.4,5,14-16, Paulo afirma: "Minha linguagem e pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do poder do Espírito, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, mas no poder de Deus" (v. 4,5). Mais adiante, ele também declara: "O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus" (v. 14). Perceba a associação. Como aqueles fiéis de Corinto vieram a abraçar Jesus?

O homem natural, a pessoa sem Deus e sem Cristo no mundo, não consegue entender a Sagrada Escritura de modo salvífico. Como Martinho Lutero afirmou: "Se Deus não abrir e explicar a Sagrada Escritura, ninguém pode entendê-la; ela permanecerá um livro fechado, encerrado em trevas".[10] Desse modo, é necessário que o Espírito Santo acompanhe a pregação, para que a mente em trevas, escravizada ao pecado, seja iluminada e as pessoas possam entender a Escritura, encontrar Cristo nela e recebê-lo por fé. Como a regeneração não é obra humana nem uma questão de persuasão, mas, sim, obra do Espírito, Paulo precisa estar cheio do Espírito Santo e sua pregação tem de estar carregada desse mesmo Espírito, para que os pecadores tenham os olhos abertos, os ouvidos destampados, o coração enternecido e assim abracem a Palavra sagrada à medida que é pregada.

Examinemos agora 2Coríntios 3.3,6,8, um texto provavelmente relacionado a Jeremias 31.31-37, que contém a promessa de uma nova aliança, uma aliança interna, do coração. Alguns pontos importantes nessa passagem: os crentes de Corinto são uma carta de "Cristo, ministrada por nós, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações de carne" (v. 3). A Almeida 21 verte corretamente o versículo 6: "Foi ele quem também nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; porque a letra mata, mas o Espírito dá vida" . Paulo está contrapondo um conhecimento externo a uma transformação interna. Primeiro, Paulo falou do "Espírito do Deus vivo" (v. 3), uma menção ao Espírito Santo, e depois afirma que eles são ministros de uma nova aliança pelo Espírito, porque "o Espírito dá vida" (v. 6). Ele conclui afirmando que o alvo de seu ministério é que o Espírito receba maior glória (v. 8).

Em 1Coríntios 2, Paulo relaciona o Espírito Santo a sua pregação de tal forma que essa ação do Espírito abre a mente de homens naturais e estes abraçam a mensagem da salvação. Já em 2Coríntios 3 ele apresenta a pregação que opera mudança interior com o Espírito vivificador do Deus vivente.

Em 1Tessalonicenses 1.5,6, Paulo afirma: "Porque o nosso evangelho não chegou a vós somente com palavras, mas também com poder, com o Espírito Santo e com absoluta convicção. Sabeis muito bem como procedemos em vosso favor quando estávamos convosco. E vos tornastes nossos imitadores e do Senhor, recebendo a palavra com

a alegria que vem do Espírito Santo, mesmo em meio a muita tribulação". O evangelho não chegou aos fiéis na cidade de Tessalônica tão somente em palavra, mas no poder do Espírito Santo. Por isso os cristãos daquela cidade, mesmo perseguidos e atribulados, receberam a palavra de Cristo com alegria no Espírito. Mais uma vez Paulo une a pregação da Palavra com o Espírito Santo, de tal forma que não é possível separar aquela deste.

Por fim, lemos em 1Pedro 1.23: "Fostes regenerados não de semente perecível, mas imperecível, pela palavra de Deus, que vive e permanece". A palavra "regeneração" se refere à obra interna que só o Espírito pode realizar. Não temos poder para nos regenerar, para mudar nossa própria natureza. Somente o Espírito Santo é capaz disso e o faz por meio da palavra que vive e é permanente, "a palavra que vos foi evangelizada" (1Pe 1.25). O que o apóstolo Pedro afirma é que a pregação da Palavra de Deus é uma marca da igreja verdadeira, e essa pregação tem de ser acompanhada pelo poder e pela ação do Espírito Santo.

Diante do que vimos a respeito da relação entre o Espírito Santo e a pregação da Escritura, quero ainda destacar três pontos para nossa reflexão.

1. A eficácia da pregação depende da ação do Espírito Santo na preparação e na entrega do sermão. O tempo que um pregador leva para preparar seu sermão é uma questão pessoal, de disciplina. Talvez alguns levem quatro horas e outros, dez, mas o importante é que, desde o momento em que o pregador seleciona o texto para pregar, passando depois pela leitura de comentários, léxicos e analíticos e chegando à reflexão sobre as aplicações, todo esse roteiro tem de ser feito com súplica e com intercessão (também com ação de graças, à medida que descobre as verdades e aplicações do texto bíblico). A primeira oração deve ser para que o trecho bíblico escolhido fale primeiramente a ele próprio e depois aos ouvintes; que quebrante, molde e trabalhe o pregador, para depois quebrantar, moldar e trabalhar a congregação. Quando o pregador for organizar e desenvolver as aplicações, pensando nas lutas, ansiedades, tensões e pecados de sua comunidade, que ele possa clamar pelo Espírito Santo.

O processo de estudo bíblico também é devocional. O pregador precisa se encantar com o que está lendo e descobrindo. Não precisa parar o estudo para orar; se está estudando e lendo um bom

comentário bíblico e uma frase o encantou, que diga "Deus, graças a ti; louvado seja o teu nome por essa verdade. Que verdade bela, humilhante e quebrantadora", continuando depois a estudar. Se a pregação tem de estar unida ao Espírito Santo para ser pregação de fato, o pregador precisa começar todo o preparo em súplica pela vinda do Espírito Santo, com poder, para a preparação do sermão.

Em geral, no domingo, após ter estudado, às vezes, por dez ou doze horas e após ter descoberto coisas que ainda não tinha estudado ou sobre as quais não havia meditado, o pregador tem em média trinta ou quarenta minutos para partilhar isso com a comunidade (e haverá ainda aqueles que reclamarão, porque o sermão demorou demais!). É necessário lembrar que igreja é simplicidade e rotina, e o mais fascinante é encontrar a alegria que vem de Deus no que é simples e no que é comum e rotineiro. Então, aqueles que pregam regularmente sabem mais ou menos quanto tempo por semana se deve dedicar ao sermão. A tentação na rotina é a acomodação, e o desafio é buscar o Espírito Santo com empenho em meio à preparação habitual do sermão.

2. É o Espírito Santo quem torna a pregação o meio eficaz para converter os pecadores e edificar os cristãos em santidade. O pregador pode ter boas ideias e descobrir verdades muito importantes na exegese textual, mas, se o Espírito Santo não operar com poder à medida que ele expõe o texto bíblico, o que será oferecido à comunidade é meramente uma aula. Acontece que a igreja não se reúne domingo após domingo para assistir a uma aula, mas, sim, na certeza e confiança de que Deus lhe será oferecido por meio da Palavra. Por isso, devem ser descartados toda pregação temática (que desenvolve um tema pela citação de muitos versículos, sem grandes preocupações exegéticas) e o mero testemunho centrado na pessoa. Pregação é explicação do texto sagrado, pois é por meio da Escritura que Deus fala. O pregador genuíno quer que a comunidade ouça o texto, porque, se isso acontecer, Deus falará a ela. Assim, o pregador tem de se preparar para o culto em oração e pregar também invocando o Espírito Santo.

Os puritanos são um bom modelo nesse ponto. Antes do culto — e as comunidades puritanas só realizavam um culto por domingo, que ocorria pouco antes da hora do almoço —, geralmente o pastor se trancava no gabinete para que ninguém o interrompesse. Desse modo, a comunidade saberia que o pastor precisava preparar o coração e a

mente para o tempo de pregação, dada a importância daquele momento. Um presbítero ficava a postos na porta da sala de oração, e o pregador não raro ficava com a Bíblia aberta na mesa, com o esboço ao lado, andando em círculos e orando, às vezes com as mãos levantadas, invocando a vinda do Espírito Santo, outras vezes ajoelhado com o texto diante de si, e outras até deitado, literalmente com a boca no chão (veja Lm 3.29), suplicando para que o Espírito Santo viesse com poder para acompanhar a pregação da Palavra. Alguns puritanos, quando subiam no púlpito, mesmo antes de abrirem a boca, ouviam o choro e o lamento de membros da congregação, porque, à semelhança do que acontecia quando Moisés voltava do Sinai, as pessoas tinham uma percepção de que aquele homem havia acabado de descer do monte santo (veja Êx 34.34,35).

É importante ressaltar que, desde o preparo da mensagem até os momentos que antecedem a pregação e a pregação em si, o pregador invoca o Espírito Santo para que ele venha com poder e use aquelas palavras, por vezes titubeantes, outras vezes vindas de um pastor cansado, magoado e submetido a duras críticas, mas sempre proferidas por um homem chamado por Deus para oferecer a mensagem sagrada.

Essa oração não precisa ser demorada. O Pai-Nosso, por exemplo, que cantamos e lemos, é uma oração que se faz em menos de um minuto. Quando o pastor está se preparando para pregar, obterá grande proveito se, antes de subir no púlpito, olhar para cima e disser: "Senhor, não te esqueças de mim hoje. Eu quero pregar a tua palavra. Tu és o centro deste culto, e as pessoas estão aqui, sedentas, querendo ouvir a tua voz; usa-me, Senhor. Eu sou um saco de pó e vermes", para citar Lutero. "Usa-me; tem misericórdia. Não permitas que eu desonre a tua Palavra sagrada". Certamente Deus vai usar a pregação para edificar a comunidade.

Para finalizar este segundo ponto, replico um trecho do romance de John Updike, *Coelho corre*. Um dos personagens, um pastor luterano idoso chamado Fritz Kruppenbach (inspirado em Karl Barth), repreende, irado, outro personagem, um jovem sacerdote episcopal, Jack Eccles, que se havia esquecido de seu chamado pastoral para imitar a Cristo e se dedicara às questões sociais:

> Você acha que este é o seu trabalho, se intrometer na vida dessas pessoas? Eu sei o que eles ensinam no seminário hoje: essa e aquela psicologia. Mas não concordo com isso. Você pensa que agora seu trabalho é ser um médico não remunerado, para correr e tapar buracos e fazer tudo dar certo. Eu não acho. Eu não acho que esse é o seu trabalho. [...] Digo que você não sabe o que seu papel significa, do contrário, você estaria trancado em casa, em

> oração [...] Ao correr de um lado para o outro, você foge do dever que lhe foi dado por Deus, para tornar a sua fé poderosa. [...] No domingo de manhã, então, quando diante deles, temos de nos aproximar não esgotados pela miséria, mas cheios de Cristo, ardendo por Cristo, em chamas: incendiá-los com a força de nossa crença. É por isso que eles vêm; por que além disso eles nos pagariam? Qualquer outra coisa que possamos fazer e dizer pode ser dito e feito por qualquer um. Eles têm médicos e advogados para isso. [...] Não se engane. Agora estou falando sério. Não se engane. Para nós não há nada além de Cristo. Todo o resto, toda essa consideração e sobrecarga, não é nada. Isso é o trabalho do diabo.[11]

3. A fé salvadora ocorre exclusivamente pela pregação do evangelho. Ninguém chega à fé e cresce na fé sem a pregação. Esse é um ponto claro do Novo Testamento. Em Romanos 9.1-33, o apóstolo Paulo trata da eleição, da predestinação, de Esaú, de Jacó, de Faraó etc., mas não podemos parar nesse capítulo. Em Romanos 10.1-21, o apóstolo destaca que a pregação é o meio pelo qual o eleito chega à fé: "Portanto, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo" (v. 17). Martinho Lutero dizia que o único órgão ativo no ser humano é o ouvido. Tudo o mais é passivo, ou seja, somente recebe. Durante a pregação, quem ouve nada faz, senão receber. Ouve-se, aplica-se à mente e à imaginação, mas recebe-se a Palavra sagrada. "A fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo". (Rm 10.17).

O pastor que deseja uma igreja que cresça de fato, em que meninos e meninas se tornem homens e mulheres em Cristo, deve pregar e oferecer a Escritura no poder do Espírito. No entanto, parece que a tentação para o pregador hoje é se deixar levar pelas circunstâncias. Ele termina o sermão e escuta uma conversa em meio-tom: "Poxa, eu estava escutando Fulano na internet, e o pastor hoje deixou a desejar". Esse tipo de crítica machuca qualquer pregador, e, se a situação persiste, quando menos espera, ele se vê fingindo que prega e as pessoas começam a fingir que o escutam. Elas correm para a internet para ouvir esse ou aquele conhecido pastor, e ele se frustra, acreditando que nunca vai chegar aos pés daqueles homens "famosos". Por fim, esse pregador pode chegar a pensar "Pregação é para poucos; não para mim", e a tendência talvez será deixar a exposição da Palavra de lado para ressaltar métodos de crescimento de igreja e coisas do gênero, as quais podem até ser legítimas, mas não são centrais e não caracterizam uma igreja genuína e saudável.

A verdade é que, se um homem desempenha a tarefa da pregação, ele o faz por divina comissão. Deus o chamou, o entreteceu (para usar uma palavra bíblica arcaica e bonita), o formou; se ele tem dons, habilidades e talentos, foi Deus quem lhes deu. Então, que ele pregue dentro de suas capacidades. Que deixe de lado os pregadores de

YouTube e seja ele mesmo. Que se aplique, portanto, ao alto privilégio daquilo que Deus o chamou para fazer, que é ser pregador da Palavra. Uma palavra que ele profere pode salvar uma pessoa na comunidade. Uma palavra sua pode ajudar a sanar uma crise familiar e trazer um tempo de bonança para a família que está para se despedaçar. Uma palavra desse pregador, ungida pelo Espírito, pode avivar a comunidade. E, se a comunidade for avivada, ela pode transformar um bairro, um município, um estado ou mesmo o país inteiro. Há privilégio maior que pregar na força do Espírito?

Não importa o tamanho da comunidade à frente da qual ele esteja, o pregador precisa saber que Deus o moldou para esse povo, que agora é sua família. Ele tem uma responsabilidade perante as pessoas às quais Deus quer que ele ministre. Por isso, que ele ache seu estilo pessoal, mesmo para estruturar o sermão, e assim clame a Deus. Que ele suplique a Deus para que venha com poder sobre a mensagem que ele entregará, de tal forma que os membros de sua comunidade digam: "Meu pastor não é Fulano, mas, quando ele sobe no púlpito, posso ver Jesus. Ele me oferece Cristo na Palavra".

João Calvino disse certa vez: "Nenhum mortal está por si mesmo qualificado para a pregação do evangelho a não ser que Deus o revista com seu Espírito Santo".[12] Assim, que os pregadores clamem para que o Espírito venha com poder sobre a entrega da mensagem. E que preguem com simplicidade e com a capacidade que Deus lhes concedeu, mas sempre a Escritura e somente a Escritura, e sempre na dependência do Espírito.

O ESPÍRITO SANTO E O BATISMO –

Um dos aspectos mais desafiadores deste estudo é relacionar o Espírito Santo ao batismo e à ceia. Não tenho nenhuma pretensão de resolver o problema entre os que defendem o batismo infantil e aqueles que defendem o batismo de pessoas que passaram pela confissão de fé. Deus tem abençoado tanto uns quanto outros. Vemos isso em nosso país. Podemos discordar quanto à forma de batismo, mas é inegável que Deus tem usado homens das duas tradições. Isso deveria oferecer boas doses de doçura e bom-humor nos debates sobre o tema.

O Novo Testamento não aponta uma forma determinada de batismo. Fala-se do rito, de pessoas sendo batizadas (tanto nos Evangelhos como em Atos), mas ainda que a palavra *batismo* seja

empregada, ela por si só não comprova determinada "forma" de batismo — até porque a palavra *baptizo* é apenas transliterada para o português e não diz muito a esse respeito.

Quando consultamos o *Didaquê*, também conhecido como *O ensino dos doze apóstolos*, o qual foi escrito em meados do ano 150 d.C., sendo o documento cristão mais antigo depois dos textos do Novo Testamento, vemos que ele afirma no capítulo 7.1-3 que o batismo pode ser realizado tanto por imersão quanto por aspersão. Esse é o primeiro texto fora do Novo Testamento que se refere à forma do batismo. Assim, se houvesse condições de realizar o batismo por imersão, que se batizasse em água corrente. No entanto, se não houvesse como batizar em um rio — provavelmente quando o batismo tivesse de ser feito em catacumbas, em situações de perseguição —, que se batizasse por aspersão.

Sem entrar na questão da preparação ou da idade para o batismo, mas apenas na questão de sua forma, percebe-se que havia essa saudável tensão nos primórdios do cristianismo. Ao pesquisar antigas igrejas da cristandade, fazemos descobertas que nos surpreendem: por exemplo, os batistérios não ficavam localizados dentro do templo, mas eram construídos do lado de fora da igreja, em frente à entrada principal. Dentro da nave, cuja planta geralmente tinha o formato da cruz latina, havia só o púlpito e, quando muito, a mesa da ceia.

O prédio com o batistério ficava ao lado do prédio principal, sendo geralmente uma construção octogonal que simbolizava o dia eterno que se segue ao sétimo dia da Criação ou a vida eterna assegurada pelo batismo. Dentro desse prédio, outra surpresa: dois são os locais para o batismo — a piscina e a pia. O Batistério de São João, em Florença, na Toscana, Itália, por exemplo, tem uma piscina batismal e uma pia batismal. O Batistério Neoniano ou Ortodoxo de Ravena, na Emília-Romagna, também na Itália, segue o mesmo padrão: uma construção pequena em octógono, com a piscina batismal octogonal ao centro e a pia batismal em um dos lados. Nos edifícios cristãos dos séculos 5 e 6, os dois modos de batismo coexistiam dentro da igreja primitiva.



Acervo do autor

Piscina batismal octogonal do Batistério Neoniano ou Ortodoxo de Ravena, na Emília-Romagna, Itália.

O batismo é o rito de entrada no Reino. No Novo Testamento, esse sacramento não é vinculado à igreja local e muito menos à denominação, e por isso creio que todo rebatismo é uma distorção do ensino neotestamentário sobre o tema. Assim como Cristo morreu e ressuscitou uma única vez, também há um único batismo, seja por aspersão, seja por imersão.

Tratemos agora mais especificamente das passagens bíblicas que estabelecem a relação entre o Espírito Santo e o batismo.

Em Mateus 28.18-20, em que encontramos a ordem para fazermos discípulos enquanto caminhamos, "batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". O texto não trata do modo do batismo. Mas qual será o significado de batizar "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo"? Significa que há uma união do fiel, em seu batismo, com o próprio Deus trino. Como Sinclair Ferguson escreveu, "é nesta vida de comunhão com Deus que fomos batizados — na graça do Senhor Jesus, no amor do Pai celestial e na comunhão do Espírito Santo".[14]



Acervo do autor

Pia batismal do Batistério Neoniano ou Ortodoxo de Ravena, na Emília-Romagna, Itália.

Em Atos 2.14-36, vemos que o Espírito Santo veio com poder sobre os apóstolos e sobre sua pregação, e milhares de pessoas receberam o evangelho, convertendo-se a Jesus como o Messias. Contudo, na continuação da história, em Atos 2.37-42, algo interessante acontece.

Lembre-se de que os ouvintes interromperam o sermão de Pedro na metade e perguntaram: "Irmãos, que faremos?". A resposta de Pedro foi: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo". Observe a associação entre o batismo e o "dom do Espírito".

O texto não ensina a regeneração batismal. As Escrituras revelam que os que forem salvos o serão por um processo de operação do Espírito Santo que começa com o chamado interno, passa pela regeneração, pela fé, pelo arrependimento, pela união com Cristo, pela santificação e assim por diante. Pedro, então, não está afirmando que a pessoa é regenerada no batismo. Além disso, o apóstolo vincula o batismo nas águas a uma ação do Espírito Santo que ocorre de forma relacionada.

Como vimos, o *Didaquê* estabelece que o batismo pode se dar por

imersão ou por aspersão. Se esse documento é uma fonte confiável para tratarmos da forma de batismo, atente para o que Paulo escreve em Romanos 5.5: "... e a esperança não causa decepção, visto que o amor de Deus foi derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado". Acredito que podemos ler essa passagem bíblica de forma relacionada com o batismo por aspersão e a vinda do Espírito Santo. Já o texto de Romanos 6.2-7 afirma: "Ou ignorais que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte?". Perceba a seriedade do rito. Há uma real identificação entre aquele que desce às águas e o que aconteceu na história de Jesus Cristo. Preste atenção aos verbos da passagem na primeira pessoa do plural grifados na passagem:

> Portanto, *fomos* sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim *andemos* nós também em novidade de vida. Porque, se *fomos* unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente também o *seremos* na semelhança da sua ressurreição. Pois sabemos isto: a nossa velha natureza humana foi crucificada com ele, para que o corpo sujeito ao pecado fosse destruído, a fim de não servirmos mais ao pecado. Pois quem está morto foi justificado do pecado (grifo nosso).

Nessa passagem, de forma concreta, Paulo relaciona sua metáfora da morte e da ressurreição com o fiel que desce às águas (e aqui a linguagem nos remete ao batismo por imersão), identifica-se com o Cristo crucificado e morto no instante em que é mergulhado e identifica-se com o Cristo ressuscitado e vivo quando sai das águas.

A ideia não é que Cristo vem até nós. Baseada na noção da solidariedade da raça (tópico da teologia bíblica de grande importância no Antigo e no Novo Testamento), a ideia é que a pessoa imersa é conduzida ao passado e concretamente relacionada com a morte de Jesus. Quando Jesus morreu no Calvário, aquele que é batizado também morreu ali com o Salvador. Quando Cristo ressurgiu dentre os mortos, aquele que é batizado também ressurgiu com ele. É por isso que o pecado não tem mais domínio sobre o batizando.

Quem se sente pouco à vontade com essa hipótese interpretativa de Romanos 5.5 e 6.2-7 deve lembrar-se dos dois batistérios da época dos pais de igreja que citei anteriormente. Portanto, ao que tudo indica, o texto de Romanos, como está redigido, faz referência, sem escandalizar o leitor original, à pia batismal (5.5) e ao batistério (6.2-7). O ponto central do pensamento do apóstolo é que o batismo é sinal e selo da graça oferecida.

Em 1Coríntios 6.11, lemos: "Mas fostes lavados, santificados e

justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus". Temos aí, em "Mas fostes lavados", outra menção ao rito batismal.

O texto de 1Coríntios 12.13 afirma: "Pois todos fomos batizados por um só Espírito para ser um só corpo". Segundo nos parece, a controvérsia entre pentecostais e conservadores em torno do batismo no Espírito poluiu a leitura do texto. Vinculamos a linguagem do batismo no Espírito ou à conversão, ou a uma segunda bênção, mas o objetivo original de Paulo, no nosso entender, é lembrar que todos os fiéis participam de um único batismo e que o Espírito Santo veio com poder naquele momento.

Na sequência, analisemos Gálatas 3.27: "Porque todos vós que em Cristo fostes batizados vos revestistes de Cristo". Mais uma vez, parece que estamos diante de uma linguagem batismal mencionada no texto — um eco de Romanos 6, assim como Efésios 4.5: "Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo".

O texto de Colossenses 2.11,12 relaciona com o batismo a circuncisão interna operada pelo Espírito: "Nele também fostes circuncidados com a circuncisão que não é feita por mãos humanas, o despojar da carne pecaminosa, isto é, a circuncisão de Cristo, sepultados com ele no batismo, com quem também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos".

Por último, Tito 3.4-7, passagem da qual destaco aqui apenas o versículo 5: "Ele nos salvou mediante o lavar da regeneração e da renovação realizadas pelo Espírito Santo, que ele derramou amplamente sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador". Mais uma vez, o apóstolo parece mostrar que somos regenerados pelo lavar que vem de Deus — imagem que nos traz à memória a aspersão feita na pia batismal com a ação do Espírito Santo limpando e regenerando aquele que se batiza.

O batismo não é um mero rito de passagem, muito menos uma forma de ser incluído na "turma" ou aceito pelo "grupo" eclesiástico. Não é simplesmente um sinal oferecido à igreja. Em algumas comunidades, se a pessoa "se decide" por Cristo, é automaticamente batizada diante da igreja. Isso é um erro e uma vulgarização da prática batismal. O batismo é algo muito sério; a pessoa que está sendo batizada, quer por aspersão, quer por imersão, está sendo marcada e

passa a pertencer única e exclusivamente a Jesus Cristo. O amor de Deus é derramado sobre ela, ao mesmo tempo que ela é identificada e unida na morte e na ressurreição de Jesus Cristo.

Se, como dissemos no início, toda a vida cristã é vida no Espírito, então o batismo também é um rito de entrada em que o Espírito Santo opera, vinculando-nos ao Reino e introduzindo-nos nele. É por essa razão que o batismo deve ser realizado uma única vez. Como já foi dito, não temos nenhuma pretensão de resolver uma contenda histórica entre cristãos, mas há três pontos que parecem se sobressair nos textos tratados acima:

1. *O batismo é o rito inaugural da vida cristã*, a marca de propriedade de Deus em nossa vida — e nada pode apagá-la. Vimos que Tertuliano usa a linguagem militar de sacramento para se referir à ceia e ao batismo. No filme *Gladiador* (2000), há uma cena muito interessante. Quando Maximus está sendo treinado para ser um gladiador, em Zucchabar, na província norte-africana da Mauritânia, ele pega uma pedra e começa a raspar o próprio braço no local em que estão tatuadas as letras "SPQR", de *Senatus Populus Que Romanus*, que indicam que ele pertence ao povo e ao senado romano. Ele quer tirar aquela marca que lhe fora inscrita quando entrou nas legiões romanas. Um colega gladiador observa a cena e então pergunta: "Você está tirando a marca do seu deus?", e ele diz: "Sim, é mais ou menos isso". Aquela marca era o seu sacramento.

Por isso entendemos o desejo de Lutero de querer se rebatizar. Ele não queria perder a marca do batismo, mas, sim, atualizá-la. É por isso que, algumas vezes em sua biografia, ele disse que queria se batizar de novo. É claro que o reformador alemão usou uma hipérbole, porque entendia o batismo como marca perene de propriedade que Deus coloca sobre o cristão. Ele diz: "Quando o Diabo vinha me tentar nas crises, eu dizia: 'Sai de mim, pois sou batizado no nome trino'".

O batismo é um rito importantíssimo, que não pode ser banalizado. Quando batizamos um membro de nossa comunidade, precisamos lembrar aquele fiel de que ele está sendo marcado por Cristo e pelo Espírito Santo e que a vida dele agora é propriedade exclusiva do Deus trino. Ele foi batizado no Espírito; o Espírito foi derramado sobre ele, de modo que o lavou e selou o seu renascimento espiritual; ele participou da morte e da ressurreição de nosso Senhor

Jesus Cristo e nada pode apagar essa marca daquele cristão.

2. *O batismo caracteriza externamente a união mística do crente com Cristo.* O texto de Romanos 6.2-7 retrata bem esse fato. Como já frisamos, quando o fiel é batizado, ao ser imerso está sendo identificando com o Cristo crucificado e morto e, quando emerso da água, é unido com o Cristo ressuscitado dentre os mortos. Assim, o rito batismal é um sinal externo de que agora somos unidos misticamente com Cristo; somos os ramos, ele, a videira; somos parte de seu corpo, do edifício de Deus, e isso é um fato incontestável.

3. *O Espírito Santo efetua nos fiéis a realidade que o batismo representa.* O batismo significa então para a comunidade que somos lavados pelo Espírito e participantes da morte e da ressurreição de Cristo. O Espírito Santo opera internamente aquilo que o batismo significa e ilustra para a comunidade. Eu nem teria como explicar esse ponto; parece que aqui nós mais experimentamos do que entendemos aquilo que Cristo faz por nós em sua morte e ressurreição, e o que o Espírito Santo faz por nós por meio do rito batismal.

Karl Barth era membro da igreja reformada da Suíça, mas, no que diz respeito ao batismo infantil, ele rompeu com a interpretação reformada tradicional e defendeu o batismo de adultos por imersão. Em um de seus livros, ele diz o seguinte:

> O significado central do batismo em relação ao candidato está [...] claro. É lhe dada com certeza divina, para a glória de Deus e edificação da Igreja de Jesus Cristo, a promessa de que, na morte e ressurreição de Jesus Cristo, a graça de Deus é-lhe dirigida e oferecida; que [...] ele é renascido; que, com base nesse acontecimento, até mesmo ele pode ter a certeza da pre-sença e ação do Espírito Santo; que seus pecados são perdoados; que também ele é um filho de Deus; que a esperança de vida eterna também é sua.

E há ainda este outro aspecto:

> Ele já não pertence a si mesmo, está em dívida para com o seu Salvador; [...] foi sem dúvida e completamente liberto, foi igualmente sem dúvida preso e completamente preso; que foi colocado num caminho do qual, desde agora, já não se pode desviar.[15]

Compare a riqueza teológica presente nessa citação com a pobreza verificada em nossos cultos e ritos batismais!

Para concluir o estudo do elo existente entre o rito batismal e a ação do Espírito Santo, é bom realçar mais uma vez que batismo é uma marca da igreja verdadeira e um meio pelo qual o Espírito Santo opera na comunidade. Acredito que o Novo Testamento sublinha essa ligação. O batismo não é um rito memorial nem uma lembrança didática, mas um rito rico de significado, tanto para quem o recebe

quanto para quem o oficia e para os que a ele assistem.

O ESPÍRITO SANTO E A CEIA DO SENHOR

Os textos básicos sobre a ceia encontram-se em Mateus 26.26-29, Marcos 14.22-25 e Lucas 22.19,20. Todos ressignificam a ceia. O que era a cerimônia da Páscoa para os judeus, ou seja, o poderoso sinal da libertação do cativeiro egípcio, agora é ressignificado por Jesus, apontando para o sacrifício que nosso Senhor faria na cruz.

Uma passagem central, comum a esses três textos, é que se refere ao corpo moído de Cristo e ao sangue derramado, os quais são dados para salvar e resgatar um povo para lhe ser "propriedade exclusiva dentre todos os povos" (veja Êx 19.3-8; 1Pe 2.9,10):

> Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai e comei; isto é o meu corpo. E, tomando um cálice, rendeu graças e o deu a eles, dizendo: Bebei dele todos; pois isto é o meu sangue, o sangue da aliança derramado em favor de muitos para perdão dos pecados (Mt 26.26-28).

Nos relatos da ceia presentes nos Evangelhos de Mateus e de Marcos, há uma sequência: "Tendo comido, ceavam" ou "Enquanto comiam, ceavam". Essas passagens já apontam para o fato de que a ceia não era diretamente ligada ao encontro público realizado pela comunidade, mas um tipo de rito à parte, composto ele mesmo de duas partes, uma para o compartilhamento de uma refeição e outro para a ceia do Senhor propriamente dita.

O texto de João 6.51-58 não tem por objetivo ensinar uma teologia da ceia, mas ressalta dois pontos importantes. Leiamos primeiro o texto e depois explicaremos os dois pontos mencionados:

> Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne. E os judeus começaram a discutir entre si, dizendo: Como pode ele nos dar sua carne para comer? Então Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo por causa do Pai, assim, quem de mim se alimenta também viverá por minha causa. Este é o pão que desceu do céu; não é como o caso de vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre.

Em primeiro lugar, o Evangelho de João não traz o relato da ceia do Senhor. Enquanto Mateus, Marcos e Lucas falam desse acontecimento, João narra o lava-pés. Então, em oposição à exegese dos pais da igreja e também católica e espiscopal, para a qual essa passagem ensina uma teologia sacramental completa, não podemos interpretar a passagem como um ensino direto sobre a ceia (e

interpretando João 3.5 como que fazendo menção ao batismo). Como Adolf Schlatter escreveu, João descreve Jesus à igreja "não como instituidor de um sacramento, mas certamente como aquele que a alimenta com vida por intermédio de seu corpo entregue à morte".

Em segundo lugar, sempre que a ceia é celebrada corretamente na igreja, em dependência do Espírito, essa passagem ganha vida de novo para nós. De acordo com Werner de Boor, "João 6 não atesta a santa ceia, mas cada santa ceia atesta João 6. É por esse motivo que justamente as palavras de João 6 podem ser usadas com plena razão como palavras de santa ceia".[16]

O texto de Atos 2.42-47, que se segue à narrativa do derramamento do Espírito Santo, da pregação poderosa que conduziu milhares de pessoas a Cristo e do batismo ocorrido em resposta à pregação, mostra que os convertidos "perseveravam no ensino dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações" (2.42), uma clara alusão à ceia.

O autor prossegue afirmando que os discípulos, "partindo o pão em casa, comiam com alegria e simplicidade de coração" (2.46), mais uma menção ao rito. A menção se repete de novo em Atos 20.7, em que lemos: "No primeiro dia da semana, reunimo-nos a fim de partir o pão". Para a igreja primitiva, a ceia do Senhor era tão central, que aparentemente era realizada todo domingo. Deve-se notar que, nessa passagem, assim como nos relatos de Mateus, Marcos e 1Coríntios, a ceia parece ser apresentada como um rito realizado após o culto público, um momento íntimo apenas para os fiéis batizados.

Em 1Coríntios 10.16-22, Paulo começa seu ensino sobre a ceia. Ele faz uma interrupção para tratar da liberdade cristã (10.23—11.1) e do papel do homem e da mulher na igreja (11.2-16), mas depois volta a tratar da ceia. O contexto é que alguns fiéis de Corinto não viam problema em encerrar suas reuniões de negócios em templos pagãos, mesmo fazendo refeições para selar um contrato com o consumo de carne ali sacrificada aos ídolos.

Paulo usa a ceia para confrontar esse tipo de abordagem. Tratou do "cálice da bênção" (1Co 10.16), que é "a comunhão do sangue de Cristo". O pão que partimos é a comunhão do corpo de Cristo. Somos um pão, um só corpo, e aí o apóstolo faz a menção ao rito: "Não podeis beber do cálice do Senhor e do cálice de demônios" (1Co 10.21). Perceba a seriedade da exortação. Paulo parece afirmar que na

mesa há um vínculo espiritual entre o fiel e Cristo, quando aquele se alimenta dos elementos e, de uma forma que não compreendemos, experimentamos Cristo. A ceia, então, é usada pelo apóstolo como uma forma de lembrar que Deus não aceita lealdade dividida: ninguém pode ter comunhão com a "mesa do Senhor" e com a "mesa de demônios".

Em 1Coríntios 11.17-30, Paulo rememora as passagens citadas dos Evangelhos Sinóticos, e surgem assim alguns detalhes interessantes. Em primeiro lugar, parece que a ceia não era realizada no culto, mas era um evento à parte, uma celebração também conhecida como festa ágape, a festa do amor, na qual as pessoas traziam comida, repartiam-na primeiro e depois participavam da ceia.

Paulo chama a atenção dos fiéis de Corinto porque, ao mesmo tempo que queriam participar da ceia, na segunda parte da celebração, tumultuavam a primeira parte: no que deveria ser uma festa de amor, os que chegavam primeiro (provavelmente os de melhor condição social) comiam tudo, e os que chegavam depois (provavelmente os mais pobres e escravos) não tinham o que comer. E ainda tinham de participar da ceia com fome. Além de corrigi-los quanto a essa situação embaraçosa, Paulo elabora uma ordem para a celebração da ceia: primeiro o pão, depois o cálice.

Em segundo lugar, o apóstolo cita "isto é o meu corpo". Uma das razões da divisão entre reformados e luteranos na Reforma foi justamente a expressão "é o meu corpo". No grego, porém, o verbo não aparece. O texto diz "isto meu corpo", que deveria ser traduzido por "isso significa minha pessoa", ou seja, o próprio Cristo é oferecido na ceia. O outro ponto de divisão é o trecho "Fazei isso em memória de mim". Muito debate já foi travado em torno da palavra "memória". Mas o termo grego *anamnese* não significa mera "memória pedagógica". Ele tem um significado mais profundo, realista. A ideia bíblica do termo "em memória" é a mesma da Páscoa no Antigo Testamento: por obra e graça do Espírito Santo, na ceia, que é o rito contínuo de confirmação da igreja, somos não apenas transportados e levados para a presença do próprio Cristo, à direita do Pai nas alturas, mas somos transportados para o Calvário, como se estivéssemos diante do Cristo crucificado pelos nossos pecados.

Em Deuteronômio 16.3, Moisés relembrou o povo, 38 anos após a saída do Egito, como devia celebrar a Páscoa. Deu instruções sobre os

"pães sem fermento", "o pão da aflição", e afirmou: "Para que te lembres do dia da tua saída da terra do Egito, todos os dias da tua vida". A geração a que Moisés se dirige não era a mesma que saíra do Egito. São os filhos dos que de lá saíram e morreram no caminho. O que Moisés ensina ao povo é que, na Páscoa, o fiel israelita come o pão sem fermento e prova das ervas amargas como se tivesse participado pessoal-mente daquela libertação. "Em memória de mim" tem justamente esse significado!

Quando recebemos o cálice e o pão, é como se nós, naquele momento, por obra do Espírito Santo, fôssemos tomados e colocados diante do Calvário, diante do nosso Salvador que foi moído pelos nossos pecados, e como se, espiritualmente, fôssemos alimentados por sua morte sacrificial.

A tradição judaica oferece um bom comentário a esse texto, o qual é recitado no rito da ceia pascal: "Em cada geração, cada homem deve considerar como se ele tivesse saído pessoalmente do Egito" (*O Maharal de Praga*). Dessa forma, "em memória" não é tentar reconstruir em nossa memória algo que não vivenciamos. Participar da ceia "em memória" de Cristo é uma ação operada pelo Espírito que nos leva ao passado, ao Calvário, para sermos alimentados pelo corpo e pelo sangue de nosso único e suficiente Salvador.

Em terceiro lugar, os versículos 29 e 30 da passagem que estamos analisando são talvez os dois textos menos citados em nossas igrejas por ocasião da ceia. Há neles, porém, uma nota solene: "Examine, pois, o homem a si mesmo, e dessa forma coma do pão e beba do cálice. Pois quem come e bebe sem ter consciência do corpo do Senhor, come e bebe para sua própria condenação. Por causa disso há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que já morreram".

Se a ceia fosse uma mera lembrança, por que Paulo terminaria com essa observação tão austera? A palavra grega traduzida por "dormem" aparece pelo menos uma vez no Novo Testamento traduzida por "morreram". É uma possibilidade terrível pessoas serem disciplinadas por Deus por tomarem a ceia sem abandonar seus pecados, dada a seriedade do que a igreja faz quando se reúne para ser alimentada com o pão e o cálice.

Paulo ensina que não nos podemos aproximar da mesa do Senhor de forma negligente e sem preparo. A ceia é o momento em que devemos, em silêncio, refletir sobre nossa conduta e nossos pecados,

confessar-nos, suplicar a ajuda de Deus para vencê-los e comer e beber com fé. A ceia nos alimenta. Somos nela erguidos pelo Espírito à presença de Cristo, por quem somos alimentados, e é justamente ela que nos dá forças para perseverar na santificação, à medida que nos banqueteamos com o sangue e com o corpo do próprio Cristo.

Em 1Coríntios 12.13 o apóstolo ensina que somos batizados no Espírito e bebemos do mesmo Espírito. Os pais da igreja leriam essa passagem em associação com a ceia (e também com o batismo, como já observamos anteriormente). Se essa percepção estiver correta, Paulo ensina que o ato de tomar o cálice, lembrando do sacrifício de Jesus e de seu sangue derramado na cruz, significa beber do próprio Espírito Santo, e o Espírito Santo age na ceia.

Apocalipse 3.20 é outro texto importante, muitas vezes mal-empregado com conotações evangelísticas: "Estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo". O texto, no entanto, em nada diz respeito à evangelização. Lembre-se de que o texto diz: "… entrarei em sua casa e cearei…". Temos aqui a situação de uma igreja ceando sem a presença de Cristo; uma imagem terrível. A ceia se tornou, nesse caso, um ritual vazio. No entanto, Cristo está à porta da igreja, insistindo para que a porta seja aberta a fim de que ele entre, e as pessoas sejam alimentadas com o próprio Cristo num banquete santo — a ceia.

Somos, portanto, chamados a nos apresentar diante da mesa como se estivéssemos diante de Cristo no cenáculo e diante do Cristo crucificado — Homem de Dores, sangrando e desfigurado no Calvário, o qual ainda assim vem a nosso encontro para nos alimentar e saciar. Isso só acontece por obra e graça do Espírito Santo. Como Sinclair Ferguson escreveu:

> Na ceia do Senhor experimentamos e gozamos essa vida [de comunhão com Deus] em sua mais simples expressão, pois aqui somos convidados pelo próprio Cristo a provar e ver que ele é bom, e nos alimentarmos dele. Quando o fazemos, o Espírito se envolve na obra que ele ama, a obra de tomar o que pertence a Cristo e torná-lo conhecido a nós.[17]

Vimos alguns textos bíblicos importantes que vinculam o Espírito Santo à ceia do Senhor, e, para concluir esta seção, quero destacar alguns pontos importantes:

1. A ceia é um sinal de comunhão contínua com Cristo e deve ser celebrada com frequência. De modo particular, entendo que uma vez por mês é um bom tempo para celebrarmos o ritual da ceia em nossas comunidades, pois somos lembrados pela Escritura de que precisamos

beber e nos alimentar continuamente do sangue e da carne do nosso Senhor Jesus Cristo.

2. A ceia representa o corpo moído e o sangue derramado de Cristo pelos nossos pecados e nos lembra que foi por santa violência que fomos salvos. A ceia lembra que Cristo experimentou no Calvário uma morte violenta e horrenda para a nossa salvação, e o fez para nos tornar novas criaturas. Cravos foram enfiados entre os ossos de seu antebraço. Seus calcanhares foram destruídos por outros cravos. Seu peito foi perfurado por uma lança. Uma blasfema coroa de espinhos, horrível, foi colocada sobre sua cabeça. Antes, havia sido esbofeteado e lacerado por chicotes. Lembremos: o Cristo crucificado é quem nos salva, e a ceia grava essa imagem sangrenta diante de nós. O pão e o vinho que nos saciam nos lembram do sacrifício de Jesus, de seu corpo moído e de seu sangue derramado em nosso lugar e em nosso favor.

3. Temos comunhão com Cristo por meio do Espírito Santo e mediante os elementos da ceia. Certa vez, tive uma conversa com um ancião luterano que compartilhou comigo seu entendimento quanto à ceia, dizendo: "Eu mais experimento do que entendo". De uma forma que não entendemos, na santa ceia somos, por obra do Espírito, erguidos em direção ao Deus vivo e alimentados por aquele que está à destra de Deus — Jesus Cristo, crucificado por nós.

R. C. Sproul escreveu o seguinte:

> Quanto mais velho fico, e quanto mais progrido na fé, mais importante essa ordenança se torna para mim. Se há algum lugar em que experimento a comunhão doce de minha alma com Cristo, este lugar é a mesa. Sob um aspecto, a experiência da Ceia do Senhor vem se tornando uma fonte de embaraço para mim. Frequentemente sou obrigado a cobrir meus olhos com as mãos enquanto comungo, a fim de esconder as lágrimas que não posso conter. De fato, a doçura de tal comunhão às vezes ultrapassa meus limites, à medida que a exuberância da presença de Cristo inunda a minha alma.[18]

Que citação comovente! Quem escreve isso talvez seja um dos mais importantes divulgadores da fé reformada do final do século 20 e início do século 21. E veja o que ele diz: durante a ceia, ele esconde suas lágrimas. Será que não perdemos esse aspecto de doçura e santa comunhão com Cristo à mesa do Senhor? Muitas vezes o ritual se torna melancólico, como se estivéssemos celebrando apenas o aspecto da morte; outras vezes ele é feito de forma leviana e apressada, sem a devida pausa e reverência. A ceia, no entanto, é um dos momentos mais expressivos da fé e da comunidade cristã.

Aplicações práticas

Vimos até aqui, com o aval de documentos da tradição reformada, que a fidelidade à pregação da Palavra e a correta administração dos ritos do batismo e da ceia são as marcas da igreja verdadeira. Além disso, são os meios da graça pelos quais homens e mulheres podem chegar à fé e se manter nela. É por meio da pregação da Escritura, do batismo e da ceia que o Espírito Santo vem à comunidade da fé com poder transformador, renovador e reavivador.

A igreja é simplicidade e rotina, nada mais, nada menos, e nisso consiste toda a sua glória. Em uma geração viciada em imagem, som e movimento, somos chamados, domingo após domingo, a parar, a fim de não sermos escravos do nosso tempo, mas obedientes à revelação que Deus faz de si mesmo na Escritura e fiéis às marcas que ele comunica e exige de uma comunidade que quer ser uma igreja genuinamente cristã: a Palavra, o batismo, o cálice e o pão.

Ao dividir com você algumas conclusões deduzidas a partir do ensino bíblico e teológico sobre o Espírito Santo e as marcas da igreja verdadeira, quero convidá-lo a fazer desse conhecimento parte de sua vida diária com Cristo.

PROCURE UMA IGREJA VERDADEIRA

A pregação da Palavra e a correta ministração do batismo e da ceia são evidência de uma igreja genuína, na qual Cristo está presente, pastoreia e governa. Quando a palavra é pregada com poder, Cristo é vivamente apresentado para a comunidade. Quando o Espírito opera no batismo, homens e mulheres são unidos com Cristo no batismo, na morte e na ressurreição, de tal forma que o pecado não tem mais domínio sobre eles. Quando nos reunimos em torno da mesa por obra do Espírito, somos alimentados de fato pelo Cristo morto, crucificado, ressurreto e que voltará em glória no último dia.

Portanto, procure ser membro de uma igreja em que a Escritura é exposta e o batismo e a ceia são dramatizados diante da con-gregação com reverência e temor, pois ali você encontrará uma igreja centrada em Cristo. Ali, o Espírito Santo destaca Cristo na pregação, as pessoas são batizadas em Cristo e alimentadas na ceia por Cristo. E ali estará uma igreja verdadeira.

Perceba que não estou enfatizando o local onde a igreja se reúne, a quantidade de pessoas que congregam, se ela tem como sustentar o obreiro ou se esse obreiro precisa trabalhar em tempo parcial para

complementar sua renda. O que caracteriza a igreja verdadeira é a fidelidade a esses três elementos e, por meio do Espírito, que Cristo seja destacado neles.

O importante não é a perfeição da comunidade, mas a fidelidade desta ao pacto estabelecido por Deus, em Cristo, pelo Espírito. Por isso, o pregador deve se manter fiel, orando a todo tempo para que o Espírito Santo opere na pregação, no rito do batismo e na ministração da santa ceia, porque são essas as marcas que caracterizam a igreja bíblica, saudável e verdadeira.

RECEBA A GRAÇA POR MEIO DA FÉ

Os meios da graça realçam a ação de Deus no homem. Eles nos são dados, e nós os recebemos. Somos recipientes e não doadores; beneficiários e não benfeitores. Quando alguém prega diante de uma comunidade, a maioria permanece sentada. Quem age é Deus por meio do pregador, e toda a comunidade recebe. Isso sublinha e ilustra vividamente a graça livre e soberana de Deus. Ao passar pelo batismo, somos imersos no batistério ou somos aspergidos com água por alguém. Não fazemos nada; apenas recebemos. Na ceia, estendemos a mão para receber o pão e o vinho. Há a boa prática de, depois de os presbíteros terem distribuído o pão e o cálice para a congregação, o pastor servir os elementos aos que os distribuíram. A ideia aqui é que não fazemos nada, mas alguém faz por nós — "somente a graça" (*sola gratia*). Mas há também o aspecto de "somente a fé" (*sola fide*): recebemos com fé a pregação, o batismo e a ceia, e isso tem de ser feito com preparação e dependência do Espírito.

A igreja evangélica no Brasil não tem acesso a amplo material de preparação para o batismo e para a ceia, mas a literatura patrística e puritana oferece manuais de preparação para participação nesses sacramentos. Os reformados holandeses do século 19, por exemplo, tinham um livrete (que podia até ser colocado dentro da Bíblia) que ajudava o fiel a se preparar durante toda a semana — por dez minutos ao dia — para a celebração do domingo e para o ápice do encontro, que era se aproximar da mesa do Senhor para receber o pão e o cálice. É por isso que no passado era mais comum as pessoas se converterem durante a celebração da ceia e as pessoas já batizadas virem para a ceia com o coração quebrantado e moído e se alimentarem com fé — ou seja, tudo mudava para elas, tão significativa que era aquela celebração.

De um lado, precisamos frisar que na ceia e no batismo não

fazemos nada e na pregação somos totalmente passivos, apenas com o trabalho do ouvido. De outro, porém, devemos receber esses meios da graça com fé, preparados e em dependência do Espírito Santo. Os cristãos têm de se preparar com fé para que no domingo em que se celebra a ceia tudo que ocorrer tenha real significado.

LEMBRE-SE DE QUE CRISTO É O CENTRO

As marcas da igreja, esses meios da graça, também enfatizam o "somente Cristo" (*solus Christus*). Pelos meios da graça, o Espírito torna o Cristo crucificado e ressurreto o centro do culto. E somos nós que oferecemos esse espetáculo a Cristo. Aconteceu uma dramática inversão no culto cristão da atualidade. Esperamos que Deus ofereça um espetáculo para nós, quando deveria ocorrer o contrário! São os fiéis, alegres, gratos, confiantes, com o coração cheio do Espírito Santo, que oferecem um espetáculo para o Deus trino, de tal forma que o Cristo vivo, encarnado, crucificado, morto, ressurreto, elevado aos céus, seja magnificado e colocado diante da congregação com toda a sua beleza e glória, por meio da pregação, do batismo e da ceia.

Os meios da graça lembram que Cristo é o centro da vida eclesial, e, quando isso acontece de fato, os meios da graça nos unem mística e espiritualmente a ele. Em Efésios 1.1-3,21, o apóstolo afirma doze vezes que os que creem estão "em Cristo". Temos meditado nessa rica verdade? Os que foram predestinados por nosso "Deus e pai" foram "selados com o Espírito Santo da promessa" e unidos misticamente a Cristo. Estamos inextricavelmente ligados ao nosso único Salvador.

VALORI E A IGREJA LOCAL

Quem deseja receber o Espírito ou crescer no Espírito precisa dos meios da graça ministrados na igreja local, pois é por meio da pregação, do batismo e da ceia que o Espírito vem com poder. Experiências cristãs isoladas da comunidade da fé são exceção, e não a regra. Não há, no Novo Testamento, experiência individualizada da fé ou cristãos sozinhos nessa prática. O etíope, quando entrou no Reino, foi assistido por Felipe para entender as Escrituras e ser batizado. Somos chamados a viver em comunidade. Os meios da graça, em sua importância, lembram que somos chamados a amar e a valorizar a igreja. Encontramos o Deus trino com graça e poder em comunidade, com o Espírito Santo operando por meio da pregação, do batismo e da santa ceia.

Não existe avivamento solitário. Como já vimos, o avivamento é uma obra do Espírito que opera em toda a comunidade. Como mencionei anteriormente, não há espaço para *desigrejados* na fé cristã. Essa ideia é uma perversão da compreensão bíblica da peregrinação cristã. Não existe, no Novo Testamento, essa conotação individualista e pietista que supõe possível um cristão crescer na graça longe da comunidade. Essa visão é fruto de nossa cultura cada vez mais hedonista. O Novo Testamento afirma que somos povo do pacto, povo da aliança. Juntos, somos o corpo de Cristo, edifício do Deus vivo, templo do Espírito, no qual o Espírito Santo habita.

Quem deseja crescer em graça, pela fé, deve frequentar uma igreja saudável. Que busque (e requeira!) boa pregação. Que procure se alimentar na fé por meio do batismo e da participação na ceia. É por meio desses sinais que o Espírito Santo opera na comunidade, levando-a a crescer na graça de Deus.

Dessa forma, os meios da graça reforçam a necessidade de estarmos com o povo de Deus. Precisamos da igreja. Não há crente solitário no Novo Testamento. Não há igreja virtual na Escritura. A igreja é real, com pessoas ligadas umas às outras, que cooperam umas com as outras em amor. Os meios da graça, então, ressaltam a centralidade do ajuntamento do povo de Deus, destacando a igreja como central e como lugar em que o Espírito Santo de fato opera com poder.

CELEBRE COM CRIATIVIDADE OS MEIOS DA GRAÇA

De certa forma, a Escritura limita o alcance do que podemos fazer na igreja. A igreja verdadeira caracteriza-se pela pregação, pelo batismo e pela ceia, e não há como mudar o que foi divinamente sancionado — não temos autorização para abandonar essas marcas.

Não obstante, podemos ser criativos dentro dos limites dessas marcas. Sugiro que pregadores persigam a beleza na aplicação dos meios da graça. Por exemplo, é possível adquirir um púlpito bonito para a igreja, algo que, de fato, comunique para a comunidade, com vivacidade e beleza, alguma ideia cristã.

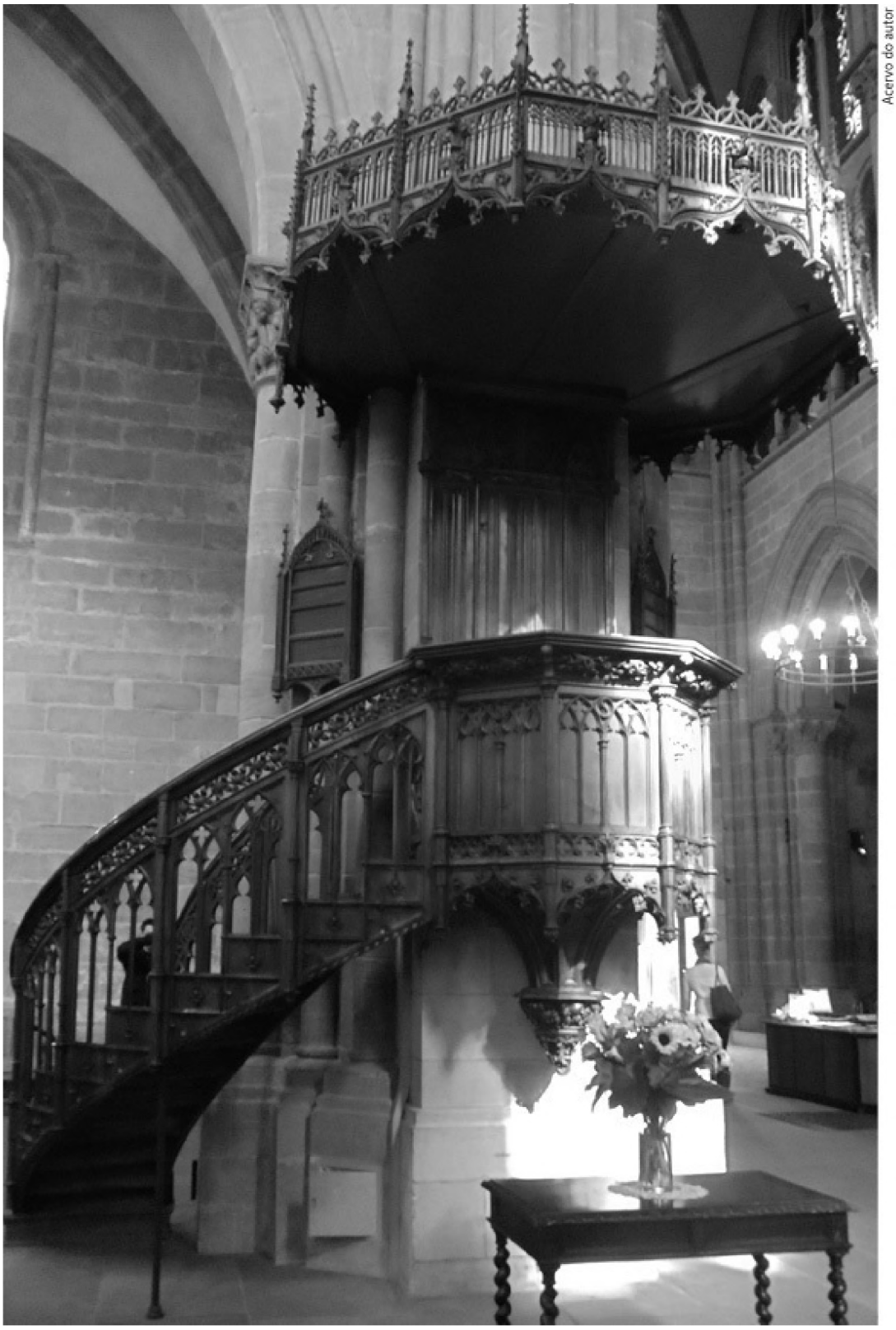
Gosto muito de igrejas românicas e góticas. Numa igreja gótica, especialmente na Europa Central, o púlpito não fica no centro, mas, sim, a mesa da ceia. O púlpito fica num dos lados, geralmente suspenso, e com uma escada em caracol para o acesso do pregador. Na arquitetura litúrgica antiga, esse púlpito representaria para a

comunidade um peixe com a boca aberta. Tal imagem remeteria quem estivesse no templo à história do profeta Jonas, no Antigo Testamento. E o que é que Jonas tem de fazer, depois de tragado pelo peixe, em seu ventre, antes de ser miraculosamente liberto, para proferir a palavra de Deus em Nínive? Ele tem de orar. E como ele orou (veja Jn 2.1-10)! Na realidade, aquele púlpito comunicava para os cristãos, na Idade Média e na Reforma, que eles se reuniam nessas igrejas para ouvir um homem que só consegue ficar em frente ao povo de Deus para lhe expor a Palavra se esta lhe sai do "ventre do peixe" e em oração.

Se você é um pregador, adquira um púlpito bonito para sua igreja, talvez com a cruz em relevo, talvez com uma imagem famosa, do pastorzinho carregando a ovelha em seus ombros. Não repudie a arte! Se Deus é o ser mais belo que há, é-nos concedida a liberdade para usar a arte para celebrar a grandeza da glória de Deus.

É possível ser criativo também ao realizar o batismo. Uma sugestão, especialmente aos presbiterianos: em vez de tornar o batismo um evento que apenas encerra o culto, que todo o culto se torne uma celebração do rito batismal.

Um elemento importante da teologia reformada é a aliança. No dia do batismo de pequenos, por exemplo, pode-se colocar a pia batismal no centro do templo, pedir para os pais ficarem com a criança do lado de fora, aguardando junto à porta. No momento do batismo, convoque apenas os fiéis batizados, aqueles que fizeram profissão de fé, a se reunir num círculo, ao redor da pia. Enquanto esses se reúnem ali e os pais permanecem do lado de fora com a criança, o pregador pode proferir algumas palavras sobre o que significa a aliança da graça, instruindo os crentes a respeito de como Deus age pactualmente na comunidade, chamando e incluindo quem ele quer em seu pacto. Depois, o pregador chama os pais, que trazem o pequeno para entrar no pacto, ao ser aspergido em nome do Deus trino. O pregador pode dirigir aos pais as palavras solenes e conduzi-los ao compromisso de educar seus filhos na fé.



Acervo do autor

Catedral de Saint-Pierre, em Genebra, Suíça.

Não temos autoridade para mudar o batismo, que é um rito ordenado nas Escrituras, mas a criatividade pode impactar as pessoas e tornar a experiência visualmente bela, inesquecível até. O risco que o pregador corre é que, ao entrarem com os pequenos, talvez os pais

caiam de joelhos na sua frente, em prantos, por entenderem que, pela fé e pela graça, seu filho está sendo incluído no pacto da graça que Deus estabelece entre si e os piores pecadores, por meio do mediador pactual, que é Jesus Cristo, e sendo também selado pelo Espírito Santo.

Para os pregadores batistas e os que praticam o batismo por imersão, pensem em embelezar o rito, por exemplo, transformando o batistério em uma tumba, como em algumas Igrejas Ortodoxas antigas, para simbolizar visualmente o lugar do sepultamento e da ressurreição de Cristo e, por conseguinte, da nossa morte e ressurreição em Jesus Cristo, quando batizados por meio do Espírito Santo.

Quanto à ceia, reforço que para mim esse rito é um momento à parte na vida da comunidade, que não deveria ser celebrado em um culto público. Consulte as passagens bíblicas já citadas de Mateus 26.26-29, Marcos 14.22-25 e 1Coríntios 10.16-22; 11.17-30. Se o batismo é o momento de entrada no povo de Deus, a ceia é o rito que faz uma cisão radical entre o povo de Deus e aqueles que ainda não são parte desse povo. É embaraçoso realizar uma ceia para um povo misto, quando algumas pessoas podem receber o pão e o cálice e outras não (ou, mais triste e até mesmo desconcertante, quando em certas igrejas apenas os membros da igreja local podem participar da ceia e pede-se que mesmo membros comungantes de outras igrejas evangélicas não participem do rito!).

Para evitar essa situação e fazer da ceia um momento bonito para a igreja, é possível, por exemplo, realizá-la num sábado, só para os fiéis já batizados no nome trino. O pregador pode combinar com os membros da comunidade para que tragam comida e bebida e tenham um momento de comunhão. Ao fim do período de refeição comunitária, a comida deve ser retirada da mesa, e os elementos da ceia, servidos (pode-se embelezar a mesa com a inclusão de uma cruz, cachos de uvas, ervas amargas etc.). Apenas com os fiéis batizados e que estão em comunhão com uma igreja local, o pregador deve rememorar as palavras de Cristo para a comunidade. Ele pode perguntar, antes de dividir o pão: "Alguém tem algo contra algum irmão ou irmã aqui presente?". O pregador descobrirá que a ceia pode se tornar um momento muito tocante, comovente e emocionante. Nesse ambiente de apenas familiares da fé, os fiéis terão mais liberdade para perdoar transgressões e confessar pecados. Uma pessoa

pode dizer: "Eu falei mal de Beltrano, e sei que minha calúnia se espalhou. Eu queria pedir perdão diante dos irmãos e irmãs; se posso fazer algo para remediar o que fiz, por favor, me digam", e a outra: "Eu estava amargurado pelo que irmão Fulano falou, mas eu lhe perdoo". E então todos comem e bebem com fé, no Espírito.

Talvez, nesse ambiente mais íntimo, mais familiar, o pregador note alguma pessoa querendo se excluir da ceia. Ela talvez se sinta indigna. O pastor então pode chegar perto dela, discretamente, e dizer-lhe, baixinho, em particular: "Confesse a Deus o seu pecado. Tome o pão e o cálice. Coma com fé e beba com fé". Muito provavelmente aquela pessoa chorará, restaurada, abandonando seus pecados naquele momento.

Note que essas sugestões estão dentro dos limites que Deus estabeleceu no Novo Testamento por meio de sua Palavra sagrada. O pregador tem toda a liberdade para tornar esses eventos (a pregação, o batismo e a ceia) ocasiões memoráveis, que marquem a comunidade. O culto de celebração da ceia pode ser estruturado com um sermão um pouco menor, músicas que tratem da morte e da ressurreição de Cristo, com tempo gasto para meditar, em silêncio, sobre o significado de comer e beber com fé.

Hendrikus Berkhof afirmou o seguinte:

> Na Palavra, nos sacramentos e no ministério, Cristo se torna presente para a comunidade de sua igreja. Essa comunidade por sua vez é chamada para ser o meio pelo qual Cristo se faz presente no mundo.[19]

Uma comunidade da Palavra e dos sacramentos é uma comunidade marcada pela simplicidade e pela humildade, num mundo que valoriza cada vez mais a opulência e o poder. Não é necessário ter estrutura pesada. Além disso, uma comunidade da Palavra e dos sacramentos é uma comunidade que vai conduzir os fiéis a glorificar a Deus no mundo, como artistas, médicos, advogados, engenheiros, professores, donas de casa, marceneiros etc. Uma comunidade da Palavra e das ordenanças é um lugar em que o Reino é, de fato, tão real que as pessoas vão glorificar a Deus durante a semana e sentirão vontade de voltar a essa igreja no domingo seguinte. É uma comunidade em que algum momento alguém vai, ousadamente, se queixar e dizer: "O culto poderia ter demorado um pouco mais", "Poderia ter havido mais hinos e cânticos", ou "O pastor poderia ter estendido a pregação", ou até mesmo "O batismo de hoje me fez lembrar do meu e me fez chorar". E aí, então, esse fiel sai para o mundo na segunda-feira para estender

o Reino de Deus na criação.

A *Confissão escocesa*, ainda no mesmo artigo citado anteriormente, diz o seguinte:

> Onde quer que essas marcas se encontrem e continuem por algum tempo — ainda que o número de pessoas não exceda de duas ou três — ali, sem dúvida alguma, está a verdadeira Igreja de Cristo, o qual, segundo a sua promessa, está no meio dela.[20]

Pregadores, sejam ousados e criativos dentro desses limites, das marcas da igreja verdadeira: a pregação da pura Palavra de Deus e a correta administração do batismo e da ceia, em dependência do Espírito Santo. Que Deus nos dê graça e que ele nos ajude a ser a igreja verdadeira no poder do Espírito, hoje, aqui e agora, em nosso país.

Devocional

Julgo apropriado encerrar este capítulo citando a última estrofe do solene hino de Tomás de Aquino, *Canta, ó língua* (*Pange lingua*), de 1264:

> Ao eterno Pai cantemos
> e a Jesus, o Salvador.
> Ao Espírito exaltemos,
> na Trindade, eterno amor.
> Ao Deus uno e trino demos
> a alegria do louvor. Amém.

Leituras de aprofundamento

Bonhoeffer, Dietrich. *Vida em comunhão* (São Leopoldo: Sinodal, 1998).

Beeke, Joel; Ferguson, Sinclair. *Harmonia das confissões reformadas* (São Paulo: Cultura Cristã, 2006).

Bridge, Donald; Phypers, David. *Águas que dividem: uma reflexão sobre a doutrina do batismo* (São Paulo: Vida, 2005).

De Boor, Werner. *Evangelho de João* (Curitiba: Esperança, 2002). vols. 1 e 2.

Eby, David. *Pregação poderosa para o crescimento da igreja* (São Paulo: Candeia, 2001).

Ferreira, Franklin. *Teologia sistemática*. Curso Vida Nova de

Teologia Básica (São Paulo: Vida Nova, 2013). p. 192-220.

_____; MYATT, Alan D. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual* (São Paulo: Vida Nova, 2008). p. 913-1045.

MARTIN, Ralph P. *A Adoração na igreja primitiva* (São Paulo: Vida Nova, 2012).

SPROUL, R. C. *A alma em busca de Deus* (Rio de Janeiro: JUERP, 1995).

[1]"Confissão de Augsburgo", artigo VII, in: *Livro de concórdia*, p. 31.

[2]"Confissão de fé escocesa", cap. 18, citado em Douglas Bond, *A poderosa fraqueza de John Knox*, p. 134.

[3]"Artigo 29", in: Joel Beeke; Sinclair Ferguson, *Harmonia das confissões reformadas*, p. 188.

[4]"Pergunta 65", in: Joel Beeke; Sinclair Ferguson, *Harmonia das confissões reformadas*, p. 204.

[5]"Pergunta 88", in: Joel Beeke; Sinclair Ferguson, *Harmonia das confissões reformadas*, p. 206-7.

[6]São desconhecidas as razões históricas que levaram os batistas dos Estados Unidos, a partir do século 19, a abraçar uma visão meramente "memorialista" do batismo e da ceia. Duas razões aventadas são a rápida multiplicação das igrejas batistas pelo sul dos Estados Unidos, com um consequente declínio de um ensino bíblico mais profundo, e a chegada do liberalismo teológico, com seu racionalismo, no começo do século 20.

[7]*O Espírito Santo*, p. 269.

[8]Ibidem.

[9]Ibidem.

[10]Citado em Bruce K. Waltke; James M. Houston. *Salmos como adoração cristã* (São Paulo: Shedd, 2015), p. 12.

[11]São Paulo: Companhia das Letras, 1992, *passim*. Updike foi um dos mais importantes romancistas americanos do século 20, profundamente influenciado pelos escritos de C. S. Lewis e Karl Barth. Outras obras de sua autoria, com temática especificamente cristã, são *Pai Nosso computador* (Rio de Janeiro: Rocco, 1987) e *Na beleza dos lírios* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), seu texto mais ambicioso. Seus livros devem ser lidos com discernimento, pois lidam com crises de fé, traições amorosas, discussões sociais e conflitos entre gerações.

[12]John Calvin, *Commentary on Matthew, Mark, Luke* (Albany: Ages, 1997), vol. 3, p. 296.

[13]O leitor deve notar que não abordarei áreas de discordância entre pedobatistas e credobatistas, como a relação da fé com o batismo.

[14]Sinclair Ferguson, *A devoção trinitária de John Owen*, p. 110.

[15]*The teaching of the Church regarding baptism* (Eugene: Wipf and Stock, 2006), p. 32-3.

[16]Werner De Boor, *Evangelho de João* (Curitiba: Esperança, 2002), vol. 1, passim. A frase de Schlatter foi extraida de Erläuterungen zum NT, vol. 3.

[17]Sinclair Ferguson, *A devoção trinitária de John Owen*, p. 110-1.

[18]R. C. Sproul, *A alma em busca de Deus*, p. 145-6.

[19]*Doctrine of the Holy Spirit*, p. 64, citado em Michael W. Goheen, *A igreja missional na Bíblia: luz para as nações* (São Paulo: Vida Nova, 2014), p. 212.

[20]"Confissão de fé escocesa", cap. 18, citado em Douglas Bond, *A poderosa fraqueza de John Knox*, p. 134.

PALAVRAS FINAIS

CONVÉM CONCLUIRMOS CITANDO a carta dirigida à igreja em Laodiceia, a qual equilibra "uma denúncia feroz de complacência com um suave apelo ao fervor"[1]:

> Escreve ao anjo da igreja em Laodiceia: Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus: Conheço tuas obras, sei que não és frio nem quente. Antes fosses frio ou quente! Assim, porque tu és morno, e não és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca. Porque tu dizes: Sou rico, tenho prosperado e nada me falta, mas não sabes que és infeliz, miserável, pobre, cego e nu. Eu te aconselho que compres de mim ouro refinado no fogo, para que te enriqueças; roupas brancas, para que te cubras e a vergonha da tua nudez não seja mostrada; e colírio, para que o apliques sobre teus olhos e enxergues. Eu repreendo e castigo a todos quantos amo: sê pois zeloso e arrepende-te. Estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo. Ao vencedor, eu lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas (Ap 3.14-22).

Atentemos para essa advertência!

Que nos arrependamos de nossa mornidão e autossuficiência.

Que nossa fé em Jesus Cristo crucificado e ressurreto seja renovada e encontremos satisfação no banquete espiritual que nosso Salvador nos oferece.

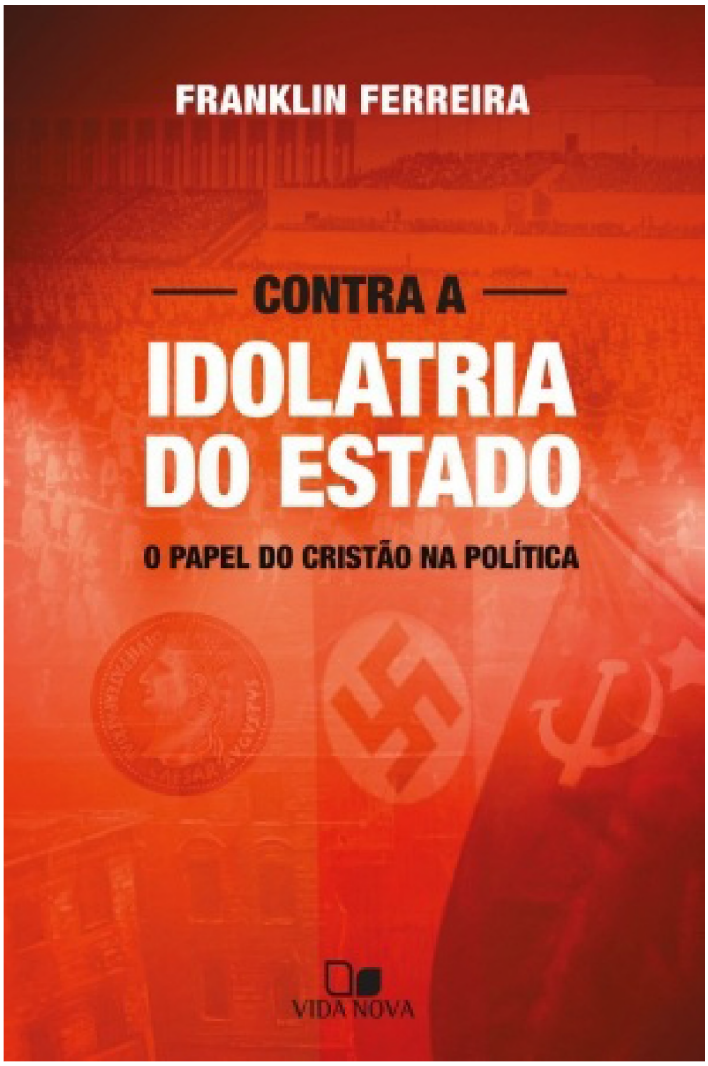
E que o Espírito Santo nos assista, para que assumamos um fervoroso compromisso com o Deus soberano e seu Filho eterno.

Por fim, parafraseando Agostinho de Hipona:

> Senhor, único Deus, Deus Trindade, tudo o que disse de ti neste livro, de ti vem. Reconheçam-no os teus, e se algo há de meu, perdoa-me e perdoem-me os teus. Amém.[2]

1 John R. W. Stott, *O que Cristo pensa da igreja* (Campinas: United Press, 1998), p. 111.

2 *A Trindade*, 15.28, p. 557.



Contra a idolatria do Estado

Ferreira, Franklin

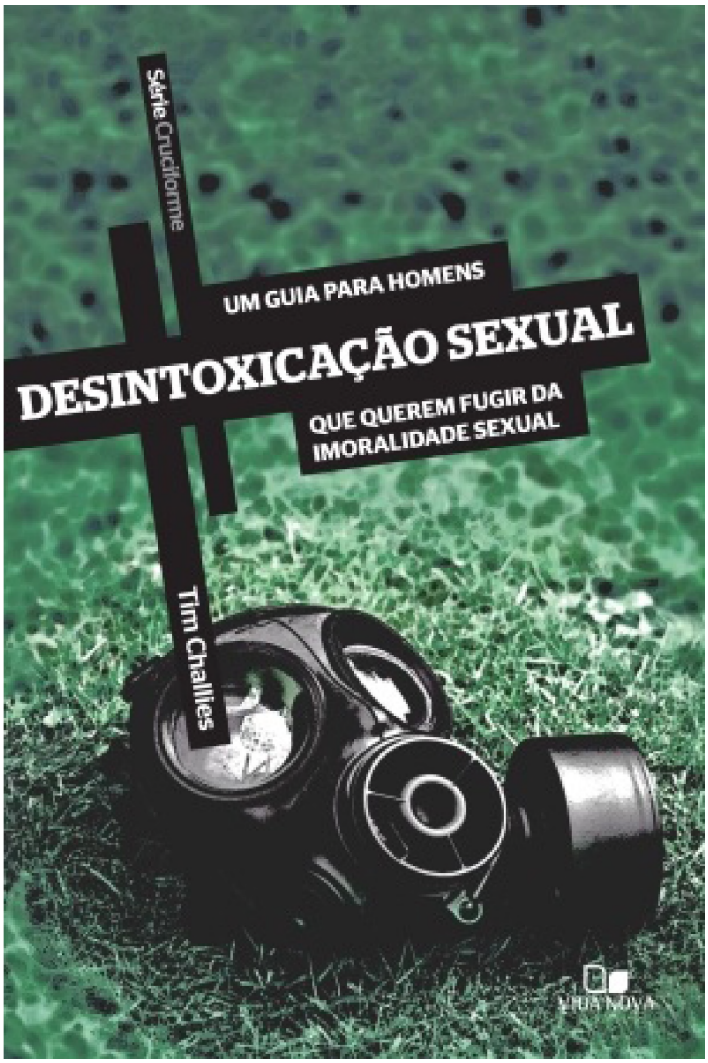
9788527506649

288 páginas

Compre agora e leia

Contra a idolatria do Estado oferece ao leitor uma oportunidade singular de se posicionar de maneira ativa e consciente no atual cenário político nacional e internacional. Por meio da mensagem evangélica, a “religião do Estado” é confrontada e a ação política cristã é legitimada, ao mesmo tempo que qualquer autoridade humana é submetida à autoridade soberana de Deus, o único a quem devemos culto em todas as esferas de nossa vida.

Compre agora e leia



Desintoxicação sexual

Challies, Tim

9788527505109

112 páginas

Compre agora e leia

Você não aguenta mais tanta pornografia? É hora de se desintoxicar. Este livro apresenta um retorno à saúde, um retorno à normalidade.

Uma alta porcentagem de homens precisa se desintoxicar da pornografia, ou seja, recomeçar do zero do ponto de vista moral e psicológico. Seria o seu caso também? Se for, ainda que nem saiba disso, a pornografia corrompeu sua maneira de pensar, enfraqueceu sua consciência, distorceu seu senso de certo e errado e deformou seu entendimento e suas expectativas a respeito da sexualidade.

Você precisa de um recomeço conduzido por Aquele que criou o sexo.

“Numa época em que o sexo é venerado como um deus, um livro pequeno como este é capaz de dar uma grande contribuição, ajudando os homens a superar o vício do sexo.”
Pastor Mark Driscoll, Mars Hill Church

Compre agora e leia



Ministérios de misericórdia

Keller, Timothy

9788527506854

272 páginas

Compre agora e leia

Por que alguém arriscaria a própria segurança, cancelaria a agenda, gastaria suas economias e ficaria todo sujo de terra e sangue para ajudar uma pessoa de outra raça e classe social?

E por que Jesus nos diz: “Vai e faze o mesmo” (Lc 10.37)?

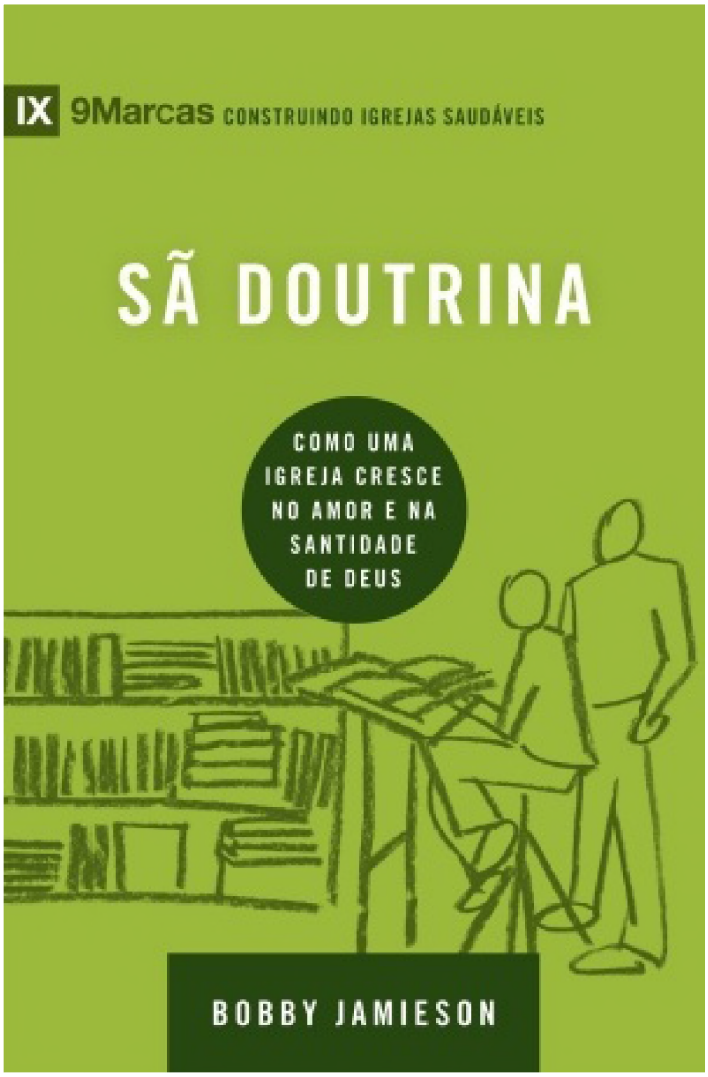
O Bom Samaritano não ignorou o homem espancado na estrada de Jericó. Assim como ele, tomamos ciência de pessoas necessitadas à nossa volta: a viúva que mora ao lado, a família afundada em dívidas médicas, o sem-teto que fica do lado de fora da igreja. Deus nos chama a ajudá-los, precisem eles de abrigo, assistência, cuidados

médicos ou simplesmente amizade.

Tim Keller mostra que cuidar dessas pessoas é tarefa de todo cristão, tarefa tão fundamental ao cristão quanto o evangelismo, o discipulado e a adoração. Mas Keller não para por aí. Ele ensina de que maneira podemos realizar esse ministério vital como indivíduos, famílias e igrejas.

Ao final, cada capítulo oferece perguntas para debate e aplicação.

Compre agora e leia



Sã doutrina

Jamieson, Bobby
9788527506755
128 páginas

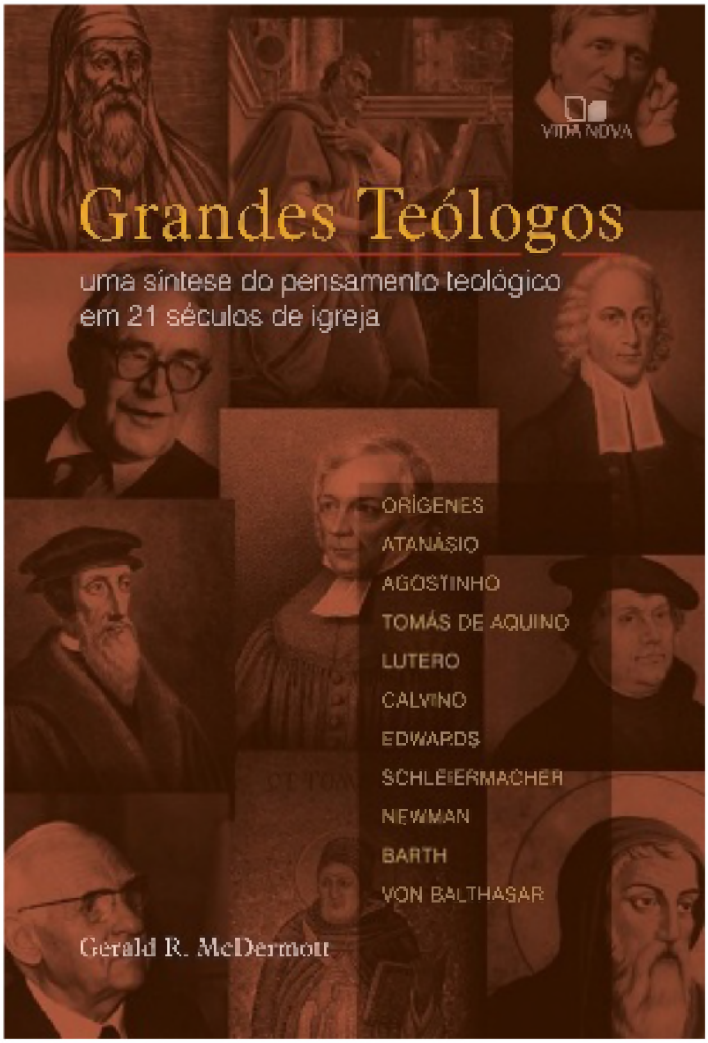
Compre agora e leia

COMO VOCÊ SE RELACIONA COM A DOUTRINA?

Qualquer que seja a resposta que lhe venha à mente, este livro não apenas o convencerá de que a sã doutrina é vital para uma vida piedosa, mas também explicará o papel essencial da teologia na vida de uma igreja saudável. Afinal de contas, pensar de modo correto sobre Deus influencia todas as áreas da vida, desde questões práticas até questões relacionadas ao crescimento da igreja em unidade e testemunho.

Este livro breve e de fácil leitura mostra como a boa teologia nos conduz à transformação, à vida e à alegria.

Compre agora e leia



Grandes teólogos

McDermott, Gerald

9788527507059

232 páginas

Compre agora e leia

Quem são os grandes teólogos da igreja? O que havia de especial em seus ensinos? O que podemos aprender com eles hoje?

Neste livro o autor não apenas nos instrui sobre onze teólogos de grande importância, mas também nos ajuda a identificar aquilo que continua válido para os nossos dias. Com perguntas para reflexão e debate no final de cada capítulo, Grandes teólogos é perfeito para o estudo individual ou em grupos pequenos. À medida que se der o estudo, os membros do grupo podem explorar a história teológica que um partilha com o outro e também descobrir as razões por que cada

um crê no que crê. Aqui está a oportunidade de pensar sobre Deus juntamente com “os grandes”.

Compre agora e leia